



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CAMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARIA RILDA ALVES DA SILVA MARTINS

**ANÁLISE DA ALTERNÂNCIA DOS PRONOMES *TU/VOCÊ/CÊ* NO FALAR
DE PORTO NACIONAL (TO) À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA COGNITIVA**

**PORTO NACIONAL
2017**

MARIA RILDA ALVES DA SILVA MARTINS

**ANÁLISE DA ALTERNÂNCIA DOS PRONOMES *TU/VOCÊ/CÊ* NO FALAR
DE PORTO NACIONAL (TO) À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA COGNITIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus Universitário de Porto Nacional, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Carine Haupt
Coorientador: Prof. Dr. Daniel Marra da Silva

**PORTO NACIONAL - TO
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M386a Martins, Maria Rilda Alves da Silva.

ANÁLISE DA ALTERNÂNCIA DOS PRONOMES TU/VOCÊ/CÊ NO FALAR DE PORTO NACIONAL (TO) À LUZ DA SOCIOLINGUISTICA COGNITIVA. / Maria Rilda Alves da Silva Martins. – Porto Nacional, TO, 2017.

119 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2017.

Orientadora : Carine Haupt

Coorientador: Daniel Marra da Silva

1. Alternância. 2. Pronomes tu/você/cê . 3. Variação Linguística. 4. Porto Nacional. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

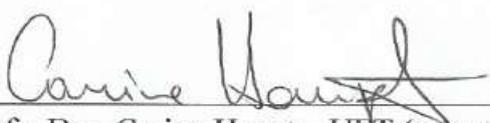
Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIA RILDA ALVES DA SILVA MARTINS

**ANÁLISE DA ALTERNÂNCIA DOS PRONOMES *TU/VOCÊ/CÊ* NO FALAR
DE PORTO NACIONAL (TO) À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA COGNITIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus Universitário de Porto Nacional, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

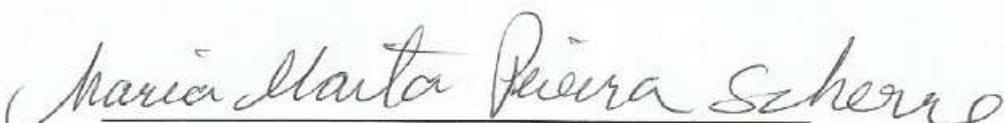
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Carine Haupt – UFT (orientadora)



Prof. Dr. Daniel Marra da Silva – IFTO/UFT (co-orientador)



Prof. Dra. Maria Marta Pereira Scherre – UFES/UnB (Examinadora Externa)



Prof. Dr. Sebastião Elias Milani – UFG (Examinador Externo)

Porto Nacional, 22 de agosto de 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A Deus, por ter me dado sabedoria e paciência para a realização deste trabalho.

Ao meu digníssimo esposo, pelo incentivo, pelo apoio, pela compreensão e pelo carinho.

Aos meus filhos, à minha mãe, ao meu pai (*in memoriam*), aos meus irmãos, às minhas cunhadas e aos meus cunhados, pelo carinho e, principalmente, por entenderem a minha ausência em algumas reuniões familiares, durante esse período de pesquisa.

Aos meus colegas da coordenação de Linguagens e Artes do IFTO – *Campus* Palmas, pela força.

Ao meu colega Kleiton Ribeiro de Araújo, pela preciosa ajuda nas gerações de dados.

Aos meus amigos e às minhas amigas, em especial a três grandes amigas: a Itamara Milhomem, por todo apoio prestado a mim e a minha família, e por estar do meu lado me ajudando nos momentos em que eu mais precisei; a Erika Luz, pelo apoio, pela confiança, pela amizade e pelas parcerias nas viagens para apresentações de trabalhos nos congressos; a Sylmara, pelo apoio e pelas correções de alguns textos e tradução do resumo dessa dissertação.

A Auricélia, pela amizade e companhia durante as viagens a Goiânia para cursar a disciplina de Sociolinguística.

À professora Dra. Tânia Ferreira Rezende, por aceitar-me na disciplina de Sociolinguística, como aluna especial na UFG, no ano de 2014. Foi lá que tive os primeiros contatos com essa teoria, realizei várias leituras e participei de riquíssimas discussões sobre a Sociolinguística Variacionista.

A Maria de Lourdes Nazário, Shirley Eliany Rocha Mattos e Wildinara Karlane, pelo cursinho do Goldvarb X, que foi muito útil nesta pesquisa.

Ao professor Dr. Sebastião Elias Milani e ao professor Dr. Kanavillil Rajagopalan, que fizeram parte da minha banca de qualificação.

Ao professor Dr. Sebastião Elias Milani, à professora Dra. Maria Marta Pereira Scherre e ao professor Dr. Francisco Edviges Albuquerque, por aceitarem o convite para compor a banca de defesa dessa dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT *Campus* Porto Nacional, por receber-me e fornecer-me os subsídios necessários para o

desenvolvimento da minha pesquisa. Em especial, agradeço ao coordenador do mestrado, professor Dr. Carlos Ludwig, pela atenção e por todo o apoio prestado.

À minha orientadora, professora Dra. Carine Haupt, por ter aceitado orientar-me e principalmente por acreditar que poderíamos melhorar o projeto e fazer algo inovador. Não foi fácil nos primeiros dias e meses, mas, após muitas discussões, conseguimos nos engajar nessa nova perspectiva de estudos linguísticos. Agradeço também pela atenção, por sua orientação precisa e eficiente. Eu sou muito grata por tudo.

Ao meu coorientador, professor Dr. Daniel Marra da Silva, por ter aceitado orientar-me. Agradeço pela amizade, por sua boa vontade em partilhar o seu vasto saber, por todos os conhecimentos que tem me transmitido durante todos esses anos, pela parceria nos estudos, pelas orientações precisas e de grande qualidade e pelas ricas discussões que tivemos para chegar a essa nossa proposta de pesquisa.

Ao Instituto Federal do Tocantins - IFTO Campus Palmas, na gestão do senhor Octaviano Sidnei Furtado, pelo apoio em tudo o que eu precisei, principalmente por disponibilizar o transporte para a realização das gerações de dados na cidade de Porto Nacional. Agradeço também a Leandro, coordenador de transporte, pela gentileza e por providenciar agilmente os veículos nos dias de viagem.

À comunidade portuense, que abriu as portas de suas casas e recebeu-me muitíssimo bem, meu muito obrigada!

RESUMO

Nesta investigação, descrevemos e analisamos a alternância dos pronomes *tu*, *você* e *cê* na fala da comunidade urbana de Porto Nacional – Tocantins, município localizado na região central do estado, a 62 km da capital Palmas, norte do Brasil. Partimos da hipótese de que um mesmo falante utiliza duas ou mais variantes em seu discurso e que essas alternâncias não são aleatórias, mas condicionadas por fatores linguísticos, sociais e cognitivos. A fim de compreendermos o processo de alternância dessas variantes, sobretudo a percepção de que os próprios falantes têm da variação, buscamos amparo no novo viés teórico-metodológico apresentado pela Sociolinguística Cognitiva, que propõe estudar amplamente a natureza experiencial do significado, considerando que as escolhas linguísticas que os falantes usam discursivamente são determinadas por diferentes fatores: escolhas lexicais de conceitos específicos determinados pela situação sociodiscursiva e outras escolhas lexicais que têm a ver não com diferenças de conceitos, mas com diferenças sociolinguísticas, estilísticas ou pragmáticas (SOARES DA SILVA, 2009). A partir do diálogo com a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972 [2008]), sociolinguística cognitiva (MORENO FERNANDEZ, 2012, SOARES DA SILVA, 2009), pragmática discursiva (VAN DIJK, 2012) e Semântica Cognitiva (SOARES DA SILVA, 2009), analisamos a alternância da segunda pessoa do singular no falar portuense. Para a composição da amostra, selecionamos 36 falantes estratificados conforme as faixas etárias de dezoito (18) a trinta e cinco (35) anos, de trinta e seis (36) a cinquenta e cinco (55) anos e mais de cinquenta e cinco (55) anos de idade, com níveis de escolaridade Fundamental (completo e incompleto), Ensino Médio e Ensino Superior de ambos os sexos: feminino e masculino. Para a realização das análises quantitativas dos dados, utilizamos o programa computacional GOLDVARB X. No decorrer da análise, foram descritos os contextos linguísticos, sociais e cognitivos que condicionam, de forma correlacionada, o comportamento linguístico dos falantes portuenses quanto à alternância da segunda pessoa do singular. Os resultados desta pesquisa indicam que os falantes portuenses alternam as formas *você* e *cê* com mais frequência (essas formas são mais prototípicas), ao contrário do pronome *tu* (forma mais periférica), que se apresentou em menor escala no falar dessa comunidade. As variantes *você* e *cê* apresentaram comportamentos linguísticos distintos: houve contextos que favoreceu a ocorrência do pronome *você* e outros contextos variáveis, em que a ocorrência da forma reduzida *cê* mostrou-se mais significativa, condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos. A variante *cê* se apresentou como a mais recorrente no falar da comunidade portuense. Considerando os resultados sobre a percepção dos falantes acerca da variação linguística, notamos a existência de contextos específicos que condicionaram o processo de percepção e de seleção das variantes. Um deles foi o grau de escolaridade, pois somente através da escolarização e do progressivo contato com falantes de diferentes origens que o falante passa a adquirir uma consciência e um conhecimento das variedades de uma língua, assim como de suas variáveis e variantes (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Pudemos perceber neste estudo o processo cognitivo envolvido na variação, destacando a capacidade de observação, análise e interpretação do cenário comunicativo de que cada indivíduo dispõe. O processo cognitivo envolvido na variação põe em destaque a particularidade com que cada indivíduo percebe o entorno comunicativo, fazendo com que ele tome consciência de sua individualidade e se posicione como um agente do processo discursivo, podendo eleger uma forma ou outra, a depender das condições sociolinguísticas propícias.

Palavras-chaves: Alternância. Pronomes *tu/você/cê*. Porto Nacional. Variação Linguística.

ABSTRACT

In this research, we described and analyzed the alternation of the *tu*, *você* e *cê* pronouns in the urban community speech, in the city of Porto Nacional – Tocantins, a town that is located in the central region of the state, 62 km away from the capital, Palmas, in the north of Brasil. We formed the hypothesis that the same speaker utilizes two or more variants in his/her discourse and those alternations are not done at random but they are conditioned by linguistic, social and cognitive factors. In order to comprehend the alternation process of those interchanges and, above all, the perception that the speakers themselves have of the alternations, we sought subsidies in the new theoretical-methodological bias proposed by the cognitive sociolinguistics. It recommends experiential nature of the meaning to be extensively studied, as the linguistic choices that the speakers use in their discourse are determined by different factors: lexical choices of specific concepts determined by the socio-discursive situation and other lexical distinctions that do not address the difference of concepts but the sociolinguistic, stylistic or pragmatic differences (SOARES DA SILVA, 2009). From the communication with variationist sociolinguistics (LABOV, 1972 [2008]), the cognitive sociolinguistics (MORENO FERNANDEZ, 2012) and (SOARES DA SILVA, 2009), discursive pragmatics (VAN DIJK, 2012) and the cognitive semantics (SOARES DA SILVA, 2009), the alternation of the second person singular in Porto Nacional speech community was analyzed. To compose the sample, there were selected 36 speakers, stratified in the age range of eighteen (18) to thirty-five (35) years old, from thirty-six (36) to fifty-five (55) years old and over fifty-five (55) years old. In relation to the level of education, we selected speakers from the Basic education (complete and incomplete), High school and Undergraduate Courses. In regard to gender: feminine and masculine. To undertake the quantitative analyzes of the data we used the computational program GOLDVARB X. In the course of the analysis, there were described the linguistic, social and cognitive contexts that affect, in a correlated manner, the linguistic behavior of the Porto speakers in terms of the alternation of the second person singular. The results of this research indicate that the Porto speakers alternate the forms *você* and *cê* more frequently (those forms are more prototypical) than the pronoun *tu* (more peripheral form), that appeared in a lower ratio in that community speech. The variants *você* and *cê* presented distinct linguistic behavior, there were contexts that favored the occurrence of the *você* pronoun and in some other variable contexts the episode of the reduced form *cê* revealed to be more significant, conditioned by linguistic, social and cognitive factors. The variant *cê* presented itself as the more appellant in that community speech. Considering the results about the perception that the speakers have of the linguistic variation, we noticed that there were specific contexts that determined the perception process and the variant selection. One of them was the schooling level because only through education and the progressive contact with the speakers of diverse origins the speaker acquires the consciousness and the knowledge about the language variety, as well as its variants and variables (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). We could realize in this study the cognitive process that is involved in the variation, thus highlighting the ability of observing, analyzing and interpreting the communicative scenario that each individual disposes. The cognitive process involved in the variation features the specificity with which each individual perceives the communicative environs, making it possible for him/her to become aware of his/her individuality and standpoint as discursive process agent, being able to elect one form or another, depending on the adequate sociolinguistic conditions.

Keywords: Alternation. Pronouns *tu/você/cê*. Porto Nacional. Linguistic Variation.

LISTA DE QUADROS E MAPAS

QUADRO 1	Porto Imperial - Origem dos imigrantes de 1872	11
QUADRO 2	Reestruturação do Paradigma verbal	14
QUADRO 3	Paradigma Pronominal em uso	15
QUADRO 4	Pronomes pessoais retos e oblíquos	17
QUADRO 5	Pronomes pessoais em Castilho	18
QUADRO 6	Origem dos falantes colaboradores da nossa pesquisa	20
QUADRO 7	Síntese da distribuição dos seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa por região e estado	21
QUADRO 8	Perfil dos falantes	51
QUADRO 9	Identificação social dos falantes da amostra de fala de Porto Nacional.....	54
QUADRO 10	Codificação das variantes	61
QUADRO 11	Síntese do significado da variante <i>tu</i> para os portuenses participantes da nossa pesquisa	67
QUADRO 12	Paradigma dos pronomes de segunda pessoa do singular em uso em Porto Nacional	95
QUADRO 13	Paradigma dos pronomes de segunda pessoa do singular em uso	95
MAPA 1	Porto Nacional e setores	56
MAPA 2	Porto Nacional – TO: Os locais das gerações dos dados	56

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Frequência de uso das variantes <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>cê</i> no falar portuense	64
TABELA 2	Alternância das variantes <i>você</i> e <i>cê</i> , por falante, na amostra	68
TABELA 3	Frequência de uso das variantes <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>cê</i> , conforme o grau de intimidade	78
TABELA 4	Frequência de uso das variantes <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>cê</i> em relação a escolaridade.....	80
TABELA 5	Frequência de uso das variantes <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>cê</i> em relação a faixa etária.....	81
TABELA 6	Frequência de uso das variantes <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>cê</i> em relação ao sexo	85
TABELA 7	Frequência de uso das variantes <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>cê</i> em relação ao tipo de frase	86
TABELA 8	Frequência de uso das variantes <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>cê</i> em relação a tipologia textual	87
TABELA 9	Frequência de uso das variantes <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>cê</i> em relação ao tipo de discurso	89
TABELA 10	Resultado estatístico dos pronomes <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>cê</i> na função de Sujeito e <i>você</i> e <i>tu</i> na função de Objeto	92
TABELA 11	Resultado estatístico dos pronomes <i>você</i> e <i>cê</i> , e seus correlatos oblíquos <i>te</i> e <i>ti</i>	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. CONTEXTO HISTÓRICO DO LÓCUS DA PESQUISA	05
1.1 As primeiras Povoações: Pontal e Porto Real	05
1.2 Surgimento de Porto Real/Porto Nacional	07
1.3 Os primeiros habitantes de Porto Nacional.....	10
2. A NOVA CONFIGURAÇÃO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR	13
2.1 A reestruturação do quadro pronominal do português brasileiro e suas implicações na alternância do pronome de segunda pessoa do singular	13
2.2 A perspectiva sociolinguística dos pronomes de segunda pessoa do singular do português brasileiro nas regiões dos antecedentes e dos colaboradores desta pesquisa	19
3. APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA COGNITIVA	25
3.1 Sociolinguística, Sociolinguística Variacionista, Linguística Cognitiva e Sociolinguística Cognitiva	26
3.2 Conceitos Fundamentais da Sociolinguística Cognitiva.....	32
3.2.1 Linguística Cognitiva: percepção, protótipo, esquema (esquema imagético), categorias, frequência e linguística baseada no uso	33
3.2.2 Teorias da interação comunicativa: Acomodação Comunicativa e Atitudes Linguísticas.....	38
3.2.3 Teorias da variação e da mudança linguística: variação e eleição/escolha.	39
3.2.4 Sociologia dinâmica da situação: contexto, rede, interação comunicativa, discurso e ato.....	40
4. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	46
4.1 Pressupostos Metodológicos da Sociolinguística Cognitiva	46
4.1.1 Os princípios da análise Sociolinguística Cognitiva.....	48
4.2 Seleção dos participantes para a amostra.....	51
4.2.1 Localização da pesquisa.....	55
4.3 Geração dos dados	57
4.4 Levantamento e codificação dos dados	60
5. ANÁLISE DOS DADOS	64
5.1 Variável dependente	64
5.2 Variáveis sociais	71
5.2.1 Grau de intimidade entre os interlocutores	74
5.2.2 Escolaridade	79
5.2.3 Faixa etária.....	81
5.2.4 Sexo dos falantes.....	84

5.3	Variáveis linguísticas	86
5.3.1	<i>O tipo de frase: interrogativas, não interrogativas</i>	86
5.3.2	<i>Tipologia textual: instrucional, não instrucional</i>	87
5.3.3	<i>Tipo de discurso: monitorado – não monitorado</i>	88
5.3.4	<i>Análise da função sintática das variantes</i>	90
5.3.4.1	<i>As funções sintáticas das variantes: você, cê e tu – sujeito, objeto direto e os correlatos oblíquos</i>	91
5.4	Análise Morfossintática da Alternância da segunda pessoa do singular no falar portuense	94
6.	CONCLUSÃO	96
	REFERÊNCIAS	101
	ANEXO: Parecer Substanciado do CEP.....	105

INTRODUÇÃO

Neste estudo, descrevemos e analisamos a alternância dos pronomes *tu/você* e *cê* no falar da comunidade urbana de Porto Nacional – TO, município localizado na região central do estado do Tocantins, a 62 km da capital Palmas, região norte do Brasil. Partindo da hipótese de que um mesmo falante pudesse utilizar duas ou mais variantes de segunda pessoa do singular em seu discurso, decidimos constituir uma amostra de fala dessa comunidade para verificarmos as motivações da alternância dos pronomes *tu/você/cê*.

A forma pronominal de segunda pessoa do singular no português brasileiro tem sido objeto de investigação sociolinguística em várias regiões brasileiras. Os trabalhos realizados sob essa perspectiva analisam a variação linguística a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, que, por sua vez, correlaciona os aspectos linguísticos e sociais para a explicação da variação. Todavia, no início do século XXI, alguns linguistas reconheceram a necessidade de incluir os aspectos cognitivos também fundamentais para a explicação do processo da variação e da mudança linguística. Assim, emerge a Sociolinguística Cognitiva como extensão e linha de investigação em Linguística Cognitiva, que também embasa esta investigação.

A institucionalização dessa nova área de pesquisa se concretiza a partir da recente publicação do volume coletivo organizado por Gitte Kristiansen e René Dirven, *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems* (2008), bem como do livro *Sociolinguística Cognitiva: proposiciones, escolios y debates* (2012), de Francisco Moreno Fernández.

Ganham, assim, os estudos linguísticos mais um aparato para analisar a variação linguística. Esse novo viés teórico-metodológico apresentado pela Sociolinguística Cognitiva propõe estudar amplamente a natureza experiencial do significado, levando em consideração que as escolhas linguísticas feitas pelos falantes no ato discursivo são determinadas por diferentes fatores: escolhas lexicais de conceitos específicos determinados pela situação sociodiscursiva e outras escolhas lexicais que têm a ver não com diferenças de conceitos, mas com diferenças sociolinguísticas, estilísticas ou pragmáticas (SOARES DA SILVA, 2009).

É a partir do diálogo com a teoria da Sociolinguística Cognitiva e Variacionista que analisamos a alternância da segunda pessoa do singular no falar portuense, a fim de entendermos o porquê da escolha de uma ou mais variantes dentre as disponíveis no sistema linguístico do usuário da língua. Além disso, pretendemos responder também aos seguintes questionamentos: O que leva o falante a selecionar uma determinada variante entre outras?

Quais os fatores linguísticos, socioculturais e cognitivos que condicionam o processo de seleção e de percepção dessas variantes? Qual é o significado da variação para os falantes? Qual sexo é mais sensível à variante prestigiada? A alternância entre as formas de tratamento *tu*, *você* e *cê* está ligada à configuração do contexto conversacional? A manutenção do *tu*, quando ocorre, é ou não marcada pela forma verbal de segunda pessoa do singular?

Muitos são os estudos que têm apontado as variações do uso da segunda pessoa do singular no português brasileiro, mas sob o viés da emergente sociolinguística cognitiva ainda quase não há trabalhos realizados. Um trabalho representativo do pronome de segunda pessoa publicado no Brasil em 2014 diz respeito à *Mistura Pronominal ou Naturalidade do sincretismo na fala popular do Brasil?*, de Ivanilde da Silva (FFLCH/USP). Desse modo, a presente investigação objetiva analisar a alternância das formas de segunda pessoa do singular à luz da Sociolinguística Cognitiva, a fim de incluir o Tocantins nos estudos dessa natureza e contribuir para futuras pesquisas.

A partir do processo de emancipação do estado do Tocantins, ocorrido em 1988, inicia-se um fluxo migratório para várias cidades do mais novo estado do Brasil, trazendo consigo variedades linguísticas e culturais que, acrescentadas às já existentes na região, enriquecem e evidenciam os falares tocaninenses, entre eles, o falar portuense. Algumas variedades são pouco conhecidas cientificamente. Nesse contexto, são especificamente raras pesquisas sobre a segunda pessoa do singular. Daí advém a necessidade de posicionarmos um estudo sobre esse fenômeno na comunidade de fala de Porto Nacional, para que possamos registrar os usos dos pronomes *tu/você/cê* e contribuir com os estudos sociolinguísticos já realizados e em desenvolvimento no país sobre esse fenômeno. Tudo isso justifica a realização dessa pesquisa no falar portuense.

Ademais, o que motivou a realização desta pesquisa foi a necessidade de identificar os condicionantes linguísticos, sociais e cognitivos que influenciam a(s) escolha(s) de uma ou mais variantes dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala espontânea de Porto Nacional. Para analisar a alternância das variantes selecionadas, pretendemos testar as seguintes hipóteses: (i) um mesmo falante alterna os pronomes *tu*, *você* e *cê*; (ii) essas alternâncias, às vezes, são percebidas pelos próprios falantes, motivadas por fatores linguísticos, extralinguísticos, socioculturais e cognitivos, dentre outros; (iii) o significado da variação está relacionada à questão cultural, social, linguística e cognitiva dos falantes, *porque nada se constrói do zero; experiências de fatos anteriores, lembranças acumuladas, memória etc. garantem aos usuários da língua adaptações e adequações aos falares*, (VAN DIJK, 2012); (iv) a alternância entre as formas de tratamento *tu*, *você* e *cê* está ligada à

configuração do contexto conversacional (compartimentalização de línguas); (v) a manutenção do *tu*, quando ocorre, não é acompanhada da marca verbal de segunda pessoa do singular; (vi) os fatores sociolinguísticos são subjetivamente percebidos pelos falantes.

Dado que a maioria dos estudos sobre a expressão de segunda pessoa do singular é fundamentada teoricamente pela Sociolinguística Variacionista, esta investigação correlacionará tal teoria com a Sociolinguística Cognitiva, a Pragmática e a Semântica Cognitiva. Como princípio semântico, fizemos uso dos apontamentos de Soares da Silva (2009), uma vez que esse autor inclui sistematicamente a proposta teórica da Sociolinguística Cognitiva, que estuda amplamente a natureza experiencial do significado; além de Moreno Fernández (2012), que estabelece empiricamente vínculos entre a variação semântica e diversos condicionantes externos. Sob a perspectiva pragmática, recorreremos a van Dijk (2012), que aborda o aspecto comportamental humano caracterizado pelo contexto, ou seja, “os contextos são construtos dos participantes” (VAN DIJK, 2012, p. 11); e a Moreno Fernández (2012), para quem os falantes reproduzem e projetam modelos comportamentais e linguísticos em suas diversas relações e interações sociais.

Como objetivo geral, pretendemos analisar e descrever a alternância da segunda pessoa do singular no falar português, a partir da inter-relação do social e do cognitivo, utilizando como referenciais teóricos e metodológicos os evidenciados pela Sociolinguística Variacionista e pela Sociolinguística Cognitiva, bem como as teorias morfossintáticas, pragmáticas, discursivas e semânticas. Assim, pretendemos com este estudo:

- verificar em que contextos sociais - idade, sexo e formação - o falante português alterna os pronomes *tu*, *você* e *cê* e em que medida se dá essa alternância pronominal;
- investigar como os processos sociolinguísticos são percebidos subjetivamente pelos falantes, a partir de aplicação de teste de percepção e produção linguística;
- averiguar qual é o pronome de segunda pessoa que os portugueses utilizam e afirmam usar para se dirigirem aos interlocutores, a partir da aplicação do teste de percepção e produção linguística;
- analisar se a alternância entre os pronomes *tu*, *você* e *cê* está ligada à configuração do contexto conversacional;
- elucidar se a variante *tu*, quando ocorre, acompanha ou não a marca de flexão canônica;

A amostra deste estudo foi constituída por 36 falantes estratificados nas faixas etárias de dezoito (18) a trinta e cinco (35) anos, de trinta e seis (36) a cinquenta e cinco (55) anos e

mais de cinquenta e cinco (55) anos de idade. Em relação ao nível de escolaridade, foram selecionados falantes do ensino fundamental (completo e incompleto), ensino médio e ensino superior. Foram entrevistados falantes do sexo feminino e masculino.

Para a execução desta pesquisa, foram adotadas as metodologias da Sociolinguística Variacionista para a geração e análise de dados. Além disso, recorreremos ao referencial da Sociolinguística Cognitiva no processo de análise. A Sociolinguística Cognitiva aprecia especialmente as possibilidades que oferece a metodologia qualitativa e explora ao máximo as possibilidades de uma adequada coordenação das análises quantitativas. Desse modo, esta pesquisa envolve ambas as abordagens metodológicas para alcançar seus objetivos.

Relativamente à organização, esta dissertação está dividida em cinco capítulos: no primeiro, apresentamos o contexto histórico de Porto Nacional, sua localização geográfica e constituição sociopolítica. No capítulo II, a reestruturação do quadro pronominal do português brasileiro e suas implicações na alternância do pronome de segunda pessoa do singular e a perspectiva sociolinguística dos pronomes de segunda pessoa do singular do português brasileiro nas regiões dos antecedentes e dos colaboradores desta pesquisa, além de alguns estudos realizados no Brasil sobre o fenômeno em análise. No capítulo III, apresentamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Cognitiva e Sociolinguística Variacionista. No quarto capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa. Finalmente, no quinto capítulo, apresentamos as análises dos dados de nosso estudo.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO DO LÓCUS DA PESQUISA

Este capítulo está estruturado em quatro seções, tendo por objetivo apresentar as primeiras povoações de Pontal e Porto Real, o surgimento de Porto Real, Porto Imperial e os primeiros habitantes de Porto Nacional. A partir desse estudo histórico, teremos uma breve noção das origens dos primeiros moradores desse município.

1.1 As primeiras povoações: Pontal e Porto Real

Porto Nacional, situado na antiga região norte do estado de Goiás, no atual estado do Tocantins, surgiu na última década do século XVIII, tendo sido emancipado no ano de 1861. Essa cidade possui uma bagagem histórica constituída por diferentes contextos políticos nacionais pelos quais passou. Ao longo de sua constituição, recebeu três denominações em diferentes épocas. Inicialmente, surgiu como um simples porto de passagem entre uma margem e outra do rio, principalmente atravessando moradores procedentes de Pontal (do lado esquerdo) e Monte do Carmo (do lado direito), recebendo, ainda no século XVIII, a denominação de Porto Real. Com o Decreto de 14 de novembro de 1831, Porto Real passa à categoria de vila e muda-se o nome para Porto Imperial. Em 1861, movida pela Lei n. 333, de 13 de julho, é elevada a cidade (BRANDÃO, 1978), continuando como Porto Imperial até o advento da República, quando o nome foi novamente mudado, passando a Porto Nacional, nome corrente. Essas nomeações acompanhavam o processo de emancipação do Brasil.

As primeiras povoações surgiram a partir da exploração das imensas riquezas minerais, ainda na época em que a capitania de Goiás pertencia à de São Paulo. Com a chegada da notícia a Lisboa sobre as riquíssimas minas de ouro, o rei de Portugal enviou D. Luís da Távora, Conde de Sarzedas, para Goiás, a fim de criar vilas e comarcas. Foi a partir daí que surgiram as primeiras povoações.

Para falar sobre essas primeiras povoações, serão apresentados: primeiro, a fundação de Pontal; e segundo, a possível data do surgimento de Porto Real, com base nos estudos de Odair Giraldin, realizados em 2002. Nesse estudo, o autor apresenta algumas informações sobre a relação entre Pontal e Porto Real, dois arraiais do norte de Goiás nos séculos XVIII e XIX. O autor afirma que Pontal e Porto Real

nasceram em situações distintas. Enquanto Pontal teve sua fundação em princípio do século XVIII, dentro do processo de intensificação da mineração na região, Porto Real, ao contrário, nasceu na decadência desta atividade, como uma forma de incentivar o comércio fluvial pelo Tocantins até Belém do Pará, tornando-se assim uma outra alternativa econômica para o norte de Goiás. Muito embora exista a tradição oral de que Porto Real teve seu desenvolvimento populacional promovido após o ataque dos Xerente que destruiu Pontal, esta versão não é condizente com as fontes documentais, sendo, no entanto, uma formação discursiva fundadora e justificadora da própria ação da população da região contra os povos indígenas (GIRALDIN, 2002, p. 1-2).

Sobre o surgimento de Pontal, Prado Jr. (1996 apud GERALDIN, 2002, p. 248) afirma que

foi um importante núcleo mineratório do século XVIII. Diversos são os autores que confirmam sua origem em 1738 (MATTOS, 1979); (SOUZA, 1967); (PALACIN, 1994). Segundo Cunha Mattos, Pontal estava situado “na parte ocidental de uma grande serra do mesmo nome, sobre o córrego do Lavapés, três e meia léguas a oeste do Porto Real e da margem esquerda do Tocantins”. O engano sobre a localização de Pontal é uma questão que vem se repetindo e sendo reproduzida por diversos historiadores e geógrafos, pois na maioria dos mapas de Goiás em que consta esse arraial, ele aparece quase sempre na margem direita do rio, ou seja, do mesmo lado de Porto Real e Carmo. Para sanar de vez essa dúvida, em visita, juntamente com outros pesquisadores Mary Karash e Odair Giraladin (na década de 1990), às ruínas do antigo núcleo, pudemos verificar que sua localização correta é realmente na margem esquerda do rio. O arraial de Carmo ou Monte do Carmo também tem sua origem no século XVIII, “fundado em 1741 sobre os rios da Água Suja e Sucuriú [...]” (MATTOS, 1979). De acordo com Souza (1967) e Palacin (1994), Monte do Carmo foi fundado em 1746.

Segundo Giraladin (2002), Pontal representou, a partir das primeiras décadas do século XVIII, o último povoamento não indígena no então norte de Goiás, permanecendo nesta posição até o final daquele século, momento em que houve a fundação do destacamento de Porto Real, às margens do rio Tocantins. Ainda, o autor ressalta que

a fundação de Pontal ocorreu na primeira metade do século XVIII. Pesquisadores da história colonial de Goiás, da importância acadêmica de Luís Palacin (1976:36) e Marivone de Matos Chaim (1974:25) confirmam a data de fundação de Pontal ocorrida em 1738. As primeiras minas de ouro dos sertões de Goiás foram descobertas na região habitada pelos índios Goiá, em 1722. Trata-se aqui da região situada nas margens do rio Vermelho, afluente do médio-Araguaia, onde atualmente está situada a Cidade de Goiás, antiga Vila Boa, a qual manteve-se, durante muitos anos, como a capital da

Capitania, mais tarde Província, atualmente estado de Goiás (GIRALDIN, 2002, p. 1-2).

Nessa senda, pode-se dizer que o acontecimento de 1722 foi o marco inicial de uma verdadeira “corrida do ouro”. Assim, verificou-se que, em 1725, a comitiva do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva (o “Segundo Anhaguera”) descobriu ouro no Alto Araguaia (Goiás). Em 1738, Miguel Sanches, sertanista, também descobriu ouro em Bom Jesus do Pontal, na margem esquerda do Rio Tocantins (REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, v. XXXVII, apud SILVA, 2007, p. 106). Todo esse processo de descobrimento do ouro pôde ser verificado de maneira semelhante no século XIX. É a partir desse processo de descoberta do ouro que nasce Pontal, conforme afirma Giraldin:

Pontal nasceu a partir deste processo de descoberta de garimpos na região setentrional da então capitania de São Paulo, tendo sido fundada quatro anos após Natividade (1734), dois anos antes de Arraias (1740) (Chaim, 1974:25) e oito anos antes do Carmo, cuja fundação parece datar de 1746 (Palacin, 1976:36). A relação entre Pontal e Porto Real, entretanto, provocou algumas dúvidas e confusões até mesmo em historiadores como Luís Palacin. Em sua obra “Goiás. 1722-1822”, escrita originalmente como tese de livre-docência pela Universidade Federal de Goiás, Palacin confunde o arraial de Pontal com o destacamento de Porto Real, associando-os ao mesmo local, dando-lhes a mesma data de fundação: 1738. O mais problemático na afirmação de tão ilustre historiador é que ele não apresenta qualquer evidência documental para sua afirmação (GIRALDIN, 2002, p. 2).

Segundo a interpretação do autor, Pontal surge a partir de garimpos encontrados próximo ao Rio Tocantins e se formou nas mesmas condições que os demais arraiais daquela região, naquele período. Ele destaca ainda que Pontal existiu pelo menos durante 100 anos, no sopé da serra do mesmo nome (GODINHO, 1988), região conhecida atualmente pelos moradores locais como “Vale do Ouro”, a cerca de 20 km da atual cidade de Porto Nacional. O destacamento de Porto Real, ao contrário, foi criado somente muitos anos depois, em meio a um outro processo histórico (GIRALDIN, 2002).

1.2 Surgimento de Porto Real/Porto Imperial

Segundo a tradição oral, a origem de Porto Real surgiu da seguinte maneira: o arraial do Pontal foi atacado pelos Xerente e a maioria da população acabou sendo morta por eles. Os sobreviventes fugiram e atravessaram o Rio Tocantins, alguns a nado, e foram estabelecer-se

à margem direita do rio, junto à casa do canoeiro Félix Camoa. A partir de então, deixam de garimpar e passam a ocupar-se de atividade comercial, navegando pelo Tocantins até Belém (GODINHO, 1988). Entretanto, Giraldin (2002) faz uma interpretação distinta desta acima apresentada. Para o autor, esta tradição não corresponde totalmente aos fatos. Há, porém, uma explicação plausível para esta aparente confusão. Segundo o autor:

Os habitantes do Pontal de fato realizavam garimpagem de ouro em diversos locais nos arredores do arraial. Por volta de 1810, um grupo estava garimpando no ribeirão Matança, local de extração abundante de ouro, quando foram atacados pelos índios, provavelmente Xerente tendo sido todos mortos (GIRALDIN, 2002, p. 6).

Desse modo, conforme advoga o autor, este ataque permaneceu na memória como um fato extremamente marcante, e deve ter contribuído para que algumas famílias, a partir de então, abandonassem Pontal, mudando-se para onde estava o destacamento do Porto Real. Não obstante, esse massacre não foi provavelmente o fator determinante para a extinção desse arraial (GIRALDIN, 2002). Sobre isso, Giraldin ressalta que o ataque ocorreu no garimpo do ribeirão Matança, e não no arraial do Pontal.

Giraldin (2002) ainda apresenta hipóteses sobre a extinção de Pontal e o crescimento de Porto Real. O autor lança os seguintes questionamentos e conclusões:

[C]omo ocorreu o despovoamento de Pontal e seu abandono total? Abandono este que leva hoje a maioria da população de Porto Nacional a não ter certeza sobre sua localização precisa? Minha hipótese é que o crescimento das atividades comerciais e de navegação pelo rio Tocantins levou a população do arraial do Pontal a abandoná-lo, paulatinamente, passando a viver no crescente arraial do Porto Real (GIRALDIN, 2002, p. 7).

De acordo com dados do *Almanach de Santa Luzia* (1920 apud OLIVEIRA, 2002), Porto Real surgiu no final do século XVIII, com um rancho de canoeiro que transportava os mineradores das minas de Carmo e Pontal. Dentre esses canoeiros, destaca-se Félix Camoa, de origem portuguesa, que explorava o transporte de passageiros entre as duas margens do Tocantins. Prado Jr. (1996), por sua vez, afirma que a fundação de Porto Real data de 1791: “[...] cogita-se desde o terceiro quartel do século XVIII em utilizar a via fluvial do Araguaia-Tocantins [...]. Para atender a isso, fundara o governador de Goiás, Tristão da Cunha Menezes, em 1791, o Porto Real, no Tocantins que deveria ser o ponto de partida da navegação” (PRADO JR., 1996, p. 248).

Somente a partir do Decreto de 14 de novembro de 1831 que Porto Real passa à categoria de vila, denominada de Porto Imperial, com a sua instalação ocorrida em 24 de abril de 1833. A Lei n. 14, de 23 de julho de 1835, elevou-a a Paróquia, e, em 1861, pela Lei n. 333, de 13 de julho, foi elevada à categoria de cidade pelo presidente da província de Goyaz, José Martins Pereira de Alencastre. Nesta época, Porto Imperial possuía cerca de 154 eleitores (BRANDÃO, 1978 apud OLIVEIRA, 2002). Em virtude do Decreto Lei Estadual n. 21, de 7 de março de 1890, a cidade recebeu a denominação de Porto Nacional. Seu primeiro intendente foi o Tenente-Coronel Joaquim Ayres da Silva, que governou até o ano de 1895.

Conforme o contexto histórico apresentado, Porto Nacional sempre esteve ligado diretamente à história e à cultura do Rio Tocantins, pois, ao longo do século XX, era a principal via de acesso às embarcações que navegavam o Tocantins, transportando mercadorias entre Porto Nacional e Belém do Pará e de lá até as terras de Portugal. A navegação do Rio Tocantins foi um dos fatores que muito contribuiu para o desenvolvimento acelerado desse município.

Nos anos de 1970, com a construção da BR – 153, o fluxo de pessoas e mercadorias passou à via terrestre. Depois da construção da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, na cidade de Lajedo, a 115 km de Porto Nacional, o Rio Tocantins transformou-se em um lago, tornando-se, assim, ponto turístico de uma das cidades históricas mais antigas do estado do Tocantins.

Porto Nacional foi destaque nas áreas educacional/intelectual, comercial, política, médica e religiosa a partir de meados do século XIX. Nas esferas religiosa, social, política educacional e cultural da região de Porto Nacional, os grandes beneficiadores foram os padres e as freiras dominicanos. Os trabalhos desenvolvidos por eles continuam a ter reflexos até os dias atuais na formação do cidadão. Segundo Oliveira (2010), os antigos alunos que ocuparam e ainda ocupam cargos proeminentes, seja na política, na educação, no serviço religioso ou na literatura, contribuíram de alguma forma para a elevação do nível cultural do país.

Em 1904, com as Irmãs Dominicanas, os trabalhos de educação se intensificaram. A vida da cidade ainda hoje é marcada pelas festas religiosas e pelas folias que colorem e movimentam as ruas da cidade, celebradas anualmente em 24 de setembro, em louvor à Nossa Senhora das Mercês, Padroeira da Cidade e da Diocese. A Paróquia de Nossa Senhora das Mercês foi construída pelos frades dominicanos, vindos da França. Desde 1884, Nossa Senhora das Mercês é padroeira de Porto Nacional. Assim, Porto Nacional, a partir da criação do estado do Tocantins, em 1988, passa a ser, ao lado de Natividade e Arraias, uma das referências históricas mais importantes do estado.

1.3 Os primeiros habitantes de Porto Nacional

A partir desse primeiro levantamento histórico de Porto Nacional, verificamos a possível constituição linguística do portuense que, de acordo com os dados históricos, inicia-se a partir do encontro dos índios que já habitavam a região com os portugueses, dentre eles, Félix Camoa; da chegada dos primeiros homens que vieram de vários estados, dentre eles, Piauí, Bahia, Maranhão, Pernambuco etc., em busca de riquezas minerais, e, mais tarde, do encontro com os padres e freiras dominicanas, de origem francesa.

Segundo a historiadora Maria de Fátima Oliveira (1997, p. 17), Porto Nacional era “conhecida como a capital do norte de Goiás. Porto Nacional teve papel fundamental para o desenvolvimento da região norte do Estado, desde o século XIX até meados do século XX”. A autora afirma ainda que Porto Nacional foi considerada a capital cultural do Norte de Goiás, e isso está atribuída à boa educação ministrada nos colégios dos padres e das freiras. Esse fato é registrado no ano de 1886, quando os primeiros padres dominicanos chegaram a Porto Imperial, sendo eles Gabriel Devoisin, frei Michel Berthet, frei Domingos Nicollet e o irmão leigo Fr. Afonso Valsechini. Esses religiosos logo empreenderam incursões às aldeias indígenas, fundaram escola primária e banda de música, iniciaram a construção do templo e o convento e colaboraram com a imprensa local. Segundo Godinho (1988 apud OLIVEIRA, 2002), em agosto de 1904, registra-se o fato de grande importância para o apostolado e o ensino da cidadezinha do Tocantins: a chegada das primeiras religiosas que vieram auxiliar os seus irmãos do Convento Santa Rosa de Lima.

Ainda segundo Oliveira (2002), não há dúvidas de que a presença dominicana em Porto Nacional trouxera inúmeros benefícios para a cidade. Em 1896, o estado havia nomeado professores de português, francês e aritmética, de nível secundário, nos municípios que tinham pessoas habilitadas nessas matérias, mas somente em Porto Nacional as aulas funcionavam com certa regularidade, conforme aponta Bretas (1991 apud OLIVEIRA, 2002). A presença dominicana em Porto Nacional poderá ser avaliada tanto para a contribuição material, ou seja, as obras institucionais, quanto à contribuição sociocultural, a influência no campo intelectual, com a introdução de novos valores culturais na sociedade, o que contribuiu para seu aperfeiçoamento (OLIVEIRA, 2002).

Portanto, a partir das discussões apresentadas acima, observamos a possível formação linguística portuense, que se inicia com a chegada do Português Félix Camoa (considerado fundador da cidade), o contato com índios que já habitavam a região, a grande movimentação da extração de ouro, que trouxera muitos garimpeiros de várias regiões do país e, por isso, a

mineração foi responsável pela maioria dos pequenos núcleos de habitantes que se estabeleceram na região. Também merecem destaque a presença dos negros (africanos) escravizados por ocasião desse período de extração aurífera na região Norte de Goiás (Tocantins) e a chegada dos dominicanos, alguns de origem francesa. Tudo isso influenciou ricamente a formação lexical do falar portuense, resultando em uma grande variedade linguística.

A fim de compreendermos o possível processo de constituição linguística do portuense, apresentamos no quadro abaixo a origem dos imigrantes que habitavam em Porto Imperial aproximadamente em 1872. Nessa época, a população era de 4.926 habitantes, distribuída por mais de 40 mil km quadrados, segundo o Censo de 1872.

Quadro 1: Porto Imperial - Origem dos imigrantes de 1872.

Estado	Homens Livres	Mulheres Livres	Escravos	Escravas	Total	%
Maranhão	15	13	-	5	33	7,6%
Piauí	111	91	7	15	224	52%
Rio G. do Norte	-	-	1	-	1	0,2%
Pernambuco	4	22	-	-	26	6,0%
Bahia	63	48	3	17	131	30,2%
Sta. Catarina	4	9	-	5	18	4%
Total	197	183	17	42	433	100%

Fonte: Adaptado de Oliveira (1997).

De acordo com os dados do Quadro 1, notamos que a imigração era constituída na sua maior parte por piauienses, com 224 pessoas. Em segundo lugar, por baianos, com 131 pessoas; em terceiro lugar, por maranhenses, com 33 pessoas. Já os pernambucanos e catarinenses aparecem em quarto lugar, com 18 pessoas, e apenas 1 do Rio Grande do Norte.

Para Oliveira (2007), em 1872, o município de Porto Imperial (Porto Nacional) apresentava uma população de 4.926 habitantes, distribuída por mais de 40 mil km quadrados. A autora ressalta ainda, dentre os habitantes, a presença de remanescentes de escravos que trabalharam nas minas auríferas de Pontal e Carmo, fato também notado por Júlio Paternostro na década de 1930.

Com base em todos esses dados históricos, notamos que Porto Nacional foi constituído por índios, portugueses, africanos, piauienses, baianos, maranhenses, pernambucanos, catarinenses e sul-rio-grandenses. Esses diferentes povos trouxeram consigo suas culturas que, somadas, formaram a identidade cultural e linguística de Porto Nacional.

A fim de fazermos um levantamento das variáveis de segunda pessoa do singular usada na fala dessas regiões/estados, apresentamos, no capítulo 2, a perspectiva

sociolinguística dos pronomes de segunda pessoa do singular do português brasileiro nas regiões dos antecedentes e dos participantes desta pesquisa.

CAPÍTULO II

A NOVA CONFIGURAÇÃO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR

Neste capítulo, tratamos dos pronomes de segunda pessoa do singular na perspectiva do paradigma pronominal em uso. Nosso objetivo é delinear um quadro das atuais reflexões sobre o sistema pronominal a partir dessa nova configuração do paradigma de segunda pessoa do singular. Além disso, apresentamos resultados de estudos sobre esses pronomes realizados em algumas regiões brasileiras. Inicialmente, na primeira seção, apresentamos a nova configuração do sistema pronominal do português brasileiro, com base em estudos recentes publicados na *Gramática do Português Brasileiro*, de Mario Perini (2010), nas reflexões de Coelho *et al.* (2015) e nas de Lopes & Romeu (2007).

As discussões presentes nessas coletâneas tratam da atual configuração das formas pronominais, foco do nosso estudo. Em seguida, na segunda seção, apresentamos a perspectiva sociolinguística dos pronomes de segunda pessoa do singular do português brasileiro nas regiões dos antecedentes e dos colaboradores de nossa pesquisa, com base nos estudos de Scherre (2015) e Alves (2012). Nosso propósito com esse levantamento é verificar qual a variante predominante em cada estado e se essas variantes de segunda pessoa do singular assimilam ou não na influência do local de origem da família de maneira semelhante ou diferente.

2.1 A reestruturação do quadro pronominal do português brasileiro e suas implicações na alternância do pronome de segunda pessoa do singular

A inclusão da forma *você* no quadro do pronome de segunda pessoa do singular, considerado nas atuais reflexões teóricas como paradigma usado no português brasileiro ou paradigma 2, tem causado, segundo Lopes & Romeu (2007), uma série de repercussões gramaticais em diferentes níveis da língua. De acordo com essas autoras, a forma *você*, originada de uma expressão nominal *Vossa Mercê*, que leva o verbo para a terceira pessoa do singular, manteve algumas propriedades mórficas que ocasionou um rearranjo no sistema pronominal. As mudanças por que passaram essas variantes linguísticas não afetaram apenas o paradigma pronominal do caso reto, mas segundo Coelho *et al.* (2015),

esse comportamento híbrido dos pronomes “você/vocês” e “a gente”,
agregando aos traços originários gramaticais traços semânticos de P2/P5 e de

P4, respectivamente, acabou provocando uma reestruturação também no paradigma verbal, que passa de seis formas distintas básicas (paradigma 1) para quatro, três ou apenas duas (paradigma 2) (COELHO et al., 2015, p. 156).

Para ilustrar a reestruturação do paradigma verbal abordado por esses autores, apresentamos o quadro abaixo:

Quadro 2: Reestruturação do Paradigma verbal proposto por Coelho et al. (2015).

	Paradigma 1	Paradigma 2
P1	eu ando/escrevo/vou	eu ando/escrevo/vou
P2	tu andas/escreves/vais	tu anda(s)escreve(s)vai(s) – você anda/escreve/vai
P3	ele(a) anda/escreve/vai	ele(a) anda/escreve/vai
P4	nós andamos/escrevemos/vamos	nós anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos) – a gente anda(mos) escreve(mos)/vai(mos)
P5	vós andais/escreveis/ides	vocês anda(m)/escreve(m)/vai(ão)
P6	eles(as)andam/escrevem/vão	eles anda(m)/escreve(m)/vai(vão)

Fonte: Reestruturação do paradigma verbal (COELHO et al., 2015, p. 156).

Nesse quadro, notamos que “o paradigma 1 mostra a norma-padrão lusitana do século XIX, correspondente ao paradigma flexional do verbo regular no tempo presente de primeira, segunda e terceira conjugação” (COELHO et al., 2015, p. 156). Podemos observar, também, que algumas dessas formas não ocorrem no português brasileiro, como *vós*, que mesmo na língua escrita só se usa em certos textos religiosos (PERINI, 2010). Lopes (2007) defende a apresentação do que é normal, usual e frequente no português brasileiro, sem perder de vista o que está disponível na nossa literatura, na nossa língua, na nossa história. Trata-se, nesse caso, da necessidade de disponibilizar nas gramáticas contemporâneas estudos diacrônicos e sincrônicos do sistema pronominal do português brasileiro, levando em consideração o uso alternativo desses pronomes (LOPES, 2007).

O paradigma 2, apresentado no quadro acima, representa a(s) variedade(s) usada(s) no português contemporâneo (COELHO et al., 2015). Notamos que a utilização do *tu* apresentada nesse paradigma é típica da oralidade em alguns estratos sociais e/ou em algumas regiões brasileiras. Já a utilização das formas *vocês andam*, *você anda* e a *gente anda* são de uso amplamente generalizado, adentrando a norma culta, utilizadas também, em alguns casos, na escrita. A partir daí, podemos observar o hibridismo linguístico ocasionado por essa nova configuração do sistema pronominal. Diferentes variantes de segunda pessoa se inter-

relacionam e podem conviver mescladas, em um mesmo espaço e tempo, geralmente associadas a diferentes valores sociais (COELHO et al., 2015), essa inter-relação pronominal fundamenta o uso alternados das variantes de segunda pessoas do singular no falar portuense.

Vejamos as explicações de Coelho et al. (2015) sobre como se deu a passagem do paradigma 1 ao paradigma 2, para que possamos entender melhor o teor das discussões em torno dos usos pronominais que encontramos atualmente:

A entrada dos pronomes “você” e “vocês” em P2 e P5, respectivamente, na maioria das regiões brasileiras, desencadeou uma mudança no paradigma de flexão verbal correspondente, que começou a contar com formas homônimas entre P2 e P3: “você anda”/“ele(a) anda” e entre P5 e P6: “vocês andam”/“eles(as)andam”; A entrada da forma “a gente” em P4 desencadeou uma competição pronominal na língua com o pronome “nós”. O uso de “a gente” aparece com frequência principalmente na língua falada de pessoas mais jovens. Esse novo pronome (“a gente”) desencadeia nova alteração no paradigma de flexão, que conta, portanto, com mais uma forma verbal homônima entre P2, P3 e P4: “você vai”/“ele(a)vai”/“a gente vai”; A homonímia, observada nos itens 1 e 2, instala gradativamente na língua uma tendência ao preenchimento do sujeito pronominal para evitar a ambiguidade provocada por essas formas verbais. Essa mudança pode ser observada: (i) quando comparamos a fala de pessoas mais jovens e mais velhas, configuramos um caso de mudança em tempo aparente; e (ii) quando comparamos textos escritos atuais com registros antigos, evidenciando uma situação de mudança em tempo real (COELHO et al., 2015, p. 157).

A partir da migração do pronome *você* de P3 para P2, outras possibilidades de uso surgem com essa nova configuração, modificando não apenas o paradigma dos pronomes retos e a concordância verbal, mas também provocando mudanças em cadeia que atingem, assim, outros subsistemas pronominais, tais como: a forma oblíqua (os clíticos) e a forma possessiva. Observaremos essas mudanças no Quadro 3, proposto por Coelho et al. (2015):

Quadro 3: Paradigma Pronominal em uso.

Pronomes Pessoais		Pronomes Oblíquos (Retos [Átonos ¹] e Tônicos)	Pronomes Possessivos
P1	eu	me, mim, comigo	meu(s), minha(s)
P2	tu - você	te, ti, contigo, o, a, lhe, se, de você, com você	teu(s), tua(s), seu(s), sua(s), de você
P3	ele(a)	o, a, lhe, se, si, consigo, dele(a), com ele(a)	seu(s), sua(s), dele, dela
P4	nós – a gente	nos, conosco, com nós, se, da gente, com a gente	nosso(s), nossa(s), da gente
P5	vocês	os, as, lhes, se,de vocês	seu(s), sua(s), de vocês

		com você	
P6	eles(as)	os, as, lhes, se, si, consigo, deles(as), com eles(as)	seu(s), sua(s), deles, delas

Fonte: Paradigma pronominal em uso (COELHO et al., 2015, p. 158).

Para Coelho et al. (2015), as principais mudanças pronominais apontadas nesse quadro, com a entrada dos pronomes *você*, *vocês* e *a gente* na língua, são:

Na realização do possessivo, as formas “seu(s)”, “sua(s)” (originalmente de P3 e de P6) assumem também a função de P2 e P5 e a forma possessiva de p3 e de p6 passa a ser, quase categoricamente, a forma genitiva (“dele(s)”, “dela(s)”); Na realização do oblíquo, os pronomes acusativos de P3 e P6 “o(s)” e “a(s)” assumem também a função de P2 e P5; os retos dativos “lhe(s)” migram para P2 e P5, assumindo função principalmente de acusativo; e o dativo ganha forma de sintagma preposicionado, como em “de vocês(s)”, “da gente”; na realização do reflexivo, o pronome “se” segue tanto a forma “você” (“você se espelha”) como a forma “a gente” (“a gente se espelha”), mas ainda é bastante frequente nas formas originais de P3 (“ele se espelha”) e de P6 (“eles se espelham”). Esse uso do “se” está bastante generalizado na língua. Como se fosse um coringa, ele acompanha as demais pessoas do discurso também: “eu se espelho”, “tu se espelha(s)”, “nós se espelhamo(s)” (COELHO et al., 2015, p.158-159. Grifos dos autores).

A partir dos quadros apresentados acima e das reflexões realizadas aqui, podemos observar que os pronomes pessoais, após a reestruturação, apresentam a seguinte forma: *eu*, *você*, *tu*, *ele (ela)*, *nós*, *vocês*, *elas (elas)* (PERINI, 2010, p. 115). Segundo esse autor, “algumas dessas palavras têm formas oblíquas, isto é, formas usadas quando o item está em determinada função sintática”. O autor mostra o seguinte exemplo: “*eu* cheguei, mas a Eliana *me* chamou”; as formas *eu* e *me* são consideradas, segundo esse autor, como variantes do mesmo pronome; *eu* se denomina **forma reta**, e *me*, **forma oblíqua**.

Desse modo, podemos observar que, tanto no quadro de Coelho et al. (2015) quanto no quadro de Perini (2010), os pronomes oblíquos também são formas alternantes dos pronomes pessoais *eu*, *você* e *nós*, além do pronome reflexivo *se* apresentado por Perini (2010). Perini (2010) discorre que, no PB, só esses pronomes (*eu*, *você* e *nós*) têm formas oblíquas, de maneira que o quadro completo se reduz aos itens mostrados no quadro abaixo. Vale ressaltar que os pronomes pessoais têm um comportamento gramatical peculiar e precisam ser estudados separadamente (PERINI, 2010). Por isso, o autor apresenta dessa

¹ No Quadro 3 sobre o Paradigma Pronominal em uso proposto por Coelho et al. (2015), os autores se equivocaram ao classificar os pronomes oblíquos em **Retos** e **Tônicos** em relação à tonicidade. Esses pronomes podem assumir as formas Átonas e Tônicas, a depender da tonicidade que possuem.

forma. Podemos observar a alternância da segunda pessoa do singular dos pronomes pessoais retos com os pronomes pessoais oblíquos no quadro a seguir:

Quadro 4: Pronomes pessoais retos e oblíquos.

Forma reta	Forma Oblíqua
eu	me, mim, - migo
você, (tu)	te,(-tigo), (ti), (lhe)
ele, ela	-
nós	nós, - nosco
vocês	-
eles, elas	-
-	se[reflexivo]

Fonte: Pronomes Pessoais: Retos e Oblíquos, Perini (2010, p.116) [“As formas entre parênteses, só sendo corrente em parte do território brasileiro”].

Notamos que Perini (2010) considera os pronomes *te*, *ti* e *lhe* como oblíquos para o pronome *você*, categorizado como pronome reto ao lado do *tu*. Por outro lado, os pronomes que não possuem formas oblíquas, as formas retas são usadas nas posições de sujeito e de complemento. Segue o exemplo apresentado pelo autor: [1] *Eu encontrei ela no cinema*, [2] *Vou convidar vocês para o meu aniversário*.

Segundo Perini (2010, p. 116), “a forma *você* tem a forma oblíqua *te*, mas esta é usada em concorrência com a forma reta, de maneira que, pode-se dizer: eu te amo ou eu amo você, indiferentemente”. Além disso, podemos observar na situação que segue: a forma reta ***você*** é usada em **função de sujeito**, conforme afirma Perini (2010): [3] *Você precisa de um óculos novo*.

Esse autor ressalta que a forma ***te*** também pode ser usada em **função de objeto**: [7] *Eu queria te levar no concerto*. Essa forma pode alternar com a forma preposicionada, exemplo: [4] *Eu vou te contar uma história incrível. / Eu vou contar para você uma história*. Já na situação que segue, Perini (2010) destaca que as duas variantes são mais ou menos equivalentes em aceitabilidade e podem ocorrer lado a lado na mesma oração, ocasionalmente, como no exemplo: [5] *Eu vou te contar para você uma história incrível*. Para o autor, “essas formas redundantes parecem mais em situações coloquiais, menos cuidadas que as outras; mas sem dúvida ocorrem com frequência” (PERINI, 2010, p. 118). Outro exemplo apresentado por ele: “quando o sintagma *para + SN* é complemento de um nominal (ou seja, é parte de um *SN*), a forma *te* não é admissível, vejamos exemplos: [6] *O presente para você*

*está na gaveta de cima, [7] *O presente te / *o te presente” (PERINI, 2010, p. 118. Grifos do autor).*

Segundo Perini (2010), só os pronomes *eu* e *tu* têm forma especial para uso depois de preposições (exceto com a preposição, os oblíquos precedidos de preposição, sua posição é a mesma dos sintagmas preposicionados não pronominais), como, por exemplo: *mim* e *ti*. Nos demais casos, as formas retas são usadas depois de preposição, como, por exemplo: [8] *O Joaquim trouxe um quindim para você / para nós / para elas.*

Em síntese, Perini (2010) afirma que a posição dos pronomes pessoais na oração só é especial no caso dos oblíquos *me*, *te*, *lhe* e *se*. Os outros pronomes pessoais se posicionam segundo as regras que governam a posição dos sintagmas nominais e dos sintagmas preposicionados não pronominais. Observamos a partir dos exemplos que o pronome *você* tem a forma oblíqua *te*, usada nas funções de objeto. Por isso, a forma *te* se alterna, livremente, com o uso da forma reta. Ambas são perfeitamente aceitáveis e sinônimas, conforme advoga Perini (2010). Por outro lado, segundo o autor, o plural de *vocês* não tem forma oblíqua. Logo, a forma reta é necessariamente usada como objeto: “*Eu queria levar você/vocês no concerto*”.

Segundo as reflexões de Perini (2010), na variedade do português brasileiro, a região Sudeste não usa o pronome *tu* e suas formas oblíquas *ti* e *-tigo*. No entanto, em outras partes do Brasil, esse pronome é de uso corrente no Sul e parte do Nordeste. O pronome *lhe* só se usa em algumas regiões, geralmente como equivalente de *te*: Exemplo: “*Ele conseguiu lhe agarrar?*” (Sudeste “*te agarrar?*”).

O pronome *vós* (*vos*, *-vosco*) segundo Perini (2010), originalmente o plural de *tu*, é desusado no português brasileiro, mesmo na língua escrita.

Finalizaremos esta seção com o Quadro 5 sobre os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular, apresentado por Castilho (2010). Nesse quadro, o autor apresenta a nova configuração do pronome de segunda pessoa do singular. Segue o quadro:

Quadro 5 - Pronomes pessoais.

Pessoa	PB Formal		PB Informal	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
2ª pessoa do singular	tu, você, o senhor, a senhora	te, ti, contigo, prep. + o senhor, com a senhora	você/ocê/tu, cê ²	você/ocê/cê, te, ti, prep. + você/ocê (= docê, cocê)

Fonte: adaptado de Castilho (2010, p. 447).

Conforme mostra o Quadro 5, Castilho (2010) propõe a existência de um uso formal e outro informal dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular, incluindo, assim, formas como *você*, *ocê*, *cê* nesse novo paradigma. Podemos observar que esse autor, assim como os demais autores discutidos acima, inclui o pronome *você* na categoria de pronome pessoal de segunda pessoa do singular ao lado do *tu* e *lhe* atribui, como pronomes oblíquos equivalentes, os pronomes *te*, *ti*, *contigo*. Essa nova configuração do sistema pronominal será considerada em nossas análises, pois essa reestruturação do sistema pronominal fundamenta algumas ocorrências de alternâncias entre as variantes *você* e *cê* usada em coocorrência com a forma oblíqua *te*, fato visualizado na amostra aqui em estudo.

2.2 A perspectiva sociolinguística dos pronomes de segunda pessoa do singular do português brasileiro nas regiões dos antecedentes e dos colaboradores desta pesquisa

Conforme afirmamos no contexto histórico dessa pesquisa, as primeiras povoações de Porto Nacional surgiram a partir da exploração das imensas riquezas minerais, em garimpos encontrados próximo ao Rio Tocantins, aproximadamente nas primeiras décadas do século XVIII. Nessa época, iniciou-se a vinda de vários povos oriundos de diversos estados do Brasil, dentre eles, Piauí, Bahia, Maranhão, Pernambuco etc., em busca das riquezas minerais. Esses povos encontraram em terras goianas (hoje tocantinenses) os índios que já habitavam essas regiões.

Mais tarde, foi registrada a presença de Félix Camoa, descendente de portugueses (GODINHO *apud* OLIVEIRA, 1997, p. 19), logo após, chegaram à região, os padres e freiras dominicanas, de origem francesa. Desse modo, podemos verificar a diversidade linguística desses povos, que contribuíram para a formação sociocultural dessa comunidade e, possivelmente, tenham influenciado o uso da segunda pessoa² do singular no falar portuense. Assim, para visualizarmos a frequência de uso das formas de segunda pessoa do singular nesses diferentes estados, fez-se necessário considerar a variável “origem” em nossos estudos, a fim de verificarmos a possível formação linguística da comunidade de fala pesquisada, com base nas origens dos colaboradores de nossa pesquisa, bem como de seus familiares.

As informações sobre os locais de origem dos colaboradores, assim como de seus familiares, foram extraídas da ficha social realizada durante a entrevista. A inserção dessa variável é importante, pois servirá para verificar qual a variante predominante em cada estado de origem dos colaboradores oriundos de outros estados e de seus familiares. Faremos uma

² No Quadro 5, adaptado de Castilho (2010), notamos que o autor não coloca a variante “cê” na coluna em que classifica os pronomes na posição de sujeito utilizado de maneira informal no português brasileiro.

comparação para verificarmos se as variantes mais frequentes assimilam a influência do local de origem da família de maneira semelhante ou diferente. No Quadro 6 a seguir, apresentamos os estados de origem de cada informante da nossa pesquisa, como também de seus familiares.

Quadro 6: Origens dos participantes de nossa pesquisa e de seus familiares.

Estado	Homens	Mulheres	Total	%
Tocantins	Participantes da pesquisa e Pais 28	Participantes da pesquisa, mães e avós 33	61	68%
Piauí	Participantes da pesquisa 1 1 avô e 5 pais	4 mães e 4 avós	15	17%
Maranhão	Participantes da pesquisa 1 3 pais	Participantes da pesquisa 1 2 mães	7	8%
Bahia	1 pai	2 mães	3	3%
Trindade Goiás Peixe - Goiana	1 pai	1 mãe	2	2%
Minas Gerais	1 pai	-	1	1%
Ceará	1 pai	-	1	1%
Total	27	30	90	100%

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o Quadro 6, notamos que 68% dos participantes da nossa pesquisa e seus antecedentes são naturais do estado do Tocantins. Em segundo lugar, vêm os piauienses, apresentando o percentual de 17%, e em terceiro lugar, os maranhenses, com 8%. Os baianos, por sua vez, constam apenas 3%; os goianos, 2% e, por último, estão Minas Gerais e Ceará, com 1% de nativos em cada estado.

Ao comparar o Quadro 1, sobre a origem dos imigrantes de Porto Imperial – 1872 de Oliveira (1997), e o Quadro 6, sobre as origens dos falantes colaboradores de nossa pesquisa e de seus e familiares, notamos que a imigração era constituída na sua maior parte por piauienses, com o percentual de 52% no Quadro 1, e no Quadro 6, teve o percentual de 17%. Em seguida, destacamos o estado do Maranhão, que no Quadro 6 está em terceiro lugar, com o percentual de 8%. Já o Quadro 1 apresenta em terceiro lugar, com o percentual de 7,6%. O estado da Bahia está em segundo lugar no Quadro 1, com o percentual de 30%. No Quadro 6, entretanto, apresenta 3%. Portanto, os estados que permanecem com um maior número de pessoas são: Piauí e Maranhão, em ambos os quadros. O estado de Bahia teve um índice

maior somente no primeiro quadro. Goiás, Minas Gerais e Ceará obtiveram o menor número de pessoas no Quadro 6.

Por isso, merecem atenção as origens dos falantes colaboradores de nossa pesquisa, bem como de seus familiares, que imigraram de vários estados brasileiros para Porto Nacional e, evidentemente, trouxeram consigo várias contribuições linguísticas para essa comunidade. A fim de verificarmos a forma de segunda pessoa do singular nos falares de Piauí, Maranhão, Bahia, Minas Gerais e Ceará, apresentamos, no Quadro 7 de Scherre (2015), as frequências de uso de cada variante nesses diferentes estados.

Quadro 7 – Síntese da distribuição dos seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa por região e estado. Para comparação dos resultados da nossa pesquisa com esse estudo realizado em 2015.

Regiões →	Centro-oeste	Sudeste	Nordeste	Norte	Sul
Subsistemas ↓					
Só VOCÊ	Só VOCÊ Goiás Mato Grosso Mato Grosso do Sul	Só VOCÊ Espírito Santos Minas Gerais São Paulo	Só VOCÊ Bahia	Só VOCÊ Tocantins	Só VOCÊ Paraná
Mais <i>tu</i> com concordância baixa				Mais <i>tu</i> (<i>tu</i> = 65 %) concordância de 4% Amazonas	Mais <i>tu</i> <i>tu</i> = 80 % (concordância de 3% a 7% Rio Grande do Sul)
mais <i>tu</i> com concordância alta (<i>tu</i> acima de 60%) (conc. de 40% a 60%)				Mais <i>tu</i> (<i>tu</i> 70 %) concordância de 43%) Pará	Mais <i>tu</i> (<i>tu</i> 70%) concordância de 43% a 60%) Santa Catarina
<i>tu</i> /VOCÊ com concordância baixa (<i>tu</i> abaixo de 60%) (conc. abaixo de 10%)			<i>tu</i> /VOCÊ (<i>tu</i> de 27% a 37%) (concordância de 3% a 8%) Maranhão	<i>tu</i> /VOCÊ (percentuais de <i>tu</i> estimados em até de 20%) (concordância rara) Tocantins	<i>tu</i> /VOCÊ (<i>tu</i> de 50% a 55%) (concordância em cerca de 2%) Santa Catarina
<i>tu</i> /VOCÊ com concordância média			<i>tu</i> /VOCÊ (<i>tu</i> de 34% a 39%)	<i>tu</i> /VOCÊ (<i>tu</i> em torno de 38%)	<i>tu</i> /VOCÊ (<i>tu</i> de 16% a 27%)

(<i>tu</i> abaixo de 60%) (conc. de 10% a 39%)			(concordância em torno de 23% a 29%) Maranhão Piauí Ceará Paraíba Pernambuco	(concordância de torno de 28%) Amazonas	(concordância de 12% a 34%) Santa Catarina
VOCÊ/ <i>tu</i> (<i>tu</i> de 1% a 90% sem concordância)	<i>tu</i> /VOCÊ <i>tu</i> sem conc. Distrito Federal	<i>tu</i> /VOCÊ <i>tu</i> sem conc. Rio de Janeiro São Paulo Minas Gerais	<i>tu</i> /VOCÊ <i>tu</i> sem conc. Maranhão Bahia	<i>tu</i> /VOCÊ <i>tu</i> sem conc. Roraima Acre	

Fonte: Síntese da distribuição dos seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa por região e estado (SCHERRE, 2015, p. 141).

De acordo com o Quadro 7, destacaremos os subsistemas 1, 4, 5 e 6, que sintetizam de forma visual os subsistemas das regiões do Tocantins, do Piauí, do Maranhão, da Bahia, de Minas Gerais e do Ceará. Esses são os estados de origem de alguns colaboradores de nossa pesquisa e de seus familiares. Por isso, focaremos nosso estudo nesses estados, para verificarmos a frequência de uso das variantes de segunda pessoa nessas comunidades de fala.

1. O subsistema **só você** é suprarregional, mas se concentra na área central do país com bastante uniformidade, envolvendo a antiga capitania de São Paulo [...]. A região Sudeste é representada, pelos estados de Espírito Santo, Minas Gerais (exceto a cidade de São João da Ponte, ao norte, perto da Bahia) e São Paulo (exceto Santos). A região de Nordeste é representada pela Bahia, pelo estado de Tocantins³ e a região Sul, pelo estado do Paraná.

4. O subsistema ***tu/você com concordância baixa*** é encontrado nas regiões Nordeste e Sul. Os estados representantes da região Nordeste [e Norte³] são Maranhão e Tocantins; e o da região Sul é Santa Catarina.

5. O subsistema ***tu/você com concordância média*** é encontrada nas regiões Nordeste, Norte e Sul. A região Nordeste participa com um conjunto significativo de estados: Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco. Na região Norte, o estado representativo é o Amazonas; e, na região Sul, Santa Catarina.

6. O subsistema ***você/tu sem concordância*** só não tem representante na região Sul, pelo menos por ora, pela nossa interpretação. Na região Centro-Oeste, é representado, nos dias atuais, pelo Distrito Federal; na região Sudeste, pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais; na região Nordeste, pelos estados do Maranhão e Bahia; e, na região Norte, pelos estados de Roraima e Acre (SCHERRE, 2015, p. 142-143).

Resumindo as informações dos percentuais de uso dos pronomes de segunda pessoa do singular nas regiões onde estão localizados os estados do Tocantins, Piauí, Maranhão,

Bahia, Minas Gerais e Ceará, visualizamos que, segundo Scherre (2015), o estado do Tocantins pode ser representante de pelo menos dois subsistemas: subsistema de *só você*, mais ao sul, na fronteira com Goiás; e *tu/você com concordância baixa* (menos de 10%), ao norte. Ao comparar esses resultados com os da nossa pesquisa, notamos que em Porto nacional há evidências de uso de dois subsistemas. Ocorreu o subsistema 1: *só você*, além do uso exclusivo das variantes “*você/cê*”; bem como o subsistema 6: *VOCÊ/ tu*, com concordância baixa.

De acordo com Scherre (2015), Piauí e Ceará, revelam a presença do subsistema *tu/você* com concordância média (entre 10% e 39%) em suas respectivas capitais. O estado da Bahia apresenta o subsistema *só você* (capital da Bahia). Além de registrar também, amplamente, o subsistema *você/tu* sem concordância (em outras localidades da Bahia). O estado do Maranhão revela-se mais diverso por exibir o subsistema *tu/você* com concordância baixa, *tu/você* com concordância média e *você/tu* sem concordância. Em Minas Gerais, por seu turno, ocorreu o subsistema *só você*, além do uso exclusivo das variantes “*você/cê/ocê*” (exceto em São João da Ponte).

Além desse estudo apresentado acima, mostraremos, a seguir, o resultado da pesquisa realizada por Alves (2012) nos municípios das Mesorregiões Norte, Centro e Sul do estado do Maranhão. A amostra foi constituída a partir do banco de dados do Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto AliMA (entrevistas do Atlas). O trabalho de Alves (2012) foi resultado da aplicação de 28 entrevistas realizadas com falantes de ambos os sexos, agrupados em duas faixas etárias, nos municípios de São Luís e Pinheiro, Bacabal e Tuntum, Alto Parnaíba e Balsas. De acordo com os resultados da autora, o pronome *você* se mostrou como o mais frequente no falar maranhense, apresentando um percentual de 61,6% das ocorrências. A autora destaca que a sua análise mostrou ainda a existência de uma alternância do *tu* e *você*, e que essa alternância está condicionada pela idade do falante e pela localidade à qual pertence.

O estudo de Alves (2012) mostrou também que, em relação à localidade, São Luís aponta um efeito desfavorecedor sobre o uso do *tu*, com o peso relativo de 0,48. Já os municípios mais distantes da capital apresentam maior incidência de *tu*. A cidade de Pinheiro, com o peso relativo de 0,54; Bacabal, com 0,67; e Balsas, com 0,72. Em contrapartida, o município de Tuntum apresentou percentual próximo ao verificado em São Luís, com o peso relativo de 0,48; e Alto Parnaíba, com o peso relativo de 0,18. Esses resultados destacam a hipótese inicial levantada pela autora.

Os participantes da nossa pesquisa que possuem antecedentes maranhenses representam o maior número. Isto justifica a importância de mostrarmos estudos sobre a

segunda pessoa do singular³ nos falares desse estado, principalmente porque, no estudo de Alves (2012), há resultados contrários aos estudos realizados por outros autores nesse estado. A este respeito, a autora destaca:

A princípio, os dados contrariam a hipótese geral formulada para a pesquisa: a de que o português falado no Maranhão apresenta uma difusão bastante maior do *tu* sobre o *você*. Assim, em termos gerais, a distribuição do fenômeno ora observado mostra que o português falado no Maranhão apresenta uma alternância entre o *tu* e o *você*, sendo esta última a forma mais utilizada pelos falantes para representar a segunda pessoa do singular (ALVES, 2012, p. 21).

A partir desses resultados, podemos sintetizar o seguinte pressuposto: os estados de Goiás, Bahia (só Salvador) e o próprio Tocantins apresentam o subsistema *só você* em determinadas regiões desses estados, além de Minas Gerais, onde ocorreu o subsistema *só você* e o uso exclusivo das variantes “*você/cê/ocê*” (exceto em São João da Ponte). No estado do Maranhão (nos municípios das Mesorregiões Norte, Centro e Sul do estado; cf. a pesquisa de ALVES, 2012), há uma alternância entre o *tu* e o *você*, sendo esta última a forma mais utilizada pelos falantes para representar a segunda pessoa do singular. O Piauí apresenta o subsistema *tu/você*, com concordância média (10% e 39%) na capital. Notamos que, em todas as regiões, há ocorrência do subsistema *só você*, bem como o subsistema *tu/você*, ou seja, o uso do pronome *você* está presente nessas regiões que representam as origens dos falantes portuenses colaboradores da nossa pesquisa e de seus familiares. Portanto, podemos inferir, a partir desses resultados, que os falantes vindos dessas localidades podem ter trazido consigo essas variantes e que possivelmente podem ter influenciado o uso do pronome *você* no falar portuense. Todavia, para confirmar essa hipótese, fazem-se necessárias mais pesquisas sobre esse fenômeno nas comunidades de fala dessas regiões. O que estamos apontando em nosso estudo são possíveis justificativas de influência de usos dessas variantes utilizadas pelos falantes das regiões (estados) apresentadas acima no falar portuense.

Podemos, portanto, destacar que, de acordo com a amostra analisada nesta pesquisa, Porto Nacional - Tocantins pode ser representante de dois subsistemas: o subsistema 1: *só você* e o uso exclusivo das variantes “*você e cê*”; e o subsistema 6: **VOCÊ/tu** (*tu* de 1% a 90% sem concordância).

³ No Quadro 7, proposto por Scherre (2015), notamos que a autora situa corretamente o Tocantins na Região Norte do Brasil. Porém, quando discute sobre os seis subsistemas, na página seguinte, ela se equivoca ao situá-lo na Região Nordeste.

CAPÍTULO III

APORTES TEÓRICOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA COGNITIVA

Neste capítulo, traçamos um panorama dos principais pressupostos teóricos utilizados nas pesquisas orientadas na perspectiva da Sociolinguística Cognitiva, a partir das teorizações de três linguistas: Augusto Soares da Silva (2009), Francisco Moreno Fernández (2012) e Andrea Pizarro Pedraza (2014). A partir desses estudos, apresentamos o surgimento da emergente área de estudos linguísticos, seus objetivos e os conceitos fundamentais da Sociolinguística Cognitiva. Mostramos as razões da necessidade da Sociolinguística Cognitiva dentro do paradigma da Linguística Cognitiva e suas contribuições para o estudo da variação e mudanças linguísticas (SOARES DA SILVA, 2009).

Os estudos baseados na proposta da Sociolinguística Cognitiva são relativamente recentes no âmbito dos estudos linguísticos (a primeira obra só foi publicada em 2008 nos Estados Unidos). A emergente área vem aos poucos se ampliando. No Brasil, esse campo de pesquisa ainda está em caráter introdutório, carecendo de publicações que facilitem a tarefa dos pesquisadores interessados pelo assunto. Assim, nesta reflexão, introduzimos os conceitos básicos para uma Sociolinguística Cognitiva, a fim de contribuir com as pesquisas linguísticas no cenário nacional. Agora, sob o novo viés teórico, os estudos linguísticos fundamentados pela Sociolinguística Cognitiva objetivam entender e explicar a língua de uma posição cognitivista, o que significa entender o linguístico e o social como realidades analisadas a partir da cognição humana (MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

Este capítulo é fundamental para nossa investigação, por apresentar o embasamento teórico da Sociolinguística Cognitiva que fundamenta a alternância da segunda pessoa do singular no falar portuense. A partir da análise do nosso fenômeno embasado nos conceitos fundamentais da Sociolinguística Cognitiva, destacamos o significado de cada variante apresenta na fala dessa comunidade. Além disso, foi possível verificar a respeito do conhecimento e da percepção dos falantes portuenses em torno da variação linguística.

No item que segue, apresentamos a interface entre a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística para o surgimento da Sociolinguística Cognitiva.

3.1 Interfaces da Sociolinguística, da Sociolinguística Variacionista, da Linguística Cognitiva da Sociolinguística Cognitiva

A Sociolinguística Cognitiva surge a partir da interface entre a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística. Essa emergência foi necessária para consolidar os aspectos sociais e cognitivos, antes pesquisados separadamente. A Sociolinguística Variacionista quase sempre se ocupou do significado social da variação, preferencialmente no nível fonológico. A Linguística Cognitiva, por sua vez, tradicionalmente preocupou-se com o significado cognitivo da mudança semântica, preferencialmente no nível lexical. A proposta integradora entre a natureza social e cognitiva para o estudo da variação é, de fato, o centro das reflexões neste texto. Por isso, serão apresentados os arcabouços teóricos dessas interfaces para compreendermos a razão da necessidade da Sociolinguística Cognitiva dentro do paradigma dos estudos da variação e da mudança linguística (SOARES DA SILVA, 2009), e, finalmente, com este estudo, aplicaremos os fundamentos dessas interfaces na análise da *alternância da segunda pessoa do singular no falar português*.

Para tanto, discorreremos a partir daqui as fundamentações teóricas de cada disciplina, iniciando-se pelo percurso da Sociolinguística. Esse campo de estudo linguístico apresenta-se como uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais (MOLLICA; BRAGA, 2012). Como ciência autônoma e interdisciplinar, esta corrente teórica teve início no século XX, embora houvesse vários linguistas que já desenvolvessem trabalhos baseados em pressupostos teóricos claramente sociolinguísticos, como é o caso de Meillet (1866-1936) e Bakhtin (1895-1975). Esses pensadores levaram em conta o contexto sociocultural em suas reflexões linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante – pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida (BORTONI-RICARDO, 2014).

Para falar do estudo social da língua, destacamos, aqui, Antoine Meillet (1866-1936), que já insistia em seus inúmeros textos sobre o caráter social da linguagem e a definiu como um fato social, assim como Saussure também já o havia feito (CALVET, 2002). O linguista francês Antoine Meillet foi quase sempre apresentado como discípulo de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Contudo, com a publicação (póstuma) do *Curso de Linguística Geral*, Meillet distanciou-se de Saussure. A distinção de ideias entre os dois linguistas pode ser notada com relação às dicotomias saussurianas, que distinguiam a sincronia da diacronia, e com a última frase do *Curso* (“a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua

considerada em si mesma e por si mesma”) (CALVET, 2002). Em toda a obra de Meillet, notamos a convergência das abordagens interna e externa e das abordagens sincrônica e diacrônica dos fatos da língua. Enquanto Saussure opõe linguística interna e linguística externa, Meillet as associa; enquanto Saussure distingue a abordagem sincrônica da diacrônica, Meillet busca explicar a estrutura da língua através de sua história e da estrutura da sociedade (CALVET, 2002).

Segundo Meillet (1906[1905] apud CALVET, 2002), por ser a linguagem um fato social, disso resulta que a Linguística é uma ciência social. Logo, o único elemento variável ao qual se pode recorrer para explicar a variação linguística é a mudança social. Diante disso, podemos notar uma posição próxima da que se encontrará mais tarde na obra de William Labov (CALVET, 2002).

Embora o aspecto social da língua tenha chamado a atenção desde cedo, já presente nos trabalhos dos linguistas Ferdinand de Saussure, Mikhail Bakhtin e Antoine Meillet no início do século XX, foi provavelmente nos anos 1950 que esse aspecto começou a ser investigado minuciosamente. Houve também a contribuição de linguistas como Uriel Weinreich, Charles Ferguson e Joshua Fishman, que chamaram a atenção para uma série de fenômenos interessantes, como a diglossia e os efeitos do contato linguístico.

Mas, podemos dizer que quem mais se destacou foi o linguista norte-americano William Labov, que nos anos de 1960 deu início a uma série de investigações sobre a variação linguística, investigações que inovaram a compreensão de como os falantes utilizam sua língua. Por isso, ele é considerado como o fundador da Sociolinguística Variacionista, após descrever uma metodologia para analisar o processo de variação e mudança linguística. A criação desse processo metodológico para descrição e análise quantitativa da variação deu-se a partir de sua pesquisa sobre os estudos fonológicos do inglês falado na ilha de *Martha's Vineyard* e sobre o inglês falado na cidade de Nova Iorque.

Ademais, interligando as pesquisas realizadas por Labov sobre os estudos fonológicos do inglês falado na ilha de *Martha's Vineyard* e sobre o inglês falado na cidade de Nova Iorque com a proposta de estudo da emergente área, Thomas (2011) reconhece haver alguma aproximação com os aspectos cognitivos. O autor destaca que Labov (2008) reconheceu a cognição de duas maneiras diferentes para explicar os padrões de mudanças sonoras. A primeira maneira foi a observação de que as mudanças em cadeia e fusões dependem da cognição, ou seja, o conhecimento que o falante tem das categorias fonológicas (categorias constituídas no processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades ou exemplares típicos). Labov apresentou evidências de que os falantes possuem

uma “cognição social”, ou melhor, reconheceu que existem variantes particulares pertencentes a diferentes grupos sociais. Na medida em que o autor reconhece essas variedades particulares que têm a ver com os processos de interações, experiências e cognição, percebemos nesse contexto a presença da perspectiva cognitiva, embora ela tenha sido abordada apenas esporadicamente, conforme postula Thomas (2011) e, provavelmente, por este não ser o foco de estudo de William Labov.

Contudo, vale lembrar que a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1966, 1972) é um dos pilares para a construção da Sociolinguística Cognitiva, pois a teoria laboviana fundamenta os princípios e técnicas da variação linguística, das variáveis e de suas variantes (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Apesar de não ter, à época, se aprofundado nos estudos cognitivos, Labov deixou grandes contribuições para a nova área de estudo que aqui apresentamos.

A Linguística Cognitiva, que também representa um dos pilares para a construção da Sociolinguística Cognitiva, surgiu nos finais da década de 1970 e princípios da de 1980, impulsionada, por um lado, pelo interesse pelo fenômeno da significação. O termo *Linguística Cognitiva* foi inicialmente adotado por um grupo de estudiosos, entre os quais se destacam George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, nos anos de 1980. De acordo com Ferrari (2011), esses autores concordavam fundamentalmente com o matiz cognitivista da teoria gerativista (CHOMSKY, 1975), condensando na fórmula “a linguagem é o espelho da mente”, mas passaram a buscar um viés teórico capaz de dar conta das relações entre sintaxe e semântica, investigando especialmente as relações entre forma e significado na teoria linguística.

Segundo a autora, para que isso fosse possível, foi proposto um afastamento da perspectiva modular de cognição adotada pelo gerativismo. A teoria gerativista postula que o módulo cognitivo da linguagem é independente de outros módulos cognitivos (como o raciocínio matemático, a percepção etc.) (FERRARI, 2011). Assim, no domínio da linguagem, reivindica-se a primazia do módulo sintático, que apresenta princípios próprios e independentes daqueles atuantes nos módulos fonológicos e semânticos. A Linguística Cognitiva adota, por sua vez, uma perspectiva não modular, que prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem, mais especificamente entre a estrutura linguística e conteúdo conceptual (FERRARI, 2011). A autora afirma ainda que,

se a teoria gerativa postula que o significado de uma sentença é definido pelas condições sob as quais se pode interpretá-la como falsa ou verdadeira

(e, portanto, o significado é concebido como reflexo da realidade), a Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavras e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido (FERRARI, 2011, p. 14).

Portanto, a Linguística Cognitiva concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir de interações de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais, conforme postula Ferrari (2011). Com base nessa concepção, Soares da Silva (2009) aponta quatro características essenciais da Linguística Cognitiva:

um modelo orientado para o significado: sendo a função cognitiva básica da linguagem a categorização, então o significado será o fenômeno linguístico primário; *um modelo experiencialista*: o significado é enciclopédico e fundamenta-se nas experiências humanas em todas as suas dimensões; *um modelo baseado no uso*: o uso efetivo da língua, obviamente na interação verbal; *um modelo recontextualizador*: reintroduzindo no estudo da linguagem as várias dimensões contextuais retiradas da gramática pelos movimentos autonomistas do século passado, quer o estruturalismo quer, sobretudo, o gerativismo (SOARES DA SILVA, 2009, p. 4. Grifos do autor).

Para esse autor, cada uma dessas características implica uma investigação socialmente orientada, e é a partir desse prisma epistemológico, advertido por Geeraerts (2005 apud SOARES DA SILVA, 2009) para o futuro da Linguística Cognitiva, que surge a proposta da Sociolinguística Cognitiva. Esta é uma nova área de estudos linguísticos, que propõe estudar amplamente a natureza experiencial do significado, levando em consideração que as escolhas linguísticas que os falantes fazem no discurso são determinadas por diferentes fatores: escolhas lexicais de conceitos específicos determinados pela situação sociodiscursiva e outras escolhas lexicais que têm a ver não com diferenças de conceitos, mas com diferenças sociolinguísticas, estilísticas ou pragmáticas (SOARES DA SILVA, 2009).

Esse diálogo interdisciplinar para a explicação das escolhas linguísticas mostra que tem sido necessário adotar, junto às propostas cognitivistas, outros planejamentos teóricos, como o modelo da língua como sistema adaptativo complexo de uso dinâmico, no qual os processos de aquisição, de uso e de mudanças linguísticas não são independentes entre si, mas são partes integrantes de um mesmo sistema (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Para o autor, esse sistema apresenta multiplicidades de agentes, com o uso acumulativo de interações, a

concorrência de fatores na conduta do falante, a emergência de padrões de interações, experiência e cognição.

Dessa forma, a Sociolinguística Cognitiva objetiva correlacionar os aspectos sociais e cognitivos, centrando-se no estudo da variação, da mudança linguística, da acomodação e das escolhas linguísticas. Além disso, esta corrente teórica utiliza uma metodologia empírica sustentada em *corpora* representativos e em métodos quantitativos e multivariacionais. Também leva em consideração o contexto social de produção discursiva, relacionando linguagem e cultura (estabelecendo a noção de modelos cognitivos culturais), linguagem e ideologia, que contribuirá para a necessária compreensão sociocognitiva da linguagem (SOARES DA SILVA, 2009).

Como suporte teórico-metodológico que consolida as novas tendências de estudos linguísticos, a Sociolinguística Cognitiva vem preencher uma lacuna deixada por correntes anteriores (Estruturalismo, Gerativismo, Sociolinguística e Linguística Cognitiva). O Estruturalismo e o Gerativismo analisam a língua como uma estrutura homogênea; a Sociolinguística, por sua vez, deixou voluntariamente de lado o estudo do nível semântico, centrando-se em fenômenos que não implicam a variação do significado. A Linguística Cognitiva deixou de lado os aspectos sociais em seus procedimentos metodológicos para investigação dos fenômenos linguísticos (SOARES DA SILVA, 2009).

A Sociolinguística Cognitiva vem preencher, assim, essas lacunas e resolver as tensões temáticas e metodológicas, tanto da Linguística Cognitiva quanto da Sociolinguística de modo geral, conforme advoga Soares da Silva (2009). Na perspectiva da Linguística Cognitiva, as tensões temáticas e metodológicas se dão entre o “cognitivo” e o “social”, e o “cognitivo” e o “empírico”. O campo de estudo emergente vem mostrar também que as capacidades cognitivas linguísticas se constroem e existem em função da interação social. O autor adverte ainda que a Sociolinguística Cognitiva poderá, em suma, contribuir para responder ao grande desafio de saber como é que especificamente interagem os dois tipos de fatores da cognição e da linguagem: os fatores individuais, neurofisiológicos e universais, de um lado, e os fatores interindividuais, socioculturais e variacionais, do outro. Assim, a Sociolinguística Cognitiva também oferece contribuições à investigação sociolinguística em geral. Em um plano geral, ela analisa a perspectiva cognitiva dos fenômenos variacionais. Concretamente, a aplicação de modelos cognitivos descritivos no estudo da variação linguística (cf. SOARES DA SILVA, 2009).

Diante desse panorama, vale destacar ainda que a Sociolinguística Cognitiva vem responder a duas tensões internas: uma tensão no objeto da pesquisa e a outra no método da

pesquisa, como adverte Soares da Silva (2009, p. 2).

Tensão no objeto da pesquisa: apelo a todas as dimensões contextuais da linguagem, incluindo os aspectos sociais, culturais e variacionais, e a tradicional concepção individual e neurológica da cognição humana.

Tensão no Método da pesquisa: o interesse cada vez maior pelos métodos empíricos e um certo ceticismo pela metodologia objetivista no estudo de fenômenos subjetivamente experienciados, como são os linguísticos.

Ainda, a nova área de estudos linguísticos preocupa-se com o conhecimento e a percepção que os falantes têm da variação linguística, incorporando informação relativa aos entornos comunicativos, aos processos de interações e ao modo pelos quais ambos são percebidos (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Sobretudo, interessa-se também pela produção variável das manifestações linguísticas e pela percepção que os próprios falantes têm da variabilidade.

De acordo com Moreno Fernández (2012), a Sociolinguística Cognitiva, por se tratar de um âmbito que assume princípios e conceitos da Linguística Cognitiva – conceitos como os de “protótipo” ou “esquema” -, impõe-se a obrigação de explicar, de um modo diferente ao da Sociolinguística convencional, muitos de seus elementos fundamentais, incluindo as variáveis e as variantes linguísticas. Segundo esse autor, para isso, planejam-se perguntas de investigação, tais como: o que sabe o falante acerca da variação sociolinguística? Onde se instala e como se organiza tal conhecimento? Como o falante detecta os padrões de variação linguística de sua comunidade?

Além disso, há a questão central de saber o que há de específico na emergente Sociolinguística Cognitiva. Que contribuições ela poderá oferecer à investigação sociolinguística em geral?

Soares da Silva (2009), num plano mais geral, aponta três aspectos:

Em primeiro lugar: a perspectiva cognitiva dos fenômenos variacionais concretamente, aplicação de modelos cognitivos descritivos no estudo da variação linguística [...]. Em segundo lugar, a exploração da cognição social, particularmente, a elucidação da interação dialética entre o nível individual cognitivo e o lado social das formas coletivas. Finalmente, mas não menos importante, o desenvolvimento de métodos quantitativos baseados em *corpora* e de métodos de análise multivariacional da confluência de fatores conceptuais, estruturais e variacionais dos fenômenos linguísticos (SOARES DA SILVA, 2009, p. 9).

Desse modo, o modelo de investigação da emergente Sociolinguística Cognitiva busca, em um nível mais específico, identificar três principais domínios, conforme advoga Soares da Silva (2009): (i) a variação intralinguística (variação letal – variação relacionada com qualquer tipo de variedade ou variantes de uma língua: dialetos, regioletos, socioletos, idioletos, variedades nacionais, registros ou estilos etc.); (ii) a variação interlinguística de origem social; e (iii) modelos cognitivos culturais e ideologias.

Nessa mesma sequência de pensamento, Soares da Silva (2009) destaca que o objeto principal da Sociolinguística Cognitiva é, obviamente, a variação dentro de uma língua, ou seja, a variação letal em todas as suas formas e dimensões. O autor afirma ainda que a investigação sociocognitiva da variação dialetal procura saber como e até que ponto o uso da língua em diferentes regiões e em diferentes grupos sociais é determinado por diferentes conceptualizações, diferentes preferências lexicais e gramaticais e diferenças na saliência de conotações particulares.

Portanto, tudo o que foi mencionado nesses itens mostrou de fato as razões da necessidade da Sociolinguística Cognitiva dentro do paradigma da Linguística Cognitiva e suas contribuições para o estudo da variação e da mudança linguísticas. A contribuição da Sociolinguística Cognitiva com essas duas disciplinas é que ela vem mostrar que as capacidades cognitivas linguísticas se constroem e existem em função da interação social.

3.2 Conceitos fundamentais da Sociolinguística Cognitiva

De acordo com Moreno Fernández (2012), a Sociolinguística Cognitiva apresenta-se como um modelo integrador e internamente heterogêneo, pois convergem linhas de pesquisa diferentes, partindo de uma concepção comum da língua, a interação e a sociedade, criando, assim, um modelo de estrutura complexa, ou seja, uma metateoria que aglutina as propostas de diversas teorias sociolinguísticas através de um enfoque dinâmico de uso da língua.

Para esse autor, o estudo das manifestações mais complexas da língua, como o ato de fala, o discurso e a conversação – integram perfeitamente a órbita da Sociolinguística Cognitiva. E isto se dá desse modo por dois motivos principais:

O primeiro é que tudo aquilo que os discursos refletem – a visão do mundo, a cultura, as estruturas (treliças) sociais – responde à interpretação cognitivista da realidade sociolinguística, dado que as representações do mundo e as percepções das relações sociais são processos de natureza cognitiva. O segundo motivo é que o discurso mostra características comuns

com outros elementos de interesse preferencial para a sociolinguística cognitiva, como o fato de responder a processos de eleição ou seleção por parte do falante, de ser objeto e instrumento de acomodação comunicativa na interação e de experimentar processos de variação linguística (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 71).

Dentro desta perspectiva de integração, a Sociolinguística Cognitiva reforça a função formadora da língua sobre a realidade social e sua estrutura, como também sobre a visão de mundo. Porém, o pensamento – a cognição –, de certa forma, proporciona um elo entre a língua e a realidade e sustenta a relação entre a cognição e os aspectos sociais da linguagem.

Este é, de fato, o ponto de partida do pressuposto teórico da Sociolinguística Cognitiva, uma visão dinâmica da língua, da comunicação linguística e da configuração social, na qual os processos de produção e criação adquirem uma grande relevância, assim como todos os mecanismos de percepção e compreensão do uso linguístico (MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

Portanto, para melhor exemplificar essa perspectiva de integração, apresentamos os conceitos fundamentais da Sociolinguística Cognitiva propostos por Moreno Fernández (2012). Para esse autor, esse campo tem como base estabelecer um diálogo com as seguintes teorias:

- Linguística Cognitiva: percepção, protótipo, esquema (esquemas imagéticos), categorias, frequência e linguística baseada no uso;
- Teorias da interação comunicativa: acomodação comunicativa e atitudes linguísticas;
- Teorias da variação e da mudança linguística: variação e eleição/escolha;
- Sociologia dinâmica da situação: contexto, rede, interação comunicativa, discurso e ato.

3.2.1 Linguística Cognitiva: percepção, protótipo, esquema (esquema imagético), categorias, frequência e linguística baseada no uso

•Percepção

Para abordar os conceitos fundamentais da Sociolinguística Cognitiva, discorreremos sobre a percepção sociolinguística. Esta, por sua vez, implica uma ordenação e uma simplificação da realidade, que conduzem a processos de categorização. Segundo Moreno Fernández (2012), a percepção é um dos fundamentos da Sociolinguística Cognitiva, visto que ela constitui a base de atitudes linguísticas e sociolinguísticas dos falantes de uma comunidade em relação às suas variedades e às variedades de outros falantes.

De acordo com esta posição, o autor afirma que os fatos e processos sociolinguísticos não seriam definidos exclusivamente ou principalmente pelas suas características intrínsecas, objetivadas, mas pela forma como eles são percebidos subjetivamente pelos falantes. Assim, não seria suficiente caracterizar a percepção somente nos níveis socioculturais, de acordo com a profissão, nível de escolaridade, sexo/gênero e faixa etária dos falantes, mas, sobretudo, considerar que a percepção é um processo de cognição e, portanto, o aparato epistemológico da Linguística Cognitiva é aplicável em qualquer campo perceptivo das línguas (MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

Por isso, uma Sociolinguística Cognitiva não pode se dar por satisfeita descrevendo a natureza dos fatores externos que determinam a língua, mas deve atender ao modo pelo qual esses fatores são percebidos pelos falantes (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Dessa forma, junto ao entorno objetivo (social), podemos falar da existência de um entorno percebido, que será o ajuste à incidência do exterior sobre a língua. Esse autor ressalta que o entorno objetivo da comunicação linguística inclui, em disposição concêntrica, a cultura, a comunidade, as agrupações e as situações. Por outro lado, o entorno percebido como reflexo do objetivo poderá incluir os mesmos fatores e na mesma disposição, com a condição de que o grau de percepção de cada um deles pode ser diferente. Em linhas gerais, somente através da escolarização e do progressivo contato com falantes de origem distinta se adquire uma consciência e um conhecimento das variedades de uma língua, assim como de suas variáveis e variantes.

•**Categorização e Protótipo**

Segundo Soares da Silva (2009), a categorização é o processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros de uma mesma categoria. O autor questiona em seu texto o seguinte: Como categorizar a imensa variedade de entidades que constituem o mundo? Que estrutura apresentam as categorias conceituais? De acordo com o autor, a Linguística Cognitiva diz que a categorização linguística se processa, geralmente, na base de protótipos (exemplares típicos, mais representativos, ou melhor, representações mentais destas entidades/conceitos) e que, conseqüentemente, as categorias linguísticas apresentam uma estrutura prototípica. O autor ressalta, ainda, que, conforme a Linguística Cognitiva, os vários membros ou propriedades de uma categoria possuem, geralmente, diferentes graus de saliência (uns são prototípicos e outros periféricos) e agrupam-se, fundamentalmente, por similaridades parciais ou “parecenças de família” (WITTGENSTEIN, 1953 apud SOARES DA SILVA, 2009).

Para Pedraza (2013), a adaptação da teoria dos protótipos ao estudo linguístico é um dos maiores aportes da Linguística Cognitiva. Esta concepção da categorização, conhecida como teoria do protótipo, tem a sua origem na investigação psicolinguística de Eleanor Rosch e seus discípulos sobre a categorização das cores, das aves, dos frutos e de outras classes de entidades.

Segundo Moreno Fernández (2012), o modelo de protótipo oferece aos sociolinguistas a possibilidade de explicar como os falantes categorizam os fatores socioculturais e situacionais com os quais se relacionam, incluindo aspectos como o tipo de interlocutor e a situação em que se desenvolve uma interação comunicativa.

•A teoria da Linguística Baseada no Uso

Essa teoria propõe que a organização cognitiva da língua se fundamenta diretamente na experiência com a mesma língua. Ela considera impossível formular teorias linguísticas construídas unicamente sobre a introspecção, precedido dos dados reais, pois o contexto de uso tem responsabilidades diretas em relação às estruturas e representações linguísticas (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Ademais, o autor ressalta que a vinculação desse modelo com as teorias cognitivistas é clara quando se constata que a linguagem está diretamente conectada com outros sistemas cognitivos, como a memória e a percepção. Portanto, a importância do uso serve para a

[...] adequada compreensão da linguagem, que as expressões linguísticas são sempre realidades emergentes no discurso e mantêm relação dinâmica com as representações cognitivas. Por isso, a frequência se converte num fator fundamental para compreender tais usos linguísticos como sua evolução ao longo do tempo (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 35).

Além disso, é importante ressaltar que a variação e a mudança linguística, a aprendizagem e a aquisição só podem entender-se através da experiência do uso linguístico. Em consequência, o pressuposto metodológico desta teoria exige muita atenção aos *corpora* da língua falada e escrita para um adequado estudo do uso linguístico (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Desse modo, a importância do uso comunicativo é fundamental para a Sociolinguística Cognitiva, pois pressupõe a existência de interações, frequências, sequências, variações e mudanças linguísticas. Todos eles constituem o objeto de estudo dessa disciplina. A frequência é fundamental para a compreensão, tanto dos usos linguísticos quanto de sua

evolução ao longo do tempo. A variação e a mudança linguística só podem ser entendidas através da experiência do uso linguístico.

•Esquema

A base de conhecimentos sobre a qual se organizam as construções linguísticas é adquirida a partir de experiências vivenciadas pelos indivíduos em suas comunidades, desde os primeiros anos de vida, conforme afirma Chiavegatto (2009). A autora complementa ainda que esses conhecimentos vão aos poucos sendo armazenados na memória, parcialmente estruturados, hierarquizados e relativamente permanentes, e são chamados de domínios cognitivos. De acordo com a autora,

esta estabilidade não significa rigidez, pois são estruturas passíveis de modificação a partir das experiências que vão sendo vivenciadas ao longo da vida, alterando as configurações anteriores. São estas estruturas de arquivamento de experiências que são acionadas para compor os significados linguísticos. Podem ser representadas como **esquemas em imagens**, modelos cognitivos idealizados ou modelos culturais (CHIAVEGATTO, 2009, p. 86. Grifo da autora).

Os esquemas em imagens referem-se aos conhecimentos mais básicos de nossa experiência, que são estruturados em imagens esquematizadas, disponíveis para serem aplicadas a diferentes domínios (CHIAVEGATTO, 2009).

•Esquemas imagéticos e suas transformações

De acordo com Soares da Silva (2009), uma das ideias importantes (e originais) em Linguística Cognitiva é a de que grande parte do nosso conhecimento não é estático, mas se fundamenta e é estruturado por padrões dinâmicos, não proposicionais e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objetos e de interações perceptivas — os chamados *esquemas imagéticos* ("*imageschemas*"; cf. JOHNSON, 1987, LAKOFF, 1987, 1990 apud SOARES DA SILVA, 2009). Os autores afirmam que, entre

os esquemas imagéticos mais frequentes, linguisticamente realizados de muitas variadas maneiras, estão os seguintes: *contentor* ("container") ou *recipiente*, *origem-percursodestino*, *percurso* (ou *caminho*), *elo* ("link"), *força*, *equilíbrio* (ou *balança*), *bloqueio*, *remoção*, *contraforça*, *compulsão*, *parte-todo*, *centro-periferia*, *em cima - em baixo*, *à frente - atrás*, *dentro-fora*, *perto-longe*, *contacto*, *ordem linear*. Por exemplo, a ideia que temos do "equilíbrio" é algo que apreendemos, não pela compreensão de um conjunto

de regras, mas com o nosso próprio corpo, através de experiências corporais várias de equilíbrio e de desequilíbrio e da manutenção dos nossos sistemas e funções corporais em estados de equilíbrio (JOHNSON, 1987, LAKOFF, 1987, 1990 apud SOARES DA SILVA, 2009, p. 17. Grifos dos autores).

Este esquema imagético do equilíbrio é metaforicamente elaborado para a compreensão de vários domínios abstratos, por exemplo: estados psicológicos, relações legais e jurídicas, sistemas formais. Os esquemas imagéticos não existem como entidades individuais e isoladas, mas ligam-se entre si através de

transformações de esquemas imagéticos ("image-schematransformations"). Como importantes *transformações de esquemas imagéticos*, Lakoff (1987: 442-3) aponta as seguintes: *da focagem do percurso para a focagem do pontofinal* (seguir mentalmente o percurso de um objecto em movimento e depois focalizar o ponto onde ele pára ou virá a parar), *do múltiplo para a massa* (a partir de um grupo de vários objectos, imaginá-lo como um conjunto de entidades e, finalmente, como uma massa homogénea; analogamente, uma sequência de pontos é vista à distância como uma linha contínua), *seguir uma trajectória* ou, por outras palavras, *do movimento zerodimensional para o movimento uni-dimensional* (percepção de um objecto em movimento contínuo, pode mentalmente traçar-se o seu percurso ou a sua trajectória) e *sobreposição* (imaginando uma esfera grande e um cubo pequeno, aumentar o tamanho do cubo até que a esfera possa caber dentro dele e, depois, reduzir o tamanho do cubo e colocá-lo dentro da esfera). Cada *transformação de esquema imagético* reflecte pois aspectos importantes da experiência humana (sobretudo corporal) visual, auditiva ou cinestésica (SOARES DA SILVA, 2009, p. 17. Grifos do autor).

Muitos estudos na área de linguística cognitiva mostraram o papel fundamental dos *esquemas imagéticos* e das suas *transformações* no conhecimento, no pensamento e na imaginação, na estruturação dos domínios da experiência e na metáfora. Como foi mencionado no fragmento acima, os esquemas imagéticos são metaforicamente elaborados para a conceptualização de várias categorias abstratas. O termo "esquema" também está associado, por um lado, a uma forma de representação, simplificada e funcional, de objetos, de movimentos, de processos; e, por outro, a uma descrição mental dos traços essenciais de um objeto.

Portanto, todo esquema e protótipo dependem do modo em que se produzem a percepção das variáveis e variantes linguísticas que formam parte de uma variedade ou *leto* determinado (MORENO, 2012). Para a Sociolinguística Cognitiva, as variedades e estilos sociolinguísticos existem vinculados a agentes dotados de esquemas de percepção, que permitem apreciar conjuntos de diferenças sistemáticas apreendidas sincreticamente.

3.2.2 Teorias da interação comunicativa: Acomodação Comunicativa e Atitudes Linguísticas

•O Modelo da Acomodação Comunicativa

É fundamental para uma Sociolinguística Cognitiva a teoria da acomodação comunicativa. Como se sabe, ela se interessa pelos processos cognoscitivos que se produzem entre a percepção do contexto social e a conduta comunicativa. Esse modelo teórico pretende explicar algumas das motivações subjacentes aos usos e às mudanças referentes aos estilos de fala, sobretudo às consequências sociais que delas derivam (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Ainda sobre este pressuposto, o autor afirma que

os princípios básicos da teoria são os de convergência e divergências, entendida a primeira como uma estratégia comunicativa que os falantes seguem para adaptar-se a uma situação e aos usos linguísticos de seus interlocutores; e a segunda como um procedimento pelo qual os falantes acentuam suas diferenças a respeito dos outros indivíduo. Os fins que determinam a conduta convergente dos falantes são a aprovação social por parte do ouvinte, a melhor da eficácia comunicativa e a manutenção das identidades sociais positivas. O desejo de ver concretizado estes objetivos leva aos falantes a acomodar ou adaptar sua fala nas mais diversas condições/situações (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 34).

Diante dessas condutas, as divergências aparecem quando se pretende manter a distância social e linguística dos indivíduos que pertencem a grupos sociais diferentes, enquanto as convergências aparecem quando os falantes querem adaptar o seu falar à situação e aos usos linguísticos de seus interlocutores. Assim, a teoria da acomodação concede uma mediação a fim de possibilitar a coesão na interação comunicativa entre um falante e seu interlocutor.

•Atitudes linguísticas ante as variedades

A atitude linguística é uma manifestação da atitude social do indivíduo, centrada e referida especificamente tanto à língua quanto ao uso em sociedade. Para van Dijk (2012), as atitudes se instalam no mundo cognitivo do falante e consistem em um conjunto de crenças avaliativas gerais, geralmente compartilhadas por um grupo social. Moreno Fernández (2012) acrescenta, ainda, que a atitude linguística corresponde a conjuntos específicos, organizados, de crenças socialmente compartilhadas e, como consequência desta definição, a atitude pode entender-se, ainda, como resultado da interação e como fator explicativo de mudanças linguísticas.

Geralmente, na atitude se identificam três dimensões: uma *dimensão de competência*, uma *dimensão de valor* e outra *instrumental* ou *de uso* (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Para o autor, a *dimensão de competência* inclui o elemento cognoscitivo da atitude e se refere ao nível de conhecimento que se tem da língua da comunidade, que, ao aumentar, pode propiciar atitudes favoráveis. Em relação à *dimensão de valor*, o autor afirma que reflete o elemento efetivo da atitude; o valor outorgado à língua encontra-se determinado pelo sistema de crenças que se manifesta na interação social. A última dimensão é a *instrumental* ou *de uso*, que reflete o elemento conativo da atualidade. Segundo Moreno Fernández (2012), as atitudes linguísticas são partes integrantes e consequência da consciência linguística, fator decisivo no comportamento dos falantes em relação às formas linguísticas de maior prestígio, assim como no reconhecimento dos socioletos e os estilos mais próximos aos ideais de cultura e educação dentro de uma comunidade.

3.2.3 Teorias da variação e da mudança linguística: variação e eleição/escolha

•Variação

A variação é parte essencial das línguas e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes (MOLLICA; BRAGA, 2012). Segundo Moreno Fernández (2012, p. 92), a variação tem um *habitat* na produção linguística e em sua replicação ou reprodução e pode ser interpretada a partir da percepção subjetiva no momento da aquisição. Ainda segundo o autor, a percepção tem um papel decisivo na aquisição da variação, dado que a capacidade de reprodução depende das escolhas linguísticas em funcionamento e do mecanismo de percepção seletivo, que ora opta por umas variantes, ora por outra(s).

A percepção subjetiva em situações sociolinguísticas estáveis ocorre quando há apreensão do sistema linguístico específico do contexto familiar; assim, tende a enfraquecer-se. Mas, quando as situações são menos estáveis, quando surgem fatos frequentes, a percepção passa por um processo de abstração seletiva que pode conduzir a uma posterior reorganização do vernáculo (LABOV, 2011 apud MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Os novos elementos percebidos podem provocar reinterpretações sociais que o falante desenvolve sobre o sistema de variação recebido pelos mais velhos. Portanto, a percepção implica uma atividade mnemônica e seletiva, que depende em grande medida das frequências de uso dos elementos percebidos (MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

Por isso, a Sociolinguística Cognitiva se preocupa pelo conhecimento da percepção que os falantes têm da variação linguística, incorporando informações relativas aos entornos comunicativos, aos processos de interação e ao modo em que esses são percebidos (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Para Moreno Fernández (2012), uma Sociolinguística Cognitiva se interessa pela produção variável das manifestações linguísticas e pela percepção que os próprios falantes têm da variabilidade.

•Eleição/escolhas linguísticas

A variação linguística é um processo essencial nas línguas, baseado nas escolhas de uma das variantes pelos falantes, entre as possibilidades que lhes oferecem seu instrumento linguístico, seu entorno comunicativo e seu contexto social (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). O autor ressalta ainda que a variação nasce dos usos repetidos no contexto de interação ou cooperação comunicativa, usos que se produzem com frequências determinadas e que podem afetar tanto a representação mental como a sua configuração formal.

Destarte, a escolha linguística representa um dos objetos preferenciais da Sociolinguística Cognitiva, pois as escolhas que o falante pratica não se reproduzem por um simples impulso (*ex novo*) em cada uma das situações, mas a partir do uso de convenções fixadas em situações prévias similares. A escolha linguística tem um grande poder explicativo no que se refere à variação, ao contado de línguas ou à interação comunicativa (MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

3.2.4 Sociologia dinâmica da situação: contexto, rede, interação comunicativa, discurso e ato

•Contexto

O contexto pode promover a reestruturação categorial e, por isso, faz-se necessário compreender bem a definição desse conceito. Ferrari (2001) caracteriza-o como fenômeno mental, pois se acredita que esse seja o ponto de partida para diferentes definições, visto que as pesquisas em Linguística Cognitiva têm descartado a noção de representação mental abstrata e preexistente (normalmente adotada nas pesquisas de base psicolinguística), para caracterizá-lo como evento mental rico, imagístico, sensorial e corpóreo. Além disso, a autora apresenta como segunda opção a *hipótese da base corpórea da cognição (embodiment hypothesis)*, cuja principal premissa é a de que experiências vividas pelos indivíduos através

de seus corpos em ação fornecem a base fundamental para a cognição, influenciando atividades cognitivas.

As experiências cognitivas locais, como os registros compartilhados de uma conversa em andamento (contexto linguístico) ou parâmetros relacionados ao tipo de evento de fala (contexto social), caracterizam a primeira acepção de contexto segundo Ferrari (2011). Para a autora, o contexto social reflete o tipo de situação em que os participantes estão imersos e as relações estabelecidas entre eles (incluindo relações de poder). A representação dos estados mentais dos demais participantes da conversa tem sido destacada com uma das facetas mais relevantes na interação social (LEVINSON, 2000 apud FERRARI, 2011). Além disso, conclui-se que o falante não apenas constrói mentalmente a realidade física externa, mas também os estados mentais de conhecimentos, crenças e intenção de seus interlocutores (FERRARI, 2011).

A segunda opção de contexto apresentado por Ferrari (2011) está relacionada com a memória permanente. A autora explica isso a partir do experimento realizado por Hallff, Ortony e Anderson (1976) sobre a cor vermelha. Os autores observaram representações distintas em contextos referentes a maçãs, legumes, batatas ou vinhos. Isso indicou que as categorias cromáticas podem variar quanto ao seu núcleo prototípico, em função de sua associação a diferentes domínios cognitivos. Ficou comprovado que o vermelho prototípico para maçã será diferente do vermelho prototipicamente relacionado a vinho tinto.

Portanto, a noção de contexto defendido neste texto é entendida através de uma perspectiva cognitiva, teorizado por Ferrari (2011), conforme foi exposto acima, e por Teun van Dijk (2012). Para este último, os contextos são modelos mentais subjetivos de situações sociais e esses modelos são determinantes no processo de produção e percepção do discurso. É essa perspectiva de contexto que abordaremos no próximo subitem. Neste, apresentaremos a proposta do autor, que elaborou uma teoria dos *modelos de contexto* como um tipo especial de modelos da experiência do dia a dia, representados na memória episódica dos participantes do discurso.

•Contexto e cognição conforme van Dijk

Os contextos não são um tipo de situação social objetiva, e sim construto dos participantes, subjetivos, embora socialmente fundamentados, a respeito da propriedade que para eles são relevantes em tal situação, isto é, modelos mentais. Essa é a tese defendida por van Dijk (2012), no capítulo *Contexto e Cognição*, do livro *Discurso e Contexto: uma*

abordagem sociolinguística. A hipótese geral do capítulo consiste em mostrar que contextos precisam ser definidos como um tipo específico de modelo mental.

Segundo o autor, se os modelos de contexto controlam muitos aspectos da produção e compreensão de textos e falas, “isso significa que os usuários da língua não estão apenas envolvidos em processar o discurso; ao mesmo tempo, eles também estão engajados em construir dinamicamente sua análise e interpretação subjetiva on-line” (VAN DIJK, 2012, p. 87). Embora a ideia de contexto tenha sido frequentemente usada como algo que sirva de pano de fundo social ao discurso e pouco analisado em termos teóricos, segundo o autor, ele precisa ser tratado no sentido específico de contexto do texto ou da conversa, ou seja, uma teoria cognitiva de conjunto do contexto como um tipo de modelo mental (VAN DIJK, 2012). Desse modo, mostraremos uma síntese das propriedades dos modelos de contexto, bem como um esquema desses modelos apresentado pelo autor.

[s]e os modelos de contexto são, como todas as nossas experiências pessoais, os modelos mentais armazenados na memória episódica, então eles deveriam ter a mesma estrutura categorial que as demais experiências pessoais. Mas, no caso, a interação envolve comunicação e, portanto, participantes que falam, escrevem, ouvem e lêem (em diferentes papéis comunicativos), e os atos sociais locais e globais consistem em textos e fala ou outros atos verbais. No entanto, isso é muito geral, portanto precisamos de um meio mais detalhado, teoricamente idôneo e empiricamente seguro para estabelecer os tipos de categorias ou estruturas que constituem os modelos de contextos (VAN DIJK, 2012, p. 111).

O autor adverte ainda que, somente então, seria capaz de dizer alguma coisa sobre os modos como essas propriedades mais específicas controlam as estruturas detalhadas do discurso. Além disso, van Dijk (2012) salienta que um dos problemas cruciais da teoria do contexto é decidir que categorias precisam ser postuladas nesses contextos, ou seja, a que parâmetros das situações comunicativas (locais) os usuários da língua estão rotineiramente atentos. O autor defende, então, que as categorias podem ter dois níveis de representação; um global e outro local, apesar de as considerar um tanto genéricas, de modo que precisou expor uma proposta detalhada das categorias possíveis ou necessárias dos esquemas para modelos de contexto, ou seja, possíveis candidatas para um esquema de modelo de contexto, ainda considerada muito simples pelo autor. Segue, assim, a proposta de van Dijk, (2012):

- Ambiente: Tempo/Período, Espaço/ Lugar/ Entorno;
- Participantes;

- O Eu-mesmo;
- Papéis comunicativos (estrutura de participação);
- Tipos de papéis sociais, ser membro de um grupo ou identidades;
- Relações entre os participantes (por exemplo, poder, amizade);
- Crenças e conhecimentos compartilhados e sociais;
- Ações/Eventos comunicativos ou de outra natureza.

Além disso, van Dijk ressalta que “precisamos verificar como os participantes analisam e representam os entornos e as situações sociais em geral, porque é plausível que, na construção de seus modelos de contextos subjetivos, eles usem mais capacidades gerais de compreensão, cruciais em sua vida cotidiana” (VAN DIJK, 2012, p. 114).

Em síntese, o autor destaca que se limitou às questões que interessam num estudo cognitivo, tratando de aspectos de representação e do processamento mental, como o papel do conhecimento, das interações e dos objetivos dos participantes.

A tese crucial de um modelo mental defendida por van Dijk (2012) é que, além da representação do sentido de um texto, os usuários de uma língua também constroem modelos mentais dos eventos (fatos sobre os quais estão falando ou ouvindo), isto é, a situação que eles têm como denotação ou referência. Van Dijk e Kintsch (1983 apud VAN DIJK, 2012) postularam uma teoria dos modelos mentais, chamada *modelos de situação*, com o objetivo de explicar como as pessoas compreendem o discurso, no âmbito de uma teoria mais geral do processamento do discurso mediante estratégias. Segundo van Dijk (2012), uma das propriedades fundamentais dos modelos mentais é

ser pessoalmente único e subjetivo. Eles não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes a maneira como os usuários da língua interpretam ou constroem cada modo esses eventos, por exemplo, em função de objetivos pessoais, conhecimentos ou experiências prévias – ou em função de outros aspectos do “contexto” (VAN DIJK, 2012, p. 92).

Além disso, convém ressaltar que, embora na maioria das formas de discurso entre membros de uma mesma comunidade os modelos mentais sejam suficientemente semelhantes para garantir o sucesso da comunicação, os modelos mentais incorporam necessariamente elementos pessoais que tornam únicas todas as produções e interpretações, tornando, assim, possível o mal-entendido, mesmo considerando que eles têm muitos elementos socialmente compartilhados (VAN DIJK, 2012).

Outro ponto que também nos interessa na teoria desse autor diz respeito ao desenvolvimento da teoria dos contextos como modelos mentais, por considerar, portanto, que precisa investigar como a percepção ou experiência das dimensões “subjetivas” das situações comunicativas (por exemplo, as dimensões espaciais) pode ter algum impacto sobre sua representação. Assim, finalizamos este subitem, não de maneira detalhada, pois o capítulo proposto por van Dijk (2012) apresenta muitas informações relevantes, sobre o contexto e cognição, que as utilizaremos na fundamentação das nossas análises.

• Sociolinguística de redes

O conceito de “rede” é fundamental para compreender a realidade social (WELLMAN; BERKOWITZ, 1988 apud MORENO FERNÁNDEZ, 2012) e a realidade sociolinguística. As redes, tecidas entre “nodos” mediante “vínculo” pelas quais circula informação, permitem o desenvolvimento da inteligência social, como também a criação e a dinâmica da cultura, que José Antonio Marina (2010 apud MORENO FERNÁNDEZ, 2012) redefine como o conjunto de mensagens cognoscitivas, afetivas e normativas que transitam por uma rede. Segundo Bortoni-Ricardo (2011), a análise de rede, em sentido amplo, é o estudo das relações existentes num sistema em processo de mudança. Quando aplicada a sistemas sociais, a análise de rede é uma estratégia social primeiramente voltada para as relações entre os indivíduos em um grupo.

Moreno Fernández (2012) argumenta que, na perspectiva comunicativa, podem distinguir-se dois níveis de redes: as redes do mundo pequeno e as redes do mundo grande. Conforme o autor, as primeiras são redes pessoais dos membros de uma comunidade de fala qualquer e dentro dela se produz uma dinâmica própria de identidade, variação e mudança, que pode estar sintonizada com as dinâmicas de outras redes sociais e de outros grupos. Quanto às redes do mundo grande, o autor defende que seria as redes mediáticas, criadas por grandes grupos de comunicação, com capacidade para aceder a todos os membros de uma comunidade, e ainda para penetrar em entornos naturais e socioculturais diferentes. Bortoni-Ricardo (2011) a conceitua como redes de tessituras miúdas e redes abertas. “As redes de tessituras miúdas associam-se à preservação de linguagem minoritária e não padrão, enquanto as redes abertas são marcadas por preferência da linguagem culturalmente dominante ou suprarregional” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 100).

•Discurso, ato de fala e conversação

Estudos das manifestações mais complexas da língua, como o ato de fala, discurso e conversação, integram-se perfeitamente na trajetória da sociolinguística cognitiva (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Segundo esse autor, isso é assim por dois motivos: primeiramente porque o discurso reflete a visão do mundo, a cultura, as treliças sociais, além de responder às interpretações cognitivistas da realidade sociolinguística. Isso acontece porque as representações do mundo e as percepções das relações sociais são processos de natureza cognitiva.

Portanto, finalizando este capítulo, mostramos que os estudos sobre variação e mudança linguísticas ganharam mais um aparato teórico e metodológico a partir do surgimento da Sociolinguística Cognitiva. Esta nova corrente teórica analisa o processo de variação levando em consideração a parte cognitiva, semântica e social que seja compatível com a disciplina, suas teorias e seus métodos. Na complementaridade teórica da emergente disciplina, fica evidente a proposta integradora ao incluir na natureza social do estudo da variação um aparato cognitivo que faz mediação entre o mundo e a categorização.

A compreensão do fenômeno da variação será integral, já que contemplará o círculo que forma contexto e cognição. Além disso, a Sociolinguística Cognitiva se preocupa com o conhecimento e a percepção dos falantes sobre a variação linguística. Este representa o foco do nosso estudo em análise, além dos outros conceitos fundamentais da Sociolinguística Cognitiva propostos por Moreno Fernández (2012), apresentados neste item, que serão necessários para a explicação da alternância da segunda pessoa do singular no falar portuense. Apresentamos no próximo capítulo a metodologia, o procedimento de coleta, o levantamento e a codificação dos dados da nossa pesquisa.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA, PROCEDIMENTOS DE COLETA, GERAÇÃO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Este capítulo constará de quatro seções. Na primeira seção, delineamos a metodologia utilizada em estudos da Sociolinguística Cognitiva e Variacionista: metodologia que integra análise qualitativa e quantitativa; na segunda, explicitamos o procedimento metodológico de seleção dos participantes dessa pesquisa; na terceira, explicamos o procedimento de coleta e geração de dados e, na quarta, apresentamos o levantamento e codificação dos dados.

4.1 Pressupostos metodológicos da Sociolinguística Cognitiva e Sociolinguística Variacionista

Este estudo linguístico sobre a comunidade urbana de Porto Nacional - TO observa os padrões linguísticos compartilhados na realização das variáveis dependentes *tu/você/cê*. O modelo metodológico adotado nesta investigação consiste na integração entre os pressupostos da Sociolinguística Cognitiva e da Sociolinguística Variacionista.

Segundo Moreno Fernández (2012), a metodologia sociolinguística oferece duas características que, unidas, destacam sua personalidade entre o conjunto das disciplinas linguísticas. Uma delas é a atenção à dimensão social da língua e suas implicações epistemológicas:

[I]nteressa o uso da língua na sociedade, valorizando as interações dos falantes reais considerados como sujeitos, como agrupamentos ou como comunidades. A outra característica é a de sua dimensão empírica: a sociolinguística trabalha com dados empiricamente reunidos, armazenados e tratados, concedendo validade às aproximações indutivas (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 168).

Conforme Moreno Fernández (2012), o cognitivismo também deixou suas contribuições para o estudo sociolinguístico, influenciando as decisões metodológicas no que concerne à prioridade ao uso da língua, à interação comunicativa e à percepção das produções linguísticas. A Sociolinguística Cognitiva representa perfeitamente uma concepção do estudo da língua fundamentada tanto no empirismo quanto em sua função social. Para o autor, parece claro que a Sociolinguística Cognitiva deve ser feita a partir de dados, os dados a serem avaliados qualitativamente para explicar por que as coisas são do jeito que são, e equilibrados

quantitativamente, para explicar por que as coisas são como são. Moreno Fernández (2012) ressalta ainda que não podemos esquecer a importância que essa teoria concede à percepção da realidade, tornando, assim, mais complexo o conceito de dados, pois a investigação cognitiva, sobretudo a Psicologia e a Sociologia do Conhecimento, faz distinções entre três tipos de dados: os dados sensoriais, os conceituais e os mnemônicos, cujas relevâncias dependem da maneira com que esses dados são analisados.

Os dados sensoriais são realidades concretas e físicas, portanto registráveis e mensuráveis. Os dados conceituais são representações dos primeiros, entidades interpretadas e processadas pelos investigadores, definidas por critérios de caráter subjetivo, embora exista uma base real sobre a que se apoia. Finalmente, os dados mnemônicos são conjuntos de propriedades abstraídas que se fixam na memória ou entidades simbólicas que identificam um feito de forma simplificada, o que facilita sua memorização (LANDI, 1995 apud MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 169).

Cada uma dessas conceptualizações de dados resulta de aplicação para a análise sociolinguística. Podemos exemplificar isso a partir do estudo da alternância entre o *tu/você*: os registros gravados (dados reais); as interpretações das ocorrências das variantes que são definidas por critérios de caráter subjetivo, a observação do processo de percepção e produção linguística dessas variantes (dados conceituais); os dados podem ser avaliados como expressão de uma norma ou regras operativas nos falantes (os dados mnemônicos). Por isso, a Sociolinguística Cognitiva, segundo Moreno Fernández (2012), atende de modo sistemático à forma em que a realidade se manifesta, sua percepção do objeto investigado e os modelos subjetivos criados pelos falantes.

Para Moreno Fernández (2012), uma boa pesquisa requer o estabelecimento de uma relação adequada entre o modelo teórico e a metodologia, bem como entre os princípios metodológicos e as decisões analíticas e procedimentais. Por isso, uma pesquisa sociocognitiva precisa reinterpretar as diretrizes da Sociolinguística tradicional a partir do ponto de vista da cognição dos falantes. Portanto, a Sociolinguística Cognitiva não apresenta sua metodologia como única, nem como definitiva, mas como alternativa (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Porém, Moreno Fernández (2012) pontua alguns princípios da análise sociolinguística. Em nosso estudo sobre a alternância da segunda pessoa do singular, consideramos esses princípios de análise da Sociolinguística Cognitiva para verificar se o uso das variantes de p2s é percebido ou não pelos falantes e qual o significado de cada variante para o falante portuense.

4.1.1 Os princípios da análise da sociolinguística cognitiva

Sobre os princípios da análise Sociolinguística Cognitiva, Moreno Fernández (2012) pontua as seguintes proposições:

- ✓ A análise sociolinguística cognitiva não considera incompatíveis os procedimentos quantitativos e qualitativos, mas trabalha integradamente para melhor compreensão da percepção e do uso da língua;
- ✓ A análise sociolinguística cognitiva deve guiar-se pela factualidade: a teoria deve estar de acordo com os dados;
- ✓ A análise sociolinguística cognitiva deve guiar-se pela economia e buscar a simplicidade na descrição;
- ✓ A análise sociolinguística cognitiva deve guiar-se pela clareza, que supõe aceitar que a formalização não é um fim em si mesma, mas um meio para a compreensão;
- ✓ A análise sociolinguística cognitiva deve guiar-se pela generalidade, o que supõe buscar tanto regras gerais, como princípios universais, e tratá-los com relatividade necessária;
- ✓ A análise sociolinguística cognitiva deve guiar-se pela produtividade, que supõe que a análise preferível é o que minimiza o desvio das tendências naturais, a menos que haja evidência do contrário.

De acordo com esse autor, a Sociolinguística Cognitiva aprecia especialmente as possibilidades que oferece a metodologia qualitativa e explora ao máximo as possibilidades de uma adequada coordenação das análises quantitativas.

Sobre as técnicas da Sociolinguística Cognitiva, Moreno Fernández (2012) pontua as seguintes proposições:

- ✓ A coleta interativa de amostra é o procedimento básico para o estudo sociolinguístico da língua;
- ✓ A coleta de amostra da realidade não gera necessariamente dados objetivos nem definidos em si mesmo;
- ✓ A coleta de amostras dá lugar a percepções que afetam a todos componentes da interação: o falante, o interlocutor, a mudança referencial de cada interlocutor, o contexto percebido e a situação comunicativa em seu conjunto;
- ✓ O modo em que se concretizam as percepções implementadas durante a coleta de amostras pode estar correlacionado com fatores psicossociais, sociais e situacionais;
- ✓ A entrevista é a técnica básica para a coleta de materiais da língua falada.

Nesse sentido, a Sociolinguística Cognitiva propõe que a investigação seja desenvolvida dentro do quadro metodológico integrador, cognitivamente realista e não reducionista. Para esse desenvolvimento, Moreno Fernández (2012) afirma que são decisivos os processos de observação, derivados de uma concepção social da língua e de uma atenção preferencial ao uso linguístico.

A Entrevista Sociolinguística analisada a partir da interpretação cognitiva utiliza como ponto de partida o conceito de cenário discursivo, ou seja, como modelo discursivo de interação formado por sequências de esquemas de ato de fala. Neste instrumento, o falante não é somente um agente discursivo, mas um observador e perceptor de seu entorno, especialmente de seu interlocutor.

A Sociolinguística Variacionista, por sua vez, entende a variação linguística como fato apreensível e sistemático, ao correlacionar os aspectos linguísticos e sociais para a explicação do processo da variação e da mudança linguística. Adotamos também essa linha em nossa pesquisa, em função de ela ser considerada teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua em uso (MOLLICA; BRAGA 2012). Essa corrente teórica tem como pressuposto básico o estudo da variação, que é um fenômeno inerente ao sistema linguístico de qualquer comunidade de fala. Além disso, esse campo trabalha com um instrumental estatístico para quantificar os fenômenos variáveis.

Para Guy (2007), a realização de análise quantitativa possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua relação com a mudança linguística. Para o autor, o método estatístico tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigmas linguísticos, entre tantas outras.

Segundo Scherre & Naro (2012), os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista. Segundo os autores, se o linguista for bom, certamente os resultados lhe permitirão refutar ou não as hipóteses estabelecidas quando da análise dos dados linguísticos. Além disso, destacam que a estatística é apenas um instrumento valioso que pode auxiliar no entendimento sobre o comportamento de fenômenos linguísticos. Esse instrumental abre novos horizontes de entendimento, aumentando a capacidade dos pesquisadores na realização de análises de usos linguísticos.

A variação, segundo Eckert (2009), expressa a totalidade das inquietudes sociais de uma dada comunidade e o uso da variação não só reflete, como também constrói o significado social. A autora afirma ainda que o significado das variáveis individuais está infraespecificado e só se completa no contexto do discurso e de forma crucial, na construção dos estilos de fala. Nesta visão dialética entre sistema e uso, o estudo da língua em contexto adquire uma posição central, já que é a única forma de alcançar as regularidades do sistema (PEDRAZA, 2014). Nesse ponto, será necessária a correlação entre os métodos da Sociolinguística Variacionista e

da Sociolinguística Cognitiva para a explicação do fenômeno em estudo, pois a própria Sociolinguística Cognitiva reconhece a experiência da Sociolinguística Variacionista e propõe adquirir seus métodos, já que, apesar da visão experiencial do significado, que é fundamental em Linguística Cognitiva, na prática fica escasso o estudo sistemático do contexto ou das variáveis sociais. Sobre isso, Pedraza (2014) afirma que

Esta descontextualización hace que se extraigan conclusiones que, a falta de matización, parecen generalizables a diversas comunidades lingüísticas, como si fueran homogéneas. Sin embargo, la lengua es necesariamente variable, ya que la heterogeneidad del mundo y de las vivencias influyen en ella. De las dos formas de experiencia básicas que tienen un impacto sobre la manera de aprehender, la más relevante en Lingüística Cognitiva hasta la fecha es la naturaleza biológica como seres humanos y, en particular, el hecho de tener un cuerpo que media entre el mundo y la mente (PEDRAZA, 2014, p. 32).

Assim, a interação e o diálogo entre essas correntes teóricas são imprescindíveis para a análise da variação e da mudança linguística, pois ambas se complementam para a explicação do fenômeno, adotando características do significado experiencial, enciclopédico, flexível e dinâmico, e baseado no uso. A Sociolinguística Cognitiva não se limita a nenhum conjunto particular de propostas metodológicas, mas avalia as alternativas metodológicas existentes para aplicar as mais adequadas ao fenômeno pesquisado (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Considera também de forma conjunta todas as expressões de determinado *corpus*, fazendo a análise dos fatores externos mediante métodos multivariados, investigando fatores conceituais, contextuais, semânticos, pragmáticos e estilísticos.

Dessa forma, a escolha desse novo viés teórico e metodológico para analisar a alternância da segunda pessoa do singular no falar portuense é o que faz essa pesquisa ser inovadora, pois buscamos correlacionar o aspecto variacionista (quantitativo) com a perspectiva cognitivista (qualitativa) para a explicação de comportamentos linguísticos que precisam ser evidenciados no falar dessa comunidade. Apresentaremos como ocorreu a seleção dos participantes para esta pesquisa.

4.2 Seleção de participantes

Com o objetivo de analisar a alternância da segunda pessoa do singular no falar portuense, iniciamos em 2017 uma coleta de dados na região urbana de Porto Nacional

Tocantins. Um dos fatores que nos motivou à escolha desse município foi o fato de Porto Nacional ser um protótipo de comunidade de fala tocantinense, que ainda foi pouco estudada.

Ao iniciarmos as coletas de dados, primeiramente fizemos uma pré-seleção dos participantes da pesquisa. Para tanto, os critérios de seleção foram: conceder a entrevista espontaneamente, ser nascido em Porto Nacional ou ter ido para lá quando criança; não ter morado fora ou no máximo por um terço da vida; encaixar-se nos perfis sociolinguísticos preestabelecidos – que são sexo, faixa etária e anos de escolaridade. Para a realização deste estudo, foram selecionados 36 falantes, estratificados conforme o Quadro 8:

Quadro 8: Perfil dos falantes.

FAIXA ETÁRIA	18-35		36-55		+55	
	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
Superior	2	2	2	2	2	2
Médio	2	2	2	2	2	2
Fundamental	2	2	2	2	2	2
Total: 36						

Fonte: Elaboração própria.

Conseguimos constituir uma amostra do falar portuense com 36 participantes; 18 mulheres e 18 homens, com o intervalo de idade entre 18 e 86 anos. Em relação ao nível de escolarização, selecionamos 12 falantes com ensino fundamental completo e incompleto, 12 com ensino médio completo e 12 com ensino superior completo. O contato com os primeiros colaboradores desta pesquisa foi realizado com auxílio de um morador da cidade, estudante na área da Dialetoologia. Contamos também com a ajuda de pessoas da comunidade que nos puseram em contato com outros colaboradores da nossa pesquisa, o que significa dizer que as entrevistas foram autorizadas pelos participantes da nossa pesquisa, tornando-se possível efetuar o controle sociolinguístico de cada falante. Vale ressaltar que foi aplicada também uma ficha social, em que registramos as características sociais, com o objetivo de colher as informações para as entrevistas e para a análise dos dados. No final das entrevistas, foi solicitada a assinatura do termo de consentimento de uso dos dados com propósito científico.

Tivemos um pouco de dificuldade de encontrar falantes que preenchessem o seguinte perfil: Ensino Fundamental Completo e Incompleto, principalmente homens e mulheres de 18 a 35 anos, mas, com ajuda de um falante colaborador da nossa pesquisa, conseguimos ir a uma escola que oferecia EJA e pudemos finalizar as entrevistas. Ficamos surpresas ao ver uma grande quantidade de jovens entre 17 e 19 anos cursando a segunda fase do ensino

fundamental. Contudo, cada estudante apresenta sua realidade particular e os motivos para ainda estar cursando esse nível escolar. Portanto, esse foi o último perfil a ser gerado, devido às dificuldades em encontrar os falantes durante o período diurno; a maioria dos falantes com esse perfil trabalham durante o dia. Finalizamos as gerações dos dados, agradecidas pela boa receptividade da equipe diretiva da escola, bem como a excelente receptividade de toda a comunidade portuense. Assim, completamos as entrevistas da nossa amostra.

Os principais condicionadores sociais que usualmente são correlacionados à variação linguística são a faixa etária, o grau de escolaridade e o sexo/gênero dos falantes, conforme apresentamos a seguir.

Faixa etária

A variável faixa etária é, conforme Moreno Fernández (2009), o aspecto mais relevante para a variação, pois essa variável determinará com mais precisão indícios de mudanças em tempo real, ou seja, a configuração de um fenômeno linguístico em cada fase da vida do ser humano. O fator faixa etária apresenta-se como relevante nos estudos variacionistas. Além de sua relevância nos estudos variacionistas que serão considerados em nossas análises, avaliamos também os métodos de estudo dos modelos de contextos, proposto por van Dijk (2012). Um método para o estudo dos contextos consiste, segundo esse autor, em estudar sistematicamente suas consequências, isto é, as variações do discurso, em situações diferentes.

Para exemplificar isso, tomemos como base a seguinte situação apresentada por van Dijk (2012): se pronomes diferentes são usados para contar a mesma história a diferentes pessoas, em situações em que muda apenas a idade dos receptores, temos algumas evidências de que a idade do destinatário é uma categoria relevante dos modelos de contexto, nessa cultura. A ideia de contexto defendida por van Dijk (2012) consiste em mostrar que os modelos de contextos precisam ser definidos como um tipo específico de modelo mental, embora seja muito plausível e coerente com a maioria dos trabalhos mais atuais em Ciência Cognitiva. Os detalhes de uma teoria psicológica do contexto precisam ser dados em estudos experimentais futuros.

Por isso, nesta pesquisa, optamos por testá-la para verificar se a idade dos falantes interfere na alternância do pronome de segunda pessoa do singular na comunidade estudada, e verificar a relevância em considerar o contexto como modelo mental e como construto dos participantes na análise desse fenômeno. Os falantes desta pesquisa foram estratificados nas faixas etárias de dezoito (18) a trinta e cinco (35) anos, de trinta e seis (36) a cinquenta e

cinco (55) anos e mais de cinquenta e cinco (55) anos de idade, conforme apresentado no Quadro 8.

Nível de escolaridade

A escolaridade é, de fato, um critério muito importante para a investigação sobre a variação e a mudança linguística, já que quanto maior o tempo de escolaridade de uma pessoa, maior a probabilidade de sua fala e escrita aproximarem-se da norma-padrão (GUIMARÃES, 2012). Segundo Moreno Fernández (2012), é através da escolarização e do contato progressivo com falantes de diferentes origens que o falante vai adquirindo uma consciência e um reconhecimento das variedades de uma língua, bem como de suas variáveis e de suas variantes. Segundo esse autor, o processo de conhecimento da variação é refletido a partir da maturidade linguística. Ao mesmo tempo, as atitudes linguísticas dos próprios falantes e dos aprendizes de uma língua dependem em grande medida do ponto de maturidade ao que se chega (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Em relação a essa variável, foram selecionados falantes do ensino fundamental (completo e incompleto), falantes com ensino médio e falantes com ensino superior.

Fator gênero/sexo

Várias pesquisas sociolinguísticas comprovam notáveis diferenças quando se usa o sexo como critério de análise. Uma das principais é a tendência de as mulheres obedecerem à norma-padrão com maior rigor do que os homens. Isso pode interferir no mecanismo de mudança linguística. Nesse panorama, Marra (2009, p. 124) afirma que “os líderes da mudança linguística como descritos por Labov são mulheres que alcançaram posições econômicas e socialmente respeitadas em redes sociais locais”.

Essas variáveis extralinguísticas foram analisadas de forma correlacionadas com as variáveis linguísticas, considerando também o significado semântico das formas de segunda pessoa do singular, bem como a percepção dos falantes portuenses sobre a variação linguística. No próximo tópico, apresentamos o modo como ocorreu a seleção dos participantes, as coletas e geração dos dados. Apresentamos o Quadro 9, com o perfil dos participantes da pesquisa.

Quadro 9: Identificação social dos falantes da amostra de fala de Porto Nacional.

Participantes	Sexo	Faixa etária	Escolaridade
t	F	18 – 35	Superior
a	F	18 – 35	Superior
s	F	36 – 55	Superior
e	F	36 – 55	Superior
j	F	+ 56	Superior
c	F	+ 56	Superior
n	M	18 – 35	Superior
g	M	18 – 35	Superior
o	M	36 – 55	Superior
f	M	36 – 55	Superior
h	M	+56	Superior
r	M	+56	Superior
p	F	18 = 35	Médio
y	F	18 – 35	Médio
d	F	36 – 55	Médio
i	F	36 – 55	Médio
q	F	+ 56	Médio
ç	F	+ 56	Médio
z	M	18 – 35	Médio
x	M	18 – 35	Médio
b	M	36 – 55	Médio
7	M	36 – 55	Médio
8	M	+ 56	Médio
9	M	+ 56	Médio
\$	F	18 – 35	Fundamental
o	F	18 – 35	Fundamental
4	F	36 = 55	Fundamental
%	F	36 – 55	Fundamental
6	F	+ 56	Fundamental
5	F	+ 56	Fundamental
?	M	18 – 35	Fundamental
+	M	18 – 35	Fundamental
^	M	36 = 55	Fundamental
*	M	36 – 55	Fundamental

w	M	+ 56	Fundamental
v	M	+ 56	Fundamental
Total	36	36	36

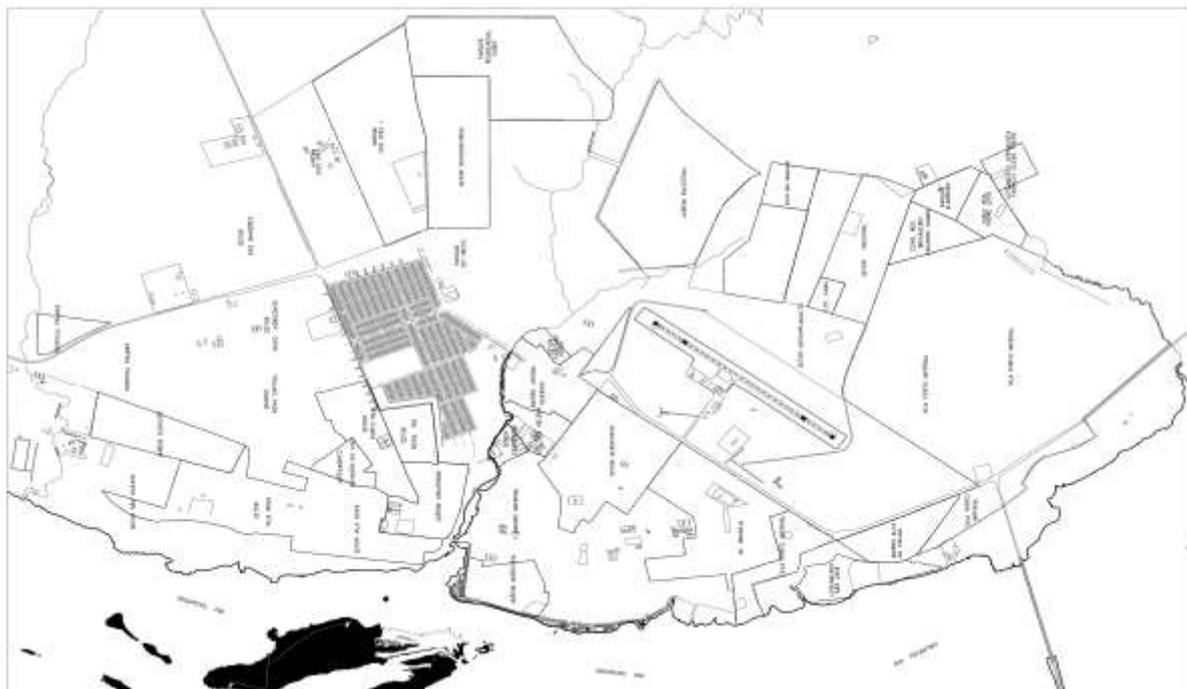
Fonte: Elaboração própria.

No Quadro 10, apresentamos o perfil sociocultural dos participantes desta pesquisa. Nele, consta a idade, o sexo, a escolaridade e os códigos representando os nomes dos colaboradores da nossa pesquisa. Este quadro permite a visualização da estratificação a respeito do perfil sociolinguístico dos participantes. Apresentamos abaixo dois mapas do município de Porto Nacional – TO: no primeiro, consta o município de Porto Nacional com todos os seus setores, e, no segundo, os setores nos quais realizamos as coletas de dados.

4.2.1 Localização da pesquisa

De acordo com os dados do IBGE de 2010, Porto Nacional apresentava uma população de 49.145 habitantes. Os residentes na área urbana eram cerca de 42.435, enquanto a região rural era habitada por 6.711 pessoas. Esse município tem aproximadamente 50 bairros; dentre eles, selecionamos 10 para a realização das gerações de dados para a presente pesquisa. Dos bairros selecionados, os mais populosos são: Jardim Brasília, com 3.318 habitantes; Nova Capital, com 3.181 habitantes; São Francisco, com 3.077 habitantes; Jardim Querido, com 2.826; Porto Imperial, com 2.708 habitantes; Tropical Palmas, com 1.774 habitantes e Jardim Umuarama, com 1.499 habitantes. Segue o Mapa 1, apresentando todos os bairros de Porto Nacional, e o Mapa 2, apresentando os 10 bairros pesquisados nesta pesquisa.

Mapa 1: Porto Nacional e Setores.



Fonte: ARAUJO, Kleiton Ribeiro de. Esboço do Atlas Linguístico lexical de Porto Nacional: contribuições para a dialetologia e geolinguística tocantinense, 2014.

Mapa 2: Porto Nacional – TO: Os locais das gerações dos dados.



Fonte: Bruno Machado Carneiro, Palmas, Tocantins, maio de 2017.

4.3 Geração de dados

O procedimento de geração dos dados seguiu a metodologia de gravação da fala dos colaboradores através de entrevistas interativas com questionário semiestruturado. Essa é uma das técnicas da Sociolinguística Cognitiva apresentada por Moreno Fernández (2012). Esse autor mostra que a coleta interativa de amostra é o procedimento básico para o estudo sociolinguístico da língua falada. Por esse motivo, adotamos essa técnica para a realização da coleta de materiais da língua falada em Porto Nacional - TO, objetivando captar nosso fenômeno: a alternância da segunda pessoa do singular.

Tarallo (2007) destaca o seguinte questionamento: “uma vez que o pesquisador resolve estudar a língua falada em situações *naturais* de comunicação, como coletar dados, sem que a presença do pesquisador possa interferir na naturalidade da situação de comunicação?” (TARALLO, 2007, p. 20). Para tentar resolver essa situação, o autor ressalta que uma primeira tentativa seria a de procurar fazer o papel do pesquisador-observador, ou seja, o pesquisador que não participa diretamente da situação de comunicação. Entretanto, essa não foi nossa intenção com esse trabalho, pois nosso propósito consistiu em gerar os dados com a participação direta na interação com os falantes.

Para conseguir a participação direta dos colaboradores de nossa pesquisa, respaldamos na estratégia que conta com grande aceitação, contra o paradoxo do observador, que é a observação participativa. Segundo Moreno Fernández (2012), a entrevista semidirigida acaba transformando-se em uma autêntica observação participativa, na qual o falante, o interlocutor, a mudança referencial de cada interlocutor, o contexto percebido e a situação comunicativa em seu conjunto constituem os eventos de fala. Todos esses componentes discursivos foram considerados durante a geração dos dados, pois todos os envolvidos nesse processo discursivo são observados e podem influenciar no conteúdo da entrevista.

Assim, para atingir o nosso propósito metodológico, formulamos um roteiro de perguntas em forma de questionário guia de entrevista. Esse roteiro teve como objetivo padronizar os dados de vários falantes para posterior comparação, ou seja, controlar os tópicos de conversação e criar narrativas de experiência pessoal (momento em que os falantes relatam sobre as receitas culinárias e sobre as brincadeiras infantis, principalmente quando falam do significado dessas duas situações).

Para Tarallo (2007), os estudos com as narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, os falantes estão tão envolvidos emocionalmente com o que relatam que prestam a mínima de atenção ao como relatam. Esta é de fato a situação natural

de comunicação que almeja o pesquisador sociolinguista. Iniciamos, então, as entrevistas, primeiramente com um bate-papo informal sobre as brincadeiras infantis, receitas típicas da comunidade portuense, aplicação de um teste de percepção e produção linguística e, no final, pedíamos informações sobre restaurantes e lugares turísticos da cidade.

Com base nas interações instrucionais, foi possível captar o fenômeno pretendido. Segundo Paredes Silva (2011), a pergunta “*como se faz alguma coisa*” permite que os interlocutores produzam sequências injuntivas e constitui método que favorece a utilização da segunda pessoa do discurso. O uso desse tipo de pergunta foi a estratégia empregada durante as gravações que constituem parte da amostra aqui analisada. Captamos informações relevantes sobre os fatores cognitivos, também fundamentais para explicações das alternâncias e das escolhas linguísticas. Apresentaremos abaixo as situações discursivas utilizadas metodologicamente nas gerações dos dados.

Primeira situação discursiva: falar sobre brincadeiras infantis e sobre receitas culinárias de famílias

Nessa primeira proposta, solicitamos aos nossos colaboradores que falassem sobre as brincadeiras infantis de quando eram crianças. Nossa intenção com esses relatos era fazer com que eles falassem livremente, sem se preocupar com o estilo formal da língua, ou seja, que os utilizassem o seu *vernáculo* (considerando o entorno comunicativo). O vernáculo é um elemento de grande interesse para a Sociolinguística, pois se refere à variedade da língua local de uma comunidade, e é definida também como variedade menos sensível da influência de outras variedades e da noção de correção (LABOV, 2008 [1972]). Para Moreno (2012), o vernáculo é um objeto de dupla caracterização: por um lado, é considerado por alguns teóricos como uma variedade não monitorada e, por outro lado, é considerado por Labov (2008 [1972]) como uma variedade adquirida na pré-adolescência. Mas, conforme advoga Moreno (2012), não se deve cair na armadilha de considerar o vernáculo de um determinado falante como sua forma de falar mais natural ou habitual, já que pessoas podem modificar sua língua ao longo de sua vida e em função do contexto situacional.

Partindo desse pressuposto, a atenção que prestamos ao discurso durante o desenvolvimento dessa primeira situação foi bem criteriosa, por se tratar de um processo cognitivo de grande significação. Por isso, esse primeiro teste metodológico consistiu em fazer com que os falantes utilizassem sem perceberem os pronomes de segunda pessoa do singular. Para isso, pedimos aos falantes que nos explicassem como poderíamos utilizar essas brincadeiras com as crianças de hoje em dia. Além dessa proposta, fizemos também perguntas

sobre as receitas culinárias aprendidas com as mães, os pais, as avós ou outros entes familiares. Os falantes relataram passo a passo o modo de como fazer as comidas típicas de família e, geralmente, contavam-nos história sobre o significado tradicional de cada receita. Além disso, vale destacar que foi explicado inicialmente antes da gravação que a nossa proposta era registrar um pouco sobre a cultura portuense, para não falarmos diretamente sobre o nosso objeto de estudo e, assim, evitar o monitoramento da variável em discussão.

Esse primeiro teste metodológico nos forneceu um material oral muito significativo, principalmente quando foram repassadas as instruções do passo a passo das brincadeiras e das receitas culinárias. Os falantes dialogaram livremente conosco e utilizaram o pronome de segunda pessoa do singular para interagir com os interlocutores presentes nas situações sociocomunicativas, que, na maioria das vezes, não eram somente os entrevistados e os entrevistadores, mas contavam, às vezes, com a presença de amigos, vizinhos, colegas de trabalho e pessoas da família; todos esses sujeitos foram considerados em nossas análises. Mediante as observações desse material oral, constituído a partir de um método interativo de falar sobre as brincadeiras infantis e receitas culinárias, captamos trechos significativos para nossa análise.

Segunda situação discursiva: Testes de produção

Nesse segundo momento metodológico, optamos pelo teste de produção que consistiu em criar mecanismos que levassem o falante a escolher uma variante de segunda pessoa do singular para produzir/formular uma pergunta à entrevistadora ou a colegas e familiares presentes durante a realização da entrevista. Para isso, foram sugeridas algumas palavras sobre estado civil, profissão, lazer, família e local de origem dos interlocutores. Essa troca de papéis (pesquisadora passa a ser entrevistada pelos participantes) foi uma excelente estratégia que nos mostraram relevantes fatores cognitivos. No momento da realização da entrevista, o uso da segunda pessoa do singular foi imprescindível. Isto explica a escolha desse método para realizar essa segunda situação discursiva.

Terceira situação discursiva: Aplicação do teste de percepção e produção linguística

O teste de percepção que apresentaremos abaixo foi baseado no questionário de Rocha (2013) realizamos algumas adaptações para atender aos objetivos propostos para este estudo. No momento da aplicação desse teste, a pesquisadora volta à sua função de entrevistadora e realizam as seguintes perguntas:

- a) Qual a forma de segunda pessoa do singular costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga? Tu/você/ocê/cê?
- b) Qual forma costuma usar para dirigir ao seu pai ou a sua mãe? Tu/você/ocê/cê?
- c) Qual forma costuma usar para se dirigir a alguém superior (patrão/patroa, por exemplo)? Tu/você/ocê/cê?
- d) Qual dessas formas acha mais bonita? Tu/você/ocê/cê?
- e) Qual dessas formas acha feia ou ruim? Tu/você/ocê/cê?

Esse procedimento metodológico teve como objetivo propiciar aos falantes uma reflexão sobre as variantes de segunda pessoa do singular, tornando-os conscientes sobre o uso dessas variantes. Com isso, verificaremos se os falantes conseguiram constituir uma representação mental das variantes levantadas. Em comparação com a primeira situação, pretendemos analisar como as variantes *tu*, *você* e *cê* são percebidas subjetivamente pelos falantes, considerando que as atitudes linguísticas são partes integrantes e consequência da consciência linguística. Com a tomada de consciência linguística a respeito do uso das formas de segunda pessoa do singular pelos falantes, objetivamos verificar o seu comportamento quanto às formas linguísticas de maior prestígio ou não, assim como no reconhecimento dos socioletos e dos estilos mais próximos aos ideais de sua cultura e educação dentro de sua comunidade de fala. No final, pudemos contrastar as avaliações desse teste de percepção e produção linguística com os dados coletados nas outras situações discursivas.

Quarta situação discursiva: Perguntas sobre endereços da cidade

Nessa situação discursiva, perguntamos aos falantes sobre os endereços de restaurantes, pontos turísticos, tais como: Catedral, Praça Centenário, Praia etc. O objetivo dessa última situação discursiva consistiu em verificar se os falantes perceberam ou não o momento da escolha de uma das variantes para utilizar com seus interlocutores. É importante ressaltar que a análise para a verificação dessa percepção foi realizada a partir de comparações com as situações discursivas realizadas anteriormente.

4.4 Levantamento e codificação dos dados: Ferramentas estatísticas

Após a geração de dados, procedemos às transcrições. Iniciamos essa etapa do trabalho ouvindo os áudios e observando os contextos em que ocorria a alternância da

segunda pessoa do singular. Fizemos o levantamento e digitamos todas as ocorrências dos pronomes *tu*, *você* e *cê*. Dedicamos extensas horas a cada trecho em que ocorria o nosso fenômeno. Quando tínhamos necessidades de maiores esclarecimentos, ouvíamos novamente os áudios.

Observamos e transcrevemos cuidadosamente cada uma das ocorrências dos pronomes *tu*, *você* e *cê*, alternadas por um mesmo falante: trechos que mostraram como os falantes percebem ou não o uso das variantes de segunda pessoa do singular (a partir das transcrições dos testes de percepção e produção linguística); trechos que mostraram o uso da segunda pessoa do singular mais recorrente no falar portuense; trechos em que ocorriam os pronomes *você*, *cê* e *tu* na função de sujeito, *você* e *tu*, na função de Objeto e os pronomes *tu/você/cê* alternando com os correlatos oblíquos *te*, *ti*; bem como os contextos sociais, linguísticos e cognitivos da alternância pronominal. Essa etapa do nosso trabalho foi muito importante, pois, a partir dela, foi que procedemos às primeiras análises dos dados da nossa pesquisa. Após as transcrições, prosseguimos à codificação dos dados, compostos por variável dependente e variáveis independentes, conforme evidencia o Quadro 10:

Quadro 10: Codificação das variantes.

<i>Variável dependente</i>	<i>Variantes</i>	
P2s	Códigos V C T	Formas pronominais (P2s) Você Cê tu
Variáveis externas		
Códigos I P	Grau de intimidade íntimo não íntimo	
Códigos F M S	Escolaridade Fundamental Médio Superior	
Códigos 1 2 3	Idade 18 a 35 36 a 55 + 55 anos	
Códigos H F	Sexo Masculino Feminino	
Variáveis internas		
Grupo de falantes: para análise da variação linguística intraindividual		
Códigos B Z	Alternância você, cê tu, teu, tua, te, ti	
Códigos G	Tipologia textual Instrucional	

K	Não instrucional
Códigos	Tipos de frases
L	Interrogativas
W	Não interrogativas
Códigos	Tipos de discursos
R	Não percepção – variação
J	Percepção – não monitoramento - variação
X	Percepção – monitoramento - não variação
Códigos	Função sintática da variante
T	<i>você, cê e tu</i> na função de Sujeito
N	<i>você e tu</i> na função de Objeto

Fonte: Elaboração própria.

Após a codificação, os dados foram submetidos ao programa computacional Goldvarb X. Este aplicativo trabalha com um instrumental estatístico para quantificar os fenômenos variáveis, apresentando o peso relativo, a partir de cálculos estatísticos e de probabilidades. O pacote fornece cálculos de frequência, percentuais e pesos relativos (PR) associados a cada fator das variáveis independentes em relação à aplicação da regra, indicando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de uma variável dependente (*tu, você e cê* e alternância da P2s). Além disso, esse programa suporta a leitura de quatro tipos de arquivos: arquivos de dados, arquivos de resultados, arquivos de condições e arquivos de células, que são os responsáveis por interpretar as entradas dos códigos utilizados para cada fator controlado nos grupos de fatores e transformados em índices percentuais e probabilísticos.

O Goldvarb X toma como parâmetro para o número de ocorrência de uma determinada variante o valor percentual de 0 a 100, enquanto que para pesos relativos o valor recai sempre entre 0 e 1, sendo o ponto neutro 0.5 (ou intermediário), em rodadas binárias (rodadas com duas variantes). Valores acima disso se constituem favoráveis à aplicação da regra variável e abaixo de 0.5 representa o seu desfavorecimento (GUY; ZILLES, 2007). A última análise obtida pelo programa é a análise do peso relativo. As rodadas realizadas pelo *step up* e *step down* são responsáveis pela escolha dos fatores mais favoráveis estatisticamente e significativos para a aplicação da regra variável.

O *step up* realiza as rodadas repetindo o processo sucessivamente para várias combinações de grupos de fatores. Começa com um processo de testar os grupos individualmente, adicionando-os um a um; depois, de dois a dois, até encontrar a segunda variável mais relevante. Esse processo é repetido em comparações de três a três variantes, e

assim por diante, até que sejam selecionadas todas as variáveis significativas. Já com o *step down*, o processo é o contrário: retira os grupos da análise um por um, os não significativos, ou seja, trabalha de forma inversa para verificar se as variáveis efetivamente selecionadas não foram eliminadas, se as variáveis não selecionadas foram eliminadas e se há variáveis que não são nem selecionadas nem eliminadas (GUY; ZILLES, 2007).

A seleção de uma determinada variável implica inferir que a variação nos dados submetidos ao programa não é aleatória, mas condicionada por fatores linguísticos e sociais. Por isso, é necessário investigar a configuração específica dos fatores condicionantes em cada contexto. Quando ocorrem os contextos categóricos ou nocautes (*knockouts* - correspondem a uma frequência de 0% ou 100%, para um dos valores da variável dependente num dado momento da análise (GUY; ZILLES, 2007), estes devem ser retirados somente das rodadas submetidas à análise de pesos relativos para que os fenômenos variáveis possam ser submetidos à análise quantitativa. Porém, esses casos, quando existentes, precisam ser comentados, pois também são fundamentais para o entendimento do funcionamento da variação no sistema linguístico.

Ao realizar nossas rodadas, iniciamos com 10 grupos de fatores, conforme apresentados acima, mas percebemos a partir das análises que um grupo de fator apresentou alguns nocautes (*knockouts*). Tivemos, então, que retirar os fatores de efeito categórico, para prosseguirmos às rodadas. Fizemos várias rodadas, testamos várias ideias e fomos aperfeiçoando o entendimento do nosso fenômeno. Isso nos permitiu eliminar logo o grupo não significativo e priorizar os demais significativos para começar a nossa investigação. Retiramos da rodada um (01) grupo de fator e continuamos as rodadas com nove (09) grupos. Vale ressaltar que, no decorrer deste estudo, comentaremos sobre o grupo de fator retirado das rodadas, lembrando que ele também foi relevante para o entendimento da alternância da segunda pessoa do singular. No item abaixo, apresentamos os resultados e análises dos dados da nossa investigação.

CAPÍTULO V

ANÁLISES DOS DADOS

O objetivo central deste capítulo é descrever e analisar a alternância dos pronomes *tu/você* e *cê* na fala da comunidade urbana de Porto Nacional – TO e verificar como os processos sociolinguísticos são percebidos subjetivamente pelos falantes. Apresentaremos a análise dos resultados qualitativos e quantitativos concomitantemente.

5.1 Variável dependente

Para cumprirmos com o primeiro objetivo proposto para este estudo, iniciaremos com a apresentação dos resultados da nossa variável dependente “Uso da segunda pessoa do singular no falar portuense”. Em seguida, mostraremos o resultado da alternância dessas variantes e depois faremos as análises sociais e linguísticas do nosso fenômeno em estudo. Apresentamos, na Tabela 1, o resultado estatístico de cada variante no falar portuense.

Tabela 1: Frequência de uso das variantes *tu*, *você* e *cê* no falar portuense.

TU		VOCÊ		CÊ		Total
Nº de ocorrências	Porcentagens	Nº de ocorrências	Porcentagens	Nº de ocorrências	Porcentagens	
8/306	2,6%	118/306	38,6%	180/306	58,8%	306/100%

Fonte: Elaboração própria.

Foram levantadas na amostra analisada 306 ocorrências das variantes *tu*, *você* e *cê*, totalizando o percentual de 2,6% de ocorrências da variante *tu*, 38,6% da variante *você* e 58,8% da variante *cê*. Notamos que o maior percentual ocorreu para a variante *cê*, a forma reduzida de *você*. Uma razão para a grande ocorrência da variante *cê* em Porto Nacional pode ser justificada pelo fato de o pronome *cê* pertencer à mesma categoria que o pronome *você* e por este ser mais usado que o pronome *tu* nessa comunidade. Pois, segundo Peres (2007), a frequência de uso da forma *você* tende a favorecer a redução dos vocábulos, passando à forma reduzida *cê*.

A autora afirma tal fato com base em uma pesquisa realizada em 2007, sobre *Os processos de uma mudança em curso: De “Vossa Mercê” a “cê”*. A autora apresenta alguns aspectos relacionados à mudança que se verificou na forma de tratamento “Vossa Mercê” e afirma que “uma razão para a pouca ocorrência de *cê* fora do Brasil pode ser o fato de o pronome *você* ser menos usado que o pronome *tu*, pois sabemos que a frequência de uso tende

a favorecer a redução dos vocábulos” (PERES, 2007, p. 161). Ainda segundo a autora, essa redução de vocábulos já era percebida em Portugal à época da colonização do Brasil. A partir do século XVI, o uso tanto de *Vossa Mercê* quanto de *vós* pela população das classes mais baixas já estava em declínio, ao passo que a simplificação fonética de *Vossa Mercê* estava adiantada.

Segundo Peres (2007), *Vossa Mercê*, por ser uma expressão um pouco longa, acabou sofrendo uma simplificação fonética resultante da redução de segmentos e sílabas átonas, originando diversas variantes; dentre elas, a variante *você* e *cê*. A forma *você* se fixou na língua portuguesa, transformando-se em pronome de tratamento. De acordo com Ramos e Oliveira (2002 apud PERES, 2007), o primeiro registro da forma *você* apareceu em texto do Padre Francisco Manuel de Melo, publicado em 1644, e vem aos poucos ganhando espaço. Já o registro das variantes *cê*, *ocê*, como variantes de *Vossa Mercê*, já ocorriam em 1920 (AMARAL, 1976; SALLES, 2001 apud PERES, 2007). Como afirma Salles (2001 apud PERES, 2007), se em 1920 a forma *cê* foi atestada, pressupõe-se que ela já existisse no século XIX. Atualmente, as variantes *você* e *cê* são muito usadas em diversas regiões brasileiras.

Peres (2007) afirma ainda que o processo de gramaticalização pelo qual passou *você*, que o transformou em pronome, e a crescente obrigatoriedade do preenchimento do sujeito resultou no aumento do uso da forma *você*, e essa frequência de uso levou-a a continuar seu processo de redução fonética, originando a forma inovadora *cê*. Esta é a forma mais presente no falar portuense.

Conforme podemos observar, o número de ocorrência para a variante *tu* foi bem menor, apresentando o percentual de 2,6% de ocorrências para essa variante. Tal resultado mostra explicitamente a preferência das variantes *você* e *cê* no falar portuense. Diante desse percentual, refletiremos sobre o significado da variante *tu* para a comunidade portuense. Essa reflexão parte da análise dos resultados da aplicação do teste de percepção e produção linguística. Teste aplicado durante as entrevistas, através do qual obtivemos os seguintes resultados:

Respostas dos falantes portuenses sobre a pergunta: “Costuma utilizar o *tu*?”

- a) *O Tu, as pessoas não conjugam corretamente. Mas quando bem conjugado é bonito.*
- b) *O tu, eu raramente uso. Até porque o tu exige que você conjugue da forma correta, né? Pra gente não cair nessa armadilha de não conjugar, então é melhor usar o você, que é mais fácil. Mas eu acho o tu muito bonito, muito bonito de se ouvir...*
- c) *Eu acho o tu bonito, mas parece que é mais pesado. Mas, uso mais o você.*

d) *Só quando a gente quer avacalhar mesmo, quando quer brincar para sorrir... a gente... usa o tu.... a gente brinca um pouco, caso a gente for sair fora para conversar, é... você.*

e) *TU – dificilmente eu uso, mas eu não me reparo a forma de falar assim ... tu, com meu irmão, às vezes eu uso.*

f) *O tu é interessante, talvez porque ele não seja tão visualizado sonoramente, mas o mais usual mesmo é o você. Engraçado, por mais que... sejamos daqui de Porto, mas, ao utilizar o tu, eu me sinto assim um pouco que deslocado, mas me vejo às vezes falando, tu vai? E tu?*

g) *Eu gosto muito do tu, mas o tu é uma pessoa muito perigosa, porque demanda o plural. Normalmente o tu é utilizado de forma coloquial.*

h) *O tu, eu acho que é mais para pedido, acho mais ordenado... com meus mininu eu falo – pra tu fazer isso, pra você fazer isso... mais assim.*

i) *tu é muito assim, acho muito assim, parece que tá botando a pessoa assim, sabe? sem valor, né?*

O tu, não usaria de jeito nenhum - (o falante acaba utilizando com a entrevistadora: “Quanto tu começou?”)

j) *O tu? não, não sou acostumada a falar. Às vezes, eu utilizo com minhas irmãs, meus amigos de vez em quando, mas não gosto muito não.*

k) *O tu? Eu não uso.*

l) *Tu, como é que a gente vai falar tu com a pessoa?*

m) *O tu, eu acho que é muito difícil. Aqui quase não se utiliza o tu não, mais é - você.*

n) *Tu, parece que tá mandando, melhor: cê me ajudar... gosto mais do você - (o falante utiliza com o colega de trabalho: E quando tu chega lá na fazenda, o que você... o que vem na sua mente, o que vai fazer? - alternando com a variante você).*

o) *O tu, o tu ahmaria! uma palavra assim forte. O tu fica muito agressivo.*

p) *O tu: a gente acha mais estranho.*

q) *Não utilizo o você, utilizo mais o tu, tu vai hoje?... (Durante a entrevista, a falante utilizou só a variante você).*

r) *O tu? é muito raro, às vezes uso com meu marido. Muito difícil.*

s) *Tu, o jeito é assim, mesmo, feio.*

t) *Sempre na nossa criação a gente nunca usou o tu. Por mim, eu não trato uma pessoa por tu. Tem o dizer - O respeito cabe em qualquer lugar.*

u) *Acho que o tu é uma palavra muito forte.*

v) *Tu – você - é uma norma mais...pra minha época já era crítica.*

x) *Pra mim, o tu é discriminado. A não ser com uma filha minha, a gente fala tu mesmo, mas pra mim o tu é discriminado.*

y) *O tu é muito esquisito, tu, é pra fora.*

z) *Tu é uma linguagem informal do cotidiano. Mas utilizo em determinada situação.*

Sintetizamos no Quadro 11 as informações dos excertos acima, de acordo com a escolarização, para verificarmos o significado que os falantes têm da variante *tu* em Porto Nacional.

Quadro 11: Síntese do significado da variante *tu* para os portuenses participantes da nossa pesquisa.

Costuma utilizar o <i>tu</i> ?		
Ensino Superior	Ensino Médio	Ensino Fundamental
“Eu não uso”.	“O tu? eu acho que é mais para pedido, acho mais ordenado... com meus mininu eu falo”.	“Acho estranho”.
“[...] as pessoas não conjugam corretamente. Mas quando bem conjugado é bonito”.	“Botando a pessoa sem valor”.	“Tu é uma linguagem informal do cotidiano. Mas, utilizo em determinada situação”.
“Raramente eu uso, exige conjugação, mas é bonito de ouvir”.	“Não usaria de jeito nenhum”.	“Não utilizo”.
“Bonito, mas parece que é pesado”.	“Não gosto, uso às vezes com meus irmãos e amigos”.	“Raramente uso, às vezes com meu marido”.
“Quando quero avacalhar, brincar, sorrir”.	Tu, é muito difícil.	Feio.
“Difícilmente eu uso, às vezes com meu irmão”.	“Tu, como é que a gente vai falar tu com a pessoa”.	“Acho falta de respeito”.
“Sinto deslocado”.	“Mandando”.	“Palavra forte”.
“Gosto do tu, mas é uma pessoa perigosa – demanda plural”.	“Palavra forte e agressiva”.	“Crítica para minha época”.
“Acho bonito, por causa da minha tia, ela utiliza”.	“Todas as variantes são bonitas”.	“Discriminado e esquisito”.

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com as informações sintetizadas no quadro acima, notamos que alguns falantes com ensino superior acham o pronome *tu* bonito; porém, julgam ser difícil utilizá-lo, por causa de sua conjugação. Percebemos a consciência linguística desses falantes em relação

à estrutura da língua. A maioria prefere selecionar a variante *você* e *cê*, por ser mais fácil a flexão verbal de terceira pessoa do singular. Além disso, destacamos que esses falantes utilizaram menos termos negativos para se referirem à variante *tu* do que os falantes com ensino médio e fundamental, o que demonstra uma atitude positiva em relação ao uso dessa variante por parte daqueles.

Já os termos utilizados pelos falantes com ensino médio e com ensino fundamental foram mais negativos, demonstrando uma atitude depreciativa sobre a variante. Eles acham que o uso do pronome *tu* está relacionado a pedido, ordem ou diminuição do valor que uma pessoa possui. Outros acham difícil, forte, agressivo, estranho, feio, sinal de falta de respeito, palavra forte, crítica, algo discriminado e esquisito. Alguns falantes dizem não o utilizar de jeito nenhum. Outros afirmam não gostar de utilizar o *tu*, mas às vezes o fazem com os irmãos, filhos, maridos e amigos. Isso faz crer que o pronome *tu*, às vezes, é utilizado com pessoas mais íntimas.

De acordo com os resultados percentuais apresentados na Tabela 02 abaixo, notamos que os falantes com ensino médio foram os que mais utilizaram a variante *tu*. Das 08 ocorrências dessa variante, houve 06 usos para esse nível de escolarização. Mas, quantos portuenses afirmaram utilizar o pronome *tu*? Qual é o pronome de segunda pessoa do singular que os portuenses utilizam ou afirmam usar para se dirigirem aos seus interlocutores? A partir do teste de percepção e produção linguística, responderemos a esses questionamentos. Apresentamos na tabela abaixo o percentual de uso dos pronomes de segunda pessoa do singular no falar portuense, informações retiradas do teste de percepção e produção linguística.

Tabela 2: Alternância das variantes *tu*, *você* e *cê*, por falante, na amostra. O que os portuenses usam e o que eles afirmam usar com os amigos?

P	Sexo	Idad.	Escol.	Ocor. e % de utilização de TU	Ocor. e % de utilização de VOCÊ	Ocor. e % de utilização de CÊ	Comentários
t	F	18 – 35	S	2/14 = 14,3%	7/14 = 57%	4/14 = 28,7%	“ <i>Você</i> . O <i>tu</i> quando a gente quer avacalhar”. (utilizou o <i>tu</i> com a colega)
a	F	18 – 35	S	0/7 = 0,0%	7/7 = 100%	0/7 = 0,0%	“ <i>Você</i> ” - (usou o <i>te</i>)
s	F	36 – 55	S	0/7 = 0,0%	5/7 = 71,4%	2/7 = 28,6%	“É mais o <i>Você</i> ”
e	F	36 – 55	S	0/10 = 0,0%	7/10 = 70%	3/10 = 30%	“Uso muito <i>você</i> . O <i>tu</i> eu raramente uso” (usou o

							<i>teu e te)</i>
j	F	+ 56	S	0/17 = 0,0%	11/17 = 56%	9/17 = 44%	“Você” (usou o <i>te</i>)
c	F	+ 56	S	0/8 = 0,0%	7/8 = 87,5%	1/8 = 12,5%	“Você”
n	M	18 – 35	S	0/4 = 0,0%	¼ = 25%	¾ = 75%	“Você e <i>cê</i> ”
g	M	18 – 35	S	0/21 = 0,0%	4/21 = 19%	17/21 = 81%	“Você” (Usou o <i>Te</i>)
o	M	36 – 55	S	0/4 = 0,0%	4/4 = 100%	0/4 = 0,0%	“Você, às vezes uso o <i>tu</i> com meu irmão”. (Não usou <i>tu</i>).
f	M	36 - 55	S	0/4 = 0,0%	¼ = 25%	¾ = 75%	“Você”
h	M	+56	S	0/10 = 0,0%	3/10 = 30%	7/10 = 70%	“Comumente eu uso o <i>tu</i> , mas, o mais usual aqui em Porto é o <i>você</i> ”. (não utilizou o <i>tu</i>).
r	M	+56	S	0/11 = 0,0%	6/11 = 54,5%	5/11 = 45,5%	“eu uso muito o <i>você</i> , com pessoas mais íntimo eu uso o <i>tu</i> . (usou o <i>te</i>).
p	F	18 - 35	M	0/2 = 0,0%	2/2 = 100%	0/2 = 0,0%	“Você”
y	F	18 - 35	M	0/2 = 0,0%	2/2 – 100%	0/2 = 0,0%	“Você”
d	F	36 - 55	M	2/15 = 13,3%	1/15 = 6,7%	13/15 = 80%	“Você” (usou o <i>tu</i> , mas afirmou não usar de jeito nenhum)
i	F	36 - 55	M	0/3 = 0,0%	1/3 = 33,3%	2/3 = 66,7%	“Você”
q	F	+ 56	M	0/11 = 0,0%	3/11 = 27,3%	8/11 = 72,7%	“Você”
ç	F	+ 56	M	1/27 = 3,7%	8/27 = 29,6%	18/27 = 66,7%	“Você” (Usou o <i>tu</i>)
z	M	18 - 35	M	0/4 = 0,0%	4/4 = 100%	0/4 = 0,0%	“Você e às vezes o <i>tu</i> ”
x	M	18 - 35	M	0/5 = 0,0%	3/5 = 60%	2/5 = 40%	“Você”
b	M	36 - 55	M	2/11 = 19,2%	3/11 = 30,3%	5/11 = 50,5%	“Companheiro e <i>cê</i> ”
7	M	36 - 55	M	1/10 = 10%	0/10 = 0,0%	9/10 = 90%	-
8	M	+ 56	M	0/18 = 0,0%	4/18 = 22,2%	14/18 = 77,8%	“Você”
9	M	+ 56	M	0/7 = 0,0%	4/7 = 60,4%	2/7 = 39,6%	“Você”
\$	F	18 - 35	F	0/5 = 0,0%	5/5 = 100%	0/5 = 0,0%	“Tu – <i>você</i> ”
o	F	18 - 35	F	0/4 = 0,0%	0/4 = 0,0%	4/4 = 100%	“Você”
4	F	36 = 55	F	0/7 = 0,0%	0/7 = 0,0%	7/7 = 100%	“Tu – <i>você</i> ”
%	F	36 - 55	F	0/7 = 0,0%	0/7 = 0,0%	7/7 = 100%	“Você”
6	F	+ 56	F	0/3 = 0,0%	1/3 = 33,3%	2/3 = 66,7%	“Você”
5	F	+ 56	F	0/13 = 0,0%	2/13 = 15,4%	11/13 = 84,6%	“Você”

?	M	18 - 35	F	0/6 = 0,0%	0/6 = 0,0%	6/6 = 100%	“Você”
+	M	18 - 35	F	0/4 = 0,0%	0/4 = 0,0%	4/4 = 100%	“irmão”
^	M	36 = 55	F	0/13 = 0,0%	6/13 = 42,7%	8/13 = 57,3%	“Você”
*	M	36 - 55	F	0/8 = 0,0%	2/8 = 25%	6/8 = 75%	“Você e senhor”
w	M	+ 56	F	0/6 = 0,0%	3/6 = 50%	3/6 = 50%	“Seu fulano”
v	M	+ 56	F	0/3 = 0,0%	2/3 = 66,7%	1/3 = 33,3%	“Cê, senhor e senhora”.
Total	36	36	36				

Fonte: Elaboração própria.

Constatamos, a partir desses resultados, que a maioria dos falantes portuenses afirmou utilizar a variante *você*. Dos 36 falantes, 26 afirmaram utilizar essa variante, 08 falantes disseram utilizar a variante *tu* e apenas 03 a variante *cê*. Alguns falantes disseram que utilizavam também o pronome *senhor* e *senhora*, a expressão *irmão*, *companheiro* e *seu fulano*. A variante *tu* foi utilizada de fato por 05 falantes. Dentre eles, 03 utilizaram em diálogo com colegas e familiares presentes durante as entrevistas e 02 em diálogo com a entrevistadora. Dessa forma, podemos dizer que o pronome *tu* foi mais usual com interlocutores mais próximos, que possuíam um grau de intimidade maior. Respondendo ao questionamento acima, a forma de segunda pessoa que os portuenses afirmaram utilizar foi a variante *você*, que em termos percentuais está em segundo lugar em relação ao uso. Porém, o que de fato ficou constatado a partir dos resultados da nossa pesquisa é que a variante *cê* é a mais utilizada no falar portuense, apresentando o percentual de 58,8% de ocorrência para essa variante.

Ainda de acordo com a Tabela 2, observamos a alternância entre as variantes *tu*, *você* e *cê* por falante. Na amostra, notamos que, relativamente ao ensino superior, 02 falantes utilizaram 100% a variante *você*, enquanto os demais alternaram entre as variantes *tu*, *você* e *cê*. Já para o ensino médio, 03 falantes utilizaram 100% a variante *você* e apenas 01 utilizou 100% a variante *cê*. Para o ensino fundamental, 05 falantes utilizaram 100% a variante *cê* e apenas 01 usou a variante *você* em seu falar. Esses resultados mostram que os falantes que apresentam as maiores porcentagens de uso da forma *você* são aqueles do ensino superior e médio, ao contrário do ensino fundamental, que apresentou a maior porcentagem da variante *cê*. Dos 36 falantes participantes do nosso estudo, apenas 11 falantes não alternaram o uso das variantes *tu*, *você* e *cê*, enquanto os 25 falantes fazem uso dessas três variantes em concorrência.

Ao considerar a variável social idade, podemos verificar, na Tabela 2, que, dentre os falantes de 18 a 35 anos de idade, 04 alternaram o uso das variantes *tu*, *você* e *cê*, enquanto 08 optaram por utilizar somente uma variante. Quanto aos falantes de 36 a 55 anos de idade, 09 alternaram o uso das variantes e 03 não alternaram. Da faixa etária acima de 56 anos de idade, os 12 falantes alternaram o uso das variantes *você* e *cê*. Nessa faixa etária, não houve ocorrência da variante *tu*. Esses resultados revelaram que a faixa etária que mais alterna o uso das variantes *tu*, *você* e *cê* é a de 36 a 55. Já os falantes que têm acima de 56 anos de idade alternaram entre as formas *você* e *cê*. Dos falantes da faixa etária de 18 a 35 anos, apenas 4 alternaram o uso dessas variantes *tu*, *você* e *cê*. Os outros optaram pelo uso pleno das variantes *você* e *cê*.

Em relação à variável sexo, 11 falantes do sexo feminino alternaram o uso das variantes *tu*, *você* e *cê*, ao passo que 07 não alternaram o uso dessas formas. Em relação ao sexo masculino, 14 alternaram o uso das variantes *tu*, *você* e *cê* e 04 não alternaram. Esses resultados indicaram que o sexo masculino usa mais as duas formas concorrentes do que o sexo feminino.

Observamos que, em todos os contextos sociais (idade, escolaridade e sexo), os falantes apresentam alternâncias das variantes *tu*, *você* e *cê*. Esse resultado confirma a nossa hipótese inicial: Um mesmo falante alterna os pronomes *tu*, *você* e *cê*.

A rodada que efetuamos sobre a alternância das variantes *tu*, *você* e *cê*, por falante, na amostra teve que ser retirada, por ocorrer os contextos categóricos ou nocautes (*knockouts* - corresponde a uma frequência de 0% ou 100%, para um dos valores da variável dependente (GUY; ZILLES, 2007). Para que os outros fenômenos variáveis pudessem ser submetidos à análise de pesos relativos, retiramos esse fator e prosseguimos às análises quantitativas. Dos 36 falantes, 11 não alternaram o uso das variantes *tu*, *você* e *cê*, ou seja, apresentaram contextos categóricos, ora usando 100% da variante *você*, ora usando 100% da forma *cê*.

5.2 Variáveis sociais

Os fatores externos considerados para a nossa análise foram: grau de intimidade entre os falantes, a escolarização, o sexo e a faixa etária, conforme especificado no Quadro 10. Após as transcrições dos dados, percebemos que a alternância entre as variantes *tu*, *você* e *cê* no falar português estão carregadas de significados sociais, culturais e cognitivos. Para tanto, iniciaremos essa seção refletindo sobre os aspectos culturais dos falantes. Em seguida,

apresentaremos os fatores sociais, analisados concomitantemente considerando os aspectos cognitivos que explicam o significado de uso das variantes no falar da comunidade de Porto Nacional Tocantins. Seguiremos essa ordem de análise para que os resultados sejam explicados a partir dos aspectos sociais e cognitivos.

A Sociolinguística Cognitiva reconhece a ação decisiva do discurso na construção da representação da realidade e da visão de mundo que possui um falante ou uma comunidade, pois a produção e a interpretação dos discursos estão determinadas pelos fatores sociais, contextuais e culturais (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Partindo desse pressuposto, para analisarmos cognitivamente os dados apresentados a seguir, consideramos os aspectos culturais e sociais, bem como os modelos de contextos, pois estes são importantes ferramentas a serem consideradas em análises linguísticas, por conter as propriedades de outros modelos de experiências cotidianas, que ficam armazenadas na memória episódica dos falantes (VAN DIJK, 2012). Essas experiências são constituídas a partir de conhecimentos socioculturais e outras crenças compartilhadas socialmente. Elas são dinâmicas e vão sendo continuamente atualizadas durante a interação e adaptada a seu entorno social (VAN DIJK, 2012).

Desse modo, notamos que a forma de segunda pessoa do singular utilizada pelos participantes da nossa pesquisa apresenta uma alternância entre as variantes *você*, *cê* e *tu*. Essas variantes, seguindo orientações de van Dijk (2012), são constituídas ao longo das experiências cotidianas dos falantes, que, segundo a concepção da Sociolinguística da Linguagem defendida por Bernárdez (2015 apud SOARES DA SILVA, 2009, p. 6), respalda-se no seguinte ponto: “Através de um processo de integração cognitiva, as formas produzidas e mais frequentes no uso linguístico são gradualmente fixadas na mente do indivíduo, podendo obscurecer sua conexão com o uso original e, assim, tornarem-se parte da cognição individual”. Portanto, é dessa forma que a atividade linguística sociocultural influencia os próprios processos cognitivos. Evidenciamos tal processo nos excertos abaixo retirados da nossa amostra, a partir do questionamento realizado durante a entrevista sobre a forma de segunda pessoa do singular que os participantes costumam usar com os pais ou pessoas mais velhas. Vejamos os exemplos:

- a) “*a gente foi criada como: senhora* (forma para tratar as pessoas mais velhas)”,
- b) “*Eu acho falta de respeito utilizar tu e você com as pessoas mais velhas [...]*”,
- c) “[...] *com meu pai.... se falar tu, era um tapa na boca...*”.
- d) “*O Tu – não uso. Acho que nem com meus filhos, [...] eu uso você*”.

e) *“Você..., depois que a gente passa a fazer um curso superior, aí a gente aprende muita coisa, só que assim, até você ...a infância, como você aprendeu,... até você colocar tudo assim... mudar as palavras é difícil, mas a gente tenta... melhorar”.*

f) *“Eu quase não uso o tu, muito difícil, ...muitas vezes... é uma questão cultural”.*

g) *“Eu uso muito o você, ocasionalmente com pessoas mais íntimo eu uso o tu, com pessoas mais velhas, eu uso senhor – senhora. Eu gosto muito do tu, mas o tu é uma pessoa muito perigosa, porque demanda o plural”.*

h) *“Eu utilizo o você e o cê, o cê por intermédio da minha esposa que é goiana. Ao utilizar o tu, eu me sinto assim... um pouco que deslocado”.*

Notamos nesses excertos que as variantes vão sendo constituídas ao longo das experiências cotidianas dos falantes que, na maioria das vezes, iniciam-se através de contatos com seus familiares, pai, mãe, irmãos, tios, avós e demais entes familiares. Essas variantes são utilizadas pelos falantes até que outras formas concorrentes vão sendo inseridas em seus falares. Isso ocorre a partir do contato com diferentes falantes. No período de escolarização, aqueles que têm ou tiveram a oportunidade de estudar sistematizam essas variantes. Mas é no dia a dia que as variantes vão sendo utilizadas de forma espontânea ou/e adequadas às situações sociodiscursivas de cada falante, porque no próprio sistema pronominal de uma determinada língua ocorrem mudanças ao longo dos anos, as quais estão relacionadas às modificações sociais e também às modificações nos valores culturais de uma sociedade.

Segundo Moreno Fernández (2012), a variação de forma geral tem um habitat natural na produção linguística e em sua reprodução. Ela também pode ser interpretada a partir da percepção subjetiva, bem como a partir do momento de aquisição. Uma vez completado o processo de aquisição da língua, a percepção deixará de ser funcional como recurso cognoscitivo e somente se reativará nos processos posteriores de aprendizagem sistematizados na escola.

A partir dessa reflexão, podemos responder em parte ao seguinte questionamento: mas o que leva o falante a selecionar uma determinada variante entre outras? Sabemos que existem vários fatores que condicionam o falante a selecionar uma determinada variante, dentre eles, a questão cultural, pois a variante ou as variantes que um falante utiliza são, antes de tudo, culturais, e fazem parte da identidade de cada falante. Podemos fundamentar esse questionamento acima com base na perspectiva de esquema, conforme teorizado pela Linguística Cognitiva. Esta área de conhecimento postula que a base de conhecimentos sobre a qual se organizam as construções linguísticas é adquirida primeiramente no ambiente familiar e a partir de experiências vivenciadas pelos indivíduos em suas comunidades, desde

os primeiros anos de vida (CHIAVEGATTO, 2009). Esses conhecimentos vão aos poucos sendo armazenados na memória, parcialmente estruturados, hierarquizados e relativamente permanentes e são chamados de domínios cognitivos. Essa base de conhecimentos, segundo a autora, ganha certa estabilidade, mas isso não significa rigidez, pois são estruturas passíveis de modificações. As experiências que vão sendo vivenciadas ao longo da vida poderão alterar as configurações anteriores. São essas estruturas de arquivamento de experiências que são acionadas para compor os significados linguísticos. Elas podem ser representadas como modelos cognitivos idealizados ou modelos culturais (CHIAVEGATTO, 2009).

Nos excertos em análise, também constatamos a preferência pelo pronome *você/cê*, ao contrário do pronome *tu*, que foi pouco utilizado pelos falantes portuenses. Alguns falantes o utilizam sem perceber; outros não aceitam (aditem) o uso dessa variante. Mas, afinal, qual o significado das variantes de segunda pessoa do singular para o portuense? De acordo com os resultados da nossa amostra, notamos que o uso das variantes *você* e *cê* está ligado à questão cultural, bem como à questão sócio-histórica dos falantes portuenses (cf. os excertos apresentados acima, principalmente o 8º excerto, em que o falante afirma que: “*ao utilizar o tu, eu me sinto assim... um pouco que deslocado*”). A seleção das variantes “*você/cê*” parece estar condicionada a um sentimento de pertencimento à comunidade de fala portuense.

5.2.1 Grau de intimidade entre os interlocutores

O grau de intimidade considerado nesta seção refere-se à interação entre as pessoas mais próximas dos falantes participantes dessa pesquisa, tais como: diálogo entre familiares, colegas, amigos e vizinhos (íntimo = prototípico - Não íntimo = periférico).

O processo de percepção pode ser analisado a partir da relação interacional entre o falante e seu interlocutor, pois existe, segundo Moreno Fernández (2012), um jogo de percepções decisivo para o funcionamento da cortesia, da solidariedade e de juízo de valor sobre o *status* dos falantes. Para o autor, as formas de tratamento são um componente essencial da cortesia e refletem tanto a percepção de poder e de solidariedade entre os falantes quanto o juízo que eles elaboram sobre seu respectivo *status*.

Optamos por controlar essa variável por entendermos que, numa situação sociodiscursiva, o estilo de fala escolhido pelos locutores e interlocutores pode estar ligado ao grau de intimidade entre esses membros, pois, de acordo com o grau de intimidade, os falantes podem monitorar ou não a fala, levando em consideração o contexto conversacional, social e cognitivo. Assim, se os modelos de contexto controlam muitos aspectos da produção e compreensão de textos e falas, “isso significa que os usuários da língua não estão apenas

envolvidos em processar o discurso; ao mesmo tempo, eles também estão engajados em construir dinamicamente sua análise e interpretação subjetiva *on-line*” (VAN DIJK, 2012. p. 87). Partindo desse pressuposto, podemos responder ao seguinte questionamento: *a alternância entre as formas de tratamento tu, você e cê está ligada à configuração do contexto conversacional?*

Nos dados que seguem, apresentamos trechos que exemplificam o grau de intimidade estabelecido entre os locutores e interlocutores.

Diálogo com a pesquisadora:

a) “Qualquer pessoa mais velha que a gente - usa senhora, dependendo,... igual **você** (entrevistadora) é **senhorita**, né? Mas muitas pessoas não gostam”.

“**Você, senhora** (uso com as pessoas mais velhas). Aqui a gente trabalha muito com idosos, os idosos não gostam que chamam de senhor, senhora... é **você**. Eu utilizo **Senhor** com pessoa sábia”.

“Jamais utilizaria o **tu** com meus pais, questão de respeito. **Tu** posso usar com meus amigos e não com meu pai. **Chefe/amiga** uso **você**. Forma mais bonita é **senhor /senhora**”.

b) **Você** bota... tempera a carne normal, bota o oleozinho lá, frita ela, quando ela tiver quase frita no ponto de comer, **você** coloca o arroz e deixa ele fritar o arroz junto com a carne, quando tiver mais ou menos oitenta por cento do arroz frito, **você** joga a água, aí sai soltim e a carne também. Aí para ficar mais gostoso ainda **cê** coloca pequi dentro.

c) Pra **você** chegar na Espeto, **você** vai... desde **você** seguir reto, **você** vira, torna pegar a rua direto que vai sair lá no Mega – Ali **cê**, do Mega – chegou ali **cê** – mas pra **você** – virar na rua que **você** ...

d) Quanto **tu** começou?

Diálogo com colega de sala

a) **Tu** já matou duas aulas já/Quinta feira **tu** já matou duas/Se **você** matar mais uma minha filha, **cê** fica de recuperação.../Eu tô falando pra **você**.../Por isso que eu tô falando pra **você** não matar (aula)./[...] **cê** que sabe, tô **te** dando um conselho pro **cê** não.../Ehm, hoje **você** apresenta, é hoje que **você** apresenta. (Diálogo com a colega de aula) /(22 anos)

b) Daqui a pouco **tu** vai responder

c) E quando **tu** chega lá na fazenda, o que **você**... o que vem na sua mente, o que vai fazer? – (alternando com a variante **você**).

Podemos observar especificamente nos excertos que o grau de intimidade entre os interlocutores favoreceu o uso do pronome *tu* nas situações apresentadas acima, embora esse pronome tenha tido pouca ocorrência na maioria das situações discursivas analisadas em nosso estudo. A utilização do pronome *tu* nas amostras ficou quase restrito a interações com

colegas de trabalho, amigos ou pessoas mais próximas. Todavia, em interação com a pesquisadora, foram poucas as ocorrências do pronome *tu*.

Outra consideração importante acerca da relação de intimidade entre a falante entrevistada e a pesquisadora pode ser explicada respaldada no seguinte pressuposto: quando os discursos, as conversações ou os atos de fala se inserem num determinado contexto e respondem às condições situacionais precisas, isso se configura como estilo de fala (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Esse estilo é representado por conjuntos de características sistemáticas que podem ser apreendidas e percebidas como próprias de um falante ou de um determinado contexto social. Com base nesse pressuposto, notamos que, quando a falante utiliza a variante *cê* em seu discurso, pressupomos que essa variante faz parte do seu idioleto, construído a partir da língua comum utilizada em seu dia a dia e por isso foi utilizada no início da entrevista em diálogo com a pesquisadora (cf. ilustradas nas situações abaixo).

Instruções sobre receitas culinárias: *Cê frita a carne, coloca uma cebolinha, cê pisa primeiro a carne /O que você deseja?*

Nessa primeira situação comunicativa, a falante utiliza a variante *cê*, variante que ela possivelmente utiliza em situações informais, sem monitoramento da fala. Mas, após a aplicação do teste de percepção (tomada de consciência das formas de segunda pessoa do singular), observamos que a falante modifica o uso da variante e rapidamente passa a monitorar a sua fala, como exemplificado a seguir.

Aplicação do teste de percepção e produção linguística:

Pesquisadora: Qual forma você costuma usar com seus amigos?

Falante s: *É mais o você.*

Pesquisadora: Com sua mãe e pai?

Falante s: *Senhor e senhora.*

Pesquisadora: Você utilizaria o tu com seus pais?

Falante s: *Com minha mãe às vezes sim, mas com meu pai.... se falar tu era o tapa na boca....*

Pesquisadora: Com a/o chefe?

Falante s: *Senhora, senhorita.*

Pesquisadora: Qual a forma mais bonita?

Falante s: *Depende ...Ocê não, Cê não - Tu.....não uso, acho que nem com meus filhos. Com meus filhos eu uso você. Eu quase não uso o tu, muito difícil, ...muitas vezes... é uma questão cultural.*

Entrevistadora perguntando endereços na cidade:

Pesquisadora: Como eu faço para chegar à Escola Municipal Doutor Euvaldo Tomaz de Souza?

Falante s: *Uma rua após a quadra de esporte, **você** vira à esquerda novamente, em vez de entrar na BR, **você** vai e entra na ruazinha assim que tem num desvio Aí **você** vai sair, **você** vai sair... Quando **você** sai ali tem duas opções de **você** entrar na BR, ou [...] **você** entrar num desvio que tem.....aí **você** não entre na Av. **Você** vai entrar logo após a quadra. Aí **você** vai entrar a esquerda após a quadra.*

Notamos que, no final da entrevista, após as reflexões sobre o uso da segunda pessoa do singular, a falante faz uma avaliação da situação discursiva ou da mensagem contextual e, naturalmente, muda seu comportamento linguístico a respeito da variante. Essa avaliação discursiva feita por ela correspondeu, no momento, à necessidade de adaptação a uma concreta situação social e comunicativa. A modificação do uso do pronome está ligada ao significado que cada variante representa para essa falante, bem como ao grau de formalidade entre a falante e a entrevistadora, pois não havia intimidade entre elas.

Esse fato pode ser explicado também a partir da teoria da acomodação comunicativa. Como sabemos, essa teoria se interessa pelos processos cognoscitivos que se produzem entre a percepção do contexto social e a conduta comunicativa. Esse modelo teórico pretende explicar algumas das motivações subjacentes aos usos e às mudanças referentes aos estilos de fala, sobretudo as consequências sociais que delas derivam (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Os princípios básicos da teoria são os de convergência e divergência: entendida a primeira como uma estratégia comunicativa seguida pelos falantes para adaptar-se a uma situação e aos usos linguísticos de seus interlocutores; e a segunda como um procedimento pelo qual os falantes acentuam suas diferenças a respeito dos outros indivíduos. Os fins que determinam a conduta convergente dos falantes são a aprovação social por parte do ouvinte, a melhora da eficácia comunicativa e a manutenção das identidades sociais positivas. O desejo de ver concretizado tais objetivos leva os falantes a acomodar ou adaptar sua fala nas mais diversas condições/situações (MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

Diante dessas condutas, as divergências aparecem quando se pretende manter a distância social e linguística dos indivíduos que pertencem a grupos sociais diferentes, enquanto as convergências aparecem quando os falantes querem adaptar o seu falar à situação e aos usos linguísticos de seus interlocutores. Notemos que a mudança linguística, de uma forma para outra, ocorreu porque a participante da nossa pesquisa tenta adaptar a sua fala à de seu interlocutor (entrevistadora). Assim, a teoria da acomodação concede uma mediação a fim de possibilitar a coesão na interação comunicativa entre um falante e seu interlocutor. Essa

teoria fundamenta o comportamento linguístico da falante do excerto acima analisado. Além disso, a teoria dos protótipos também explica o comportamento linguístico dessa falante, mostrando que ela categoriza tanto os fatores socioculturais e situacionais com os quais se relacionam quanto categoriza também a sua interlocutora/pesquisadora, a partir da situação, pesquisa de mestrado, e naturalmente constrói os estados mentais de crenças e intenções de sua interlocutora. Isso resulta na mudança de uso da variante de *cê* para *você*. Além disso, há outros fatores sociolinguísticos envolvidos para a ocorrência de tais mudanças. Comentaremos os outros fatores nos próximos itens.

Apresentamos, a seguir, o resultado quantitativo do grau de intimidade entre os interlocutores. Esse foi um dos grupos de fatores selecionado pelo Goldvarb X como favorecendo o uso do *tu* para o grau de intimidade íntimo. Embora a variante *tu* tenha apresentada pouco uso no falar da comunidade portuense, ela foi a que mais se destacou, levando em consideração o peso relativo.

Tabela 3: Frequência de uso das variantes *tu*, *você* e *cê* conforme o grau de intimidade.

Grau de intimidade	TU			VOCÊ		CÊ		Total %
	Nº de ocorrências	%	P.R	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	
Não íntimo	2/278	0,7%	0,389	108/281	38,9%	168/278	60,4%	100%
Íntimo	6/28	20,4%	0,989	10/25	39%	12/28	40,6%	100%
Total Nº de ocor.	08	2,6%		118	38,66	180	58,8%	306

Fonte: Elaboração própria.

Em relação aos valores percentuais apresentados na Tabela 3, podemos verificar que, na variável não íntimo, a forma *cê* apresentou o maior número de ocorrências: das 278 ocorrências, 168 foram para a variante *cê*, apresentando o percentual de 60,4%. Em segundo lugar, está a variante *você*, com o percentual de 39% de uso. Já a variante *tu* apresentou 0,7% de uso. Quanto ao grau de intimidade, a forma *cê* e a forma *tu* foram as que mais se destacaram, apresentando 28 ocorrências. Embora o pronome *tu* tenha apresentado um número bem menor de ocorrências em toda a amostra, foi o que mais se destacou em relação ao grau de intimidade. Das 08 ocorrências dessa variante, 06 foram utilizadas pelos falantes em interação com interlocutores com maior grau de intimidade e 02 ocorrências em diálogo com a pesquisadora. Isso significa dizer que o pronome *tu* é utilizado entre falantes que possui

um grau de intimidade maior, tais como colegas, pais, filhos, vizinhos e amigos. Esses foram os tipos de interlocutores que interagiram diretamente com os participantes da nossa pesquisa durante as entrevistas. Para essa variante, o peso relativo foi de 0,989, favorecendo a interação entre os íntimos e desfavorecendo os não íntimos, com o peso relativo de 0,389.

Além disso, outro fato que nos chamou à atenção nesse resultado foi o percentual da variante *você*, utilizada por falantes que possuíam certo grau de intimidade (pessoas íntimas). De 25 dados, 10 ocorrências foram para a variante *você*, totalizando um percentual de 39%. Esse fato pode ser explicado tendo como base os modelos de contextos defendido por Van Dijk (2012). Este autor apresenta o seguinte pressuposto: se os modelos de contexto controlam muitos aspectos da produção e compreensão de textos e falas, “isso significa que os usuários da língua não estão apenas envolvidos em processar o discurso; ao mesmo tempo, eles também estão engajados em construir dinamicamente sua análise e interpretação subjetiva on-line” (VAN DIJK, 2012, p. 87), ou seja, os falantes, ao mesmo tempo em que estão interagindo com os colegas, também estão observando seu entorno sociocomunicativo. Assim, toda a situação contextual no momento da produção da fala é observada, analisada e interpretada e, por isso, há possibilidades de uso pleno de uma determinada variante, no caso em epígrafe, da variante *você*, utilizada entre colegas, amigos e familiares, que também, ao mesmo tempo, interagem com pessoas não íntimas (a entrevistadora).

Diante do exposto, concluímos que o falante é um agente discursivo com condições plenas de observar e perceber o seu entorno, especialmente seu interlocutor. Essa capacidade de observação, análise e interpretação do cenário comunicativo põe em destaque o processo cognitivo envolvido na variação, destacando a particularidade com que cada indivíduo percebe o entorno comunicativo e se posiciona como um agente diante de tal situação, podendo eleger uma forma ou outra, a depender das condições sociolinguísticas propícias; mas também destaca as variáveis sociolinguísticas envolvidas, dentre elas, a escolaridade, apresentada no item seguinte.

5.2.2 Escolaridade

O resultado da análise estatística dessa variável mostrou que a forma inovadora *cê* foi a mais utilizada pelos falantes do ensino médio e do ensino fundamental. Os falantes do ensino superior, por sua vez, optaram pela variante *você*. Apresentamos os percentuais dessa variável na tabela a seguir:

Tabela 4: Frequência de uso das variantes *tu*, *você/cê* em relação à escolaridade.

Escolaridade	TU		VOCÊ		CÊ			Total %
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	P.R	
Superior	2/117	1,7%	62/117	53%	53/117	45,3%	0,349	100%
Médio	6/121	5,0%	35/121	28,9%	80/121	66,1%	0,611	100%
Fundamental	0/68	0,0%	22/68	32,4%	48/68	67,6%	0,572	100%
Total Nº de ocor.	08	2,66%	118	38,6%	180	58,8%		306

Fonte: Elaboração própria.

Podemos afirmar, com base nos resultados da Tabela 3, que os falantes do ensino médio e do fundamental possuem maior probabilidade de uso da variante *cê* em suas falas, apresentando o percentual de 67,6% de ocorrência dessa variante para o ensino médio, e 66,1% para os falantes do ensino fundamental. A variante *tu* apresentou o percentual de 1,7% para o ensino superior e 5,0% de ocorrência para o ensino médio. No ensino fundamental, não houve ocorrência para essa variante. Constatamos, de acordo com o resultado da nossa amostra, que os falantes do ensino médio e do fundamental usam mais o pronome *cê*. Os pesos relativos foram de 0,572 e 0,611 para esses níveis de escolaridade.

Os falantes do ensino superior utilizaram com maior frequência a variante *você*, totalizando um percentual de 53% de uso. O resultado do ensino superior mostra que os falantes mais escolarizados tendem a evitar o uso da variante reduzida *cê*, forma de menor prestígio. Sobre esse fato, buscamos respaldo em Moreno Fernández (2012), que afirma que o processo de aprendizagem sistematizado pela escola é capaz de ativar mecanismos perceptivos adormecidos após a aquisição linguística. Pessoas que possuem um grau de escolaridade maior são mais propícias a perceber a existência de dois tipos de usos linguísticos: um padrão discursivo que apresenta um tipo considerado correto (elegante, aceitável, culto) e outro tipo que não é elegante, não é aceitável e não é culto. A metalinguagem normativa, segundo Moreno Fernández (2012), expressa sempre uma polarização e um contraste que são objetos de percepção e de apreensão por parte dos falantes. Devemos ressaltar aqui a centralidade que ocupa o comportamento linguístico normatizado, ou seja, após a sistematização ocorrida durante o processo de escolarização, o falante estará consciente de que existem duas ou mais formas linguísticas concorrentes entre si e elegerá uma ou mais variantes que constituirão seu discurso. Contudo, é necessário enfatizar que a

escolha dessas formas dependerá, em grande parte, de todo o ambiente sociocognitivo e discursivo em que o falante se encontra.

Os resultados da variável sociolinguística escolaridade nos mostraram o favorecimento da variante padrão para o ensino superior e a variante não padrão para o ensino médio e fundamental. Os percentuais dessa variável revelam que, quanto maior a escolarização do falante, mais eles percebem o uso das variantes, e com muita facilidade monitoram o discurso, pois somente através da escolarização e do progressivo contato com falantes de origem distinta é que se vai adquirindo uma consciência e um conhecimento das variedades de uma língua, assim como de suas variáveis e variantes (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). No próximo item, apresentamos a variável sociolinguística faixa etária.

5.2.3 Faixa etária

A idade, segundo Moreno (2012), é o aspecto mais relevante para a variação. Em Sociolinguística, a faixa etária costuma ser dividida de acordo com os momentos experienciais porque o ciclo em que o falante se encontra corresponde a um modo de vida distinto ou a uma experiência do mundo similar, o que corresponde a um comportamento diferente e, portanto, a uma conduta linguisticamente diferente (PEDRAZA, 2014). Logo, dividimos a faixa etária em três grupos: 18 a 35 anos de idade, 36 a 55 anos de idade e mais de 55 anos de idade. Observamos os valores estatísticos para cada faixa etária na Tabela 5:

Tabela 5: Frequência de uso das variantes *tu*, *você* e *cê* em relação à faixa etária.

Faixa Etária	TU			VOCÊ		CÊ		Total %
	Nº de ocorrências	%	P.R	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	
18 a 35 anos	2/79	2,5%	0,725	32/79	40,5%	45/79	57%	100%
36 a 55 anos	5/100	5%	0,872	36/100	36%	59/100	59%	100%
+ de 55 anos	1/127	0,8%	0,104	51/127	40,2%	75/127	59,1%	100%
Total de oc.	08	2,6%		118	38,6%	180	58,8%	306

Fonte: Elaboração própria.

Os percentuais aqui apresentados confirmam que a variante *cê* é a mais frequente nos três grupos etários. A primeira faixa etária apresentou o percentual de 57% da variante *cê*,

40,5% para a variante *você* e 2,5% de uso para variante *tu*. A segunda faixa etária apresentou o percentual de 57% para a variante *cê*, 40% para a variante *você* e 5% para a variante *tu*. A última faixa etária apresentou 59,1% de uso da variante *cê*, 40,2% de uso da variante *você* e 0,8% para a variante *tu*. Constatamos, através da análise desses resultados, que a variante mais usada no falar portuense é a forma inovadora *cê*, de acordo com a amostra aqui analisada. A variante *tu*, em relação ao peso relativo, foi selecionada como favorecedora da primeira e da segunda faixa etária e desfavorecedora a terceira faixa etária, apresentando o peso relativo de 0,725 para a primeira faixa etária, 0,878 para a segunda faixa etária e apenas 0,104 para a terceira faixa etária.

A seguir, apresentamos excertos retirados da amostra com exemplos da alternância entre as variantes *tu*, *você* e *cê* no falar portuense de acordo com a faixa etária:

a) Faixa etária: 18 a 35

“Tu já matou duas aulas já / Quinta feira tu já matou duas / Se você matar mais uma, minha filha, cê fica de recuperação.../ Eu to falando pra você.../ Por isso que eu tô falando pra você não matar (aula)./[...] cê que sabe, tô te dando um conselho pro cê não.../ Ehm, hoje você apresenta, é hoje que você apresenta” (Diálogo com a colega de aula)/(22 anos).

“Compra a carne de sol, você corta tipo bife, né? Nós coloca primeiro para cozinhar... quando tiver quase cozido, cê pega e tira ela, entendeu? Aí cê pega um pilão e soca só a carne - primeiro. Depois, cê vai colocando a farinha e vai pisando e vai colocando o tempero também. Aí você vai pisando e vai temperando...” (25 anos) (dialogando com a entrevistadora).

“O que te motivou a pesquisar Porto Nacional? Eu vou te falar outra coisa aqui, quando você for pesquisar as pessoas... Daqui pra cê ir na Catedral, cê pega essa TO ali, aí você vai passar... cê desce na TO, aí vai passar a primeira rotatória... Na terceira rotatória, você entra. Você entra na cidade, aí cê pode descer direto. Cê vai passar... cê vai ver uma mini rotatória”.

b) Faixa etária: 36 a 55

“Mesma trajetória, quando chegar lá no semáforo, cê desce... /Qual é o seu nome?/Que série cê estudou?/Cê mora aonde?” (53 anos) - (dialogando com a entrevistadora).

“A brincadeira... tem que gostar, porque se cê entrar na brincadeira pra brincar, cê começa e ao mesmo tempo cê parar e ficar incutido no celular, aí então não compensa cê entrar na brincadeira. Hoje em dia, tá difícil cê ajeitar.... rumbora brincar [...]” (dialogando com a entrevistadora).

“Seu [...], bom dia? qual o seu estado civil?/O que você mais gosta de fazer?/E quando tu chega lá na fazenda, o que você ... que vem na sua mente, o que vai fazer?” (pergunta para o colega de trabalho) (35 anos).

c) Faixa etária: + de 55

“Seu nome?/Cê mora aonde?/Sua escolaridade?/Outra coisa que cê, o -cê.. não tá mim perguntando, mas eu vou falar, aí a pessoa fala assim... u-vei (velho) fulanu, eu assustu, eu não custumu chamar as pessoas.... aquele vei (velho)... aí as pessoa mais vein (velhinho) eu chamo, seu fulano... eu não chamo o vei (velho) fulanu. Eu acho que a pessoa pode colocar a

peessoa pra baxu, se a pessoa chamar seu vei (velho) fulanu...” (60 anos) (dialogando com a entrevistadora).

*“A **senhora** coloca a gordura, joga o arroz, coloca um pouco de água [...] aí a **senhora** coloca outra pitada d’água e a tampa da panela.../Não sei se a **senhora** conhece. - No **seu** caso por exemplo, vou começar por **você** que é mais jovem, no seu plano de trabalho, de estudo, de conhecimento, o que **cê** acha da nossa ... do nosso país dos nossos governantes? - Se a **senhora** é minha chefe, e eu não **te** respeitar. Como é que... meu respeito... **você** não me respeita, rapaz, eu sou **seu**... **sua** patroa, eu sou **sua** chefe administrativa, mas **ocê** não me respeita, agora...**cê** tá me cobrando respeito, to errado” - (66 anos) (dialogando com a entrevistadora).*

*“Como eu **te** falei, já estamos fazendo campanha aqui também - Tudo que mandar **você** fazer, **cê** faz? Farei... Olha eu vou **te** dar um exemplo... Uma vez, eu vou **te** contar essa passagem também. **Você**, quanto à culinária, **você** gosta, faz alguma coisa? É a mesma coisa, **cê** queima a açúcar. Outra coisa, **você**... eu ia **te** perguntar, seu trabalho **cê** falou, **cê** é religiosa? O que **você** me fala sobre imagem? Eu vou **te** dar essa explicação sobre imagem. Aqui mesmo **cê** tá vendo. Aquele evangelho, as bodas de... **cê** sabe, né? **Vocês** conhe. **Cê** não vê os alunos estudar” (dialogando com a entrevistadora).*

De acordo com esses excertos, notamos o uso da variante *tu* alternando com as formas *você* e *cê*. O pronome *tu* aparece nos três grupos etários, embora com pouca frequência de uso. A variante *ocê* apresenta apenas uma ocorrência, e por esse motivo não foi considerada em nossas análises. Vejamos a única ocorrência dessa variante: “[...] *mas ocê não me respeita, agora... cê tá me cobrando respeito, tá errado*”.

Ainda em ralação à faixa etária, podemos responder ao questionamento: *essas alternâncias às vezes são percebidas pelos próprios falantes*, motivadas por fatores linguísticos, socioculturais e cognitivos? Os dados confirmaram que as faixas etárias 1 e 2 se mostraram mais sensíveis a esta questão, principalmente as mulheres, que se mostraram mais observadoras e perceptivas de seu entorno comunicativo, especialmente no momento da escolha de uma ou mais variante(s) para interagir com seu(s) interlocutor(es).

Isso pode ser observado no exemplo (13). Antes de falarmos sobre o nosso objeto de estudo, conversamos sobre brincadeiras infantis e receitas de família, quando a falante nos ensinou a fazer uma comida típica de família, a *maria-isabel*:

(13) *Cê frita a carne, coloca uma cebolinha, cê pisa primeiro a carne....*

Notamos que, no momento de nos ensinar o modo de como fazer a comida, a falante utiliza a variante *cê*, mas, como se pode perceber no excerto (14) abaixo, após perguntarmos sobre a forma de segunda pessoa que ela utiliza em diferentes situações (após aplicarmos o teste de percepção e produção linguística), ela percebe o nosso objeto de estudo (pronome de segunda pessoa do singular) e começa a utilizar a variante *você* em sua fala:

Pesquisadora: Como eu faço para chegar à Escola Municipal Doutor Euvaldo Tómas de Souza?

E - (14) *Uma rua após a quadra de esporte, **você** vira à esquerda novamente, em vez de entrar na BR, **você** vai e entra na ruazinha assim, que tem num desvio..... Aí **você** vai sair, **você** vai sair.. Quando **você** sai ali, tem duas opções de **você** entrar na BR, ou **você** entra num desvio que temaí **você** não entra na Av., **Você** vai entrar logo após a quadra. Aí **você** vai entrar à esquerda após a quadra.*

Podemos observar a mudança de uso da variante na situação apresentada acima: a falante deixa de usar a variante *cê* e passa a usar a variante *você* em seu discurso. A percepção subjetiva em situações sociolinguísticas estáveis ocorre quando há apreensão do sistema linguístico específico do contexto familiar. Assim, tende a enfraquecer-se no primeiro caso, pois havia a presença de colegas de trabalho com a falante. Mas, quando as situações são menos estáveis, quando surgem fatos frequentes, a percepção passa por um processo de abstração seletiva que pode conduzir a uma posterior reorganização do vernáculo (LABOV, 2011 apud MORENO FERNÁNDEZ, 2012). No diálogo direto com a entrevistadora, a falante reorganiza a sua fala e muda de variante. Os novos elementos percebidos provocam reinterpretções sociais que a falante desenvolve sobre o sistema de variação recebido durante a situação discursiva.

Portanto, a percepção implica uma atividade mnemônica e seletiva, que depende, em grande medida, das frequências de uso dos elementos percebidos (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). A falante não apenas constrói mentalmente a realidade física externa, mas também os estados mentais de conhecimentos, crenças e intenções de seus interlocutores (FERRARI, 2011).

De acordo com os dados da nossa pesquisa, outras mulheres também perceberam e rapidamente mudaram o uso da variante *cê* para a variante *você* em seus falares. A respeito do processo de percepção, há outros fatores também envolvidos nesse processo, como a escolarização, sexo, o grau de intimidade, fatores estilísticos. Apresentamos os resultados estatísticos da variável sexo.

5.2.4 *Sexo dos falantes*

Os diversos estudos variacionistas têm demonstrado que mulheres e homens não falam da mesma maneira. Segundo Labov (2008 [1972]), as mulheres têm demonstrado preferência ao uso das formas de prestígio em situação de variação estável. Em casos de mudança linguística, elas seriam as inovadoras e responsáveis pela propagação da variante não-padrão. Com base nesse pressuposto, selecionamos a variável sexo para verificar seu comportamento

linguístico em relação ao uso da segunda pessoa do singular. Apresentamos na Tabela 6 o resultado estatístico da variável sexo.

Tabela 6: Frequência de uso das variantes *tu*, *você* e *cê* em relação ao sexo dos falantes.

Sexo	TU		VOCÊ		CÊ		Total %
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	
Feminino	5/157	3,2%	68/157	43,3%	85/157	53,5%	100%
Masculino	3/149	2,0%	50/149	33,9%	95/149	64,1%	100%
Total de oc.	08	2,6%	118	38,6%	180	58,8%	306

Fonte: Elaboração própria.

Observamos que, em relação à variável sexo, a maior ocorrência de uso é para a variante *cê*, com o percentual de 53,5% para o sexo feminino e 64,1% para o sexo masculino. A variante *tu* favoreceu mais ao sexo feminino, apresentando o percentual de 3,2%, embora sejam poucos os dados, enquanto o sexo masculino apresenta o percentual de 2,0 % de uso para essa forma. Quanto à variante *você*, a frequência de uso maior foi para o sexo feminino, apresentando o percentual de 43,3%, enquanto o sexo masculino representa 33,9% de uso dessa variante. De acordo com Labov (2008 [1972]), as mulheres têm demonstrado preferência ao uso das formas de prestígio em situação de variação estável. Esse resultado nos mostra que elas continuam liderando essa posição, se compararmos o percentual de uso da variante *você* utilizada por ambos os sexos.

A partir desse resultado, podemos responder ao questionamento: *Qual sexo é mais sensível à variante prestigiada?* De acordo com os dados percentuais e o resultado do teste de percepção e produção linguística, podemos constatar que as mulheres se mostraram mais sensíveis ao uso da variante de prestígio, *você*. Foram elas que perceberam com maior rapidez o objetivo da nossa pesquisa. Isso ocorreu após a aplicação do teste de percepção e após refletirmos sobre o uso da segunda pessoa do singular utilizado pela falante em diversas situações cotidianas. Presumimos que o ato de ela compreender que o nosso objeto de estudo era a segunda pessoa do singular envolveu, então, a construção de uma representação mental com base nas discussões linguísticas realizadas durante as reflexões sobre os pronomes e ocorreu uma construção de significado dessa discussão.

Segundo Van Dijk (2008 [1943]), as pessoas que compreendem acontecimentos reais ou eventos discursivos são capazes de construir uma representação mental, principalmente uma representação mental significativa, se elas tiverem um conhecimento geral a respeito de

tais situações. As falantes que monitoraram os discursos já possuíam o conhecimento geral sobre as variantes, pois o nível de escolarização delas já permitia tais conhecimentos. A partir da percepção do objetivo da discussão, algumas falantes deixaram de usar a variante *cê* e passaram a usar a variante *você*. Essa mudança ocorreu porque os discursos não são estáticos, mantendo uma estabilidade em seu processo de construção ou que os falantes reproduzem termos sempre idênticos. Os discursos, segundo Moreno Fernández (2012), experimentam transformações semânticas ou conceituais, nas quais são influenciados por fatores comunicativos ligados à intenção momentânea do falante e também por fatores cognitivos.

5.3 Variáveis linguísticas

Selecionamos para a análise cinco fatores linguísticos, a saber: o tipo de frase: interrogativas, não interrogativas; tipologia textual: instrucional, não instrucional; tipo de discurso: Monitoramento/não monitoramento (não percepção - variação, percepção- variação, percepção – monitoramento – não variação); e os pronomes *você*, *cê* e *tu* na função de Sujeito; *você* e *tu*, na função de Objeto; e *você/cê*, e *tu*, os correlatos oblíquos *te/ ti* e os possessivos *teu, tua*.

5.3.1 O tipo de frase: interrogativas, não interrogativas

Optamos por controlar esse fator a fim de verificarmos se o tipo de frase poderia favorecer o uso de uma das variantes em análise. Observamos na Tabela 7 os resultados para essa variável.

Tabela 7: Frequência de uso das variantes *tu*, *você/cê* em relação ao tipo de frase.

Tipo de frase	TU		VOCÊ		CÊ			Total %
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	P.R	
Interrogativa	5/88	5,7%	45/88	52,8%	36/88	41,5%	0,38	100%
Não interrogativa	3/218	1,4%	73/218	32,6%	144/218	66%	0,54	100%
Total de oc.	08	2,6%	118	38,6%	306	58,8%		306/100%

Fonte: Elaboração própria.

Conforme observamos, nas frases interrogativas, das 88 ocorrências, 05 foram para a variante *tu*, 45 para a variante *você* e 36 para a variante *cê*, totalizando 5,7% de ocorrência para a forma *tu*, 52,8% para a forma *você* e 41,5% para a variante *cê*. Neste caso, esse tipo de

frase favoreceu o uso variante *você*. Enquanto nas frases não interrogativas a variante *cê* apresenta um percentual de 66%, a variante *você* apresenta o percentual de 32,6% e a variante *tu* com o menor percentual, apresentando apenas 1,4%, devido ao pouco número de ocorrência da variante *tu*. Notamos que, nas frases interrogativas, o percentual de uso entre as duas variantes apresenta valores bastante próximos entre si, enquanto nas frases não interrogativas o número maior de ocorrências foi para a variante *cê*, apresentando o peso relativo de 0,54.

Esse resultado nos revela que a variante *cê* foi a mais favorecida nas frases não interrogativas, tendo em vista que, na maior parte das entrevistas, os falantes deram explicações sobre as receitas culinárias e explicações de endereços de alguns pontos turísticos de Porto Nacional. Nesse momento da entrevista, os falantes ficaram mais à vontade ao relatar esse tipo de situação. Por outro lado, nas frases interrogativas, o mais usual foi a variante *você*.

Isso pode ser justificado pelo fato de que, durante as entrevistas, quando os falantes se dirigiam à entrevistadora para fazer as perguntas sugeridas no questionário, eles utilizavam essa variante, por haver nenhum grau de intimidade entre eles; por isso, a utilização da variante formal. Entretanto, quando o falante se dirigia a uma pessoa que estava presente durante a entrevista, geralmente colegas, amigos, vizinhos e familiares (na maioria das vezes, era uma pessoa íntima do falante), ele utilizava a variante *cê* para questionar e interagir com seus pares. Diante disso, constatamos que o grau de intimidade pode ter influenciado também a escolha de uma das variantes a serem utilizadas em cada tipo de frase, além do gênero discursivo instrucional e não instrucional, que também pode ter influenciado no momento da seleção de uma dessas variantes.

5.3.2 Tipologia textual: instrucional, não instrucional

A tipologia textual foi o segundo fator submetido ao programa Goldvarb X. O programa o selecionou como um dos grupos significativos de nossa análise. Optamos por controlar esse fator para verificarmos se as receitas, as explicações (instrucional) e os discursos argumentativos e narrativos (não instrucional) exercem influência na escolha de nossa regra variável. Apresentamos na Tabela 8 os resultados estatísticos para essa variável:

Tabela 8: Frequência de uso das variantes *tu*, *você/cê* em relação a tipologia textual.

Tipologia textual	TU		VOCÊ		CÊ			Total %
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	P.R	
Instrucional	1/171	0,6%	47/171	27,6%	121/171	71,8%	0,604	100%

Não instrucional	7/135	5,2%	71/135	51,3%	59/135	43,5%	0,366	100%
Total de oc.	08	2,6%	118	38,6%	180	58,8%		306
Total de oc.	08	118		180			306	

Fonte: Elaboração própria.

Os percentuais apresentados na Tabela 7 mostram que, das 171 ocorrências, 01 foi para a variante *tu*, apresentando o percentual de 0,6%; 47 ocorrências para a variante *você*, com o percentual de 27,6%; e 171 ocorrências para a variante *cê*, com o percentual de 71,8%. Quanto à tipologia não instrucional, o menor percentual foi para a variante *tu*, apresentando 5,2%. Em segundo lugar, está a variante *cê*, apresentando o percentual de 43,5%. A variante *você* foi a mais favorecida para essa variável, apresentando o percentual de 51,3% de ocorrências. Esse resultado responde ao nosso 4º questionamento: *a alternância entre as formas tu, você e cê está ligado à configuração do contexto conversacional?* Notamos que a tipologia textual instrucional (receitas e explicações) favoreceu a variante *cê*, com o peso relativo de 0,604, ao passo que a tipologia não instrucional favoreceu o uso das variantes *você* e *tu*.

Destarte, constatamos que o contexto em que predomina a tipologia argumentativa e narrativa não foi um contexto muito propício ao uso da variante *cê*. Por outro lado, essa variante foi mais usual quando o falante relatava explicações sobre as receitas culinárias e informações sobre pontos turísticos da cidade de Porto Nacional. Isso pode se dever ao fato de que, nesse momento, os falantes estavam mais à vontade para falar sobre essa temática e pelo contexto ser mais informal.

5.3.3 Tipo de discurso: monitorado – não monitorado

Selecionamos essa variável (Tipo de discurso, monitorado – não monitorado; Fatores: não percepção versus não monitoramento/variação; percepção versus monitoramento/não variação; e percepção versus não monitoramento/variação) a fim de verificarmos se as alternâncias de segunda pessoa do singular *tu*, *você* e *cê* são percebidas pelos próprios falantes. Quando são percebidas, o que ocorre após a percepção, os falantes mudam ou não o uso da(s) variante(s)? Essa variável foi controlada a partir das análises das quatro situações discursivas aplicadas metodologicamente durante as entrevistas. No decorrer das análises, observamos que alguns falantes, após refletirem sobre as formas de segunda pessoa do singular, possivelmente passaram a ter consciência linguística dessas formas e optaram por mudar o

uso da variante, enquanto outros preferiram manter o uso da mesma variante (nomeamos de percepção, a consciência linguística das variantes P2s). Explicações mais detalhadas de como o controle dessa variável ocorreu podem ser conferidas na seção Metodológica desta dissertação. Para o controle dessa variável, selecionamos três fatores: não percepção – não monitoramento/variação⁴, percepção e não monitoramento/variação, percepção e monitoramento/não variação⁵. Apresentamos o resultado quantitativo dessa variável.

Tabela 9: Frequência de uso das variantes *tu*, *você/cê* em relação ao tipo de discurso.

Tipo de discurso	TU		VOCÊ		CÊ		Total %
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	
não percepção - não monitoramento/ variação	3/102	2,9% tu→você tu→cê	36/102	35,3% você→você	63/102	61,8% você→cê	100%
Percepção – monitoramento/ Variação/mudança	0/52	0,0%	52/52	100% você→você cê→você	0/52	0,0%	100%
Percepção – não monitoramento/ variação	5/152	3,3% tu→você tu→cê	32/152	21,1% você→cê	115/152	75,6% você→cê	100%
Total de oc.	08	2,6%	118	38,6%	118	58,8%	306

Fonte: Elaboração própria.

No tocante ao primeiro grupo testado: Não percepção – não monitoramento/variação, houve variação/alternância entre as três variantes, apresentando o percentual de 2,9% para a forma *tu*, 35,3% para a forma *você* e 61,8% para a forma *cê*. Nesse primeiro fator, os falantes ainda não tinham refletido sobre as formas de segunda pessoa do singular. Após a reflexão, houve 52 ocorrências para o segundo fator. Nessas 52 ocorrências, estão distribuídos os falantes que monitoraram durante toda a situação discursiva (100% de uso - *você* → *você*), bem como os falantes que passaram a monitorar, mudando o uso de *cê* → *você*, totalizando 100% de uso para a forma *você*. Observamos que 16% dos falantes mudaram o uso da variante de *cê* → *você*. Esses falantes começaram a situação discursiva utilizando a forma *cê* e, após reflexões sobre os pronomes, mudaram decisivamente para a forma *você*. Notemos

⁴ Baseado nas 1ª e 2ª situações discursivas, antes das reflexões das variantes de P2s, ou seja, antes da aplicação do teste de percepção.

⁵ Análise das quatro situações discursivas, a partir da 3ª situação discursiva, possivelmente, os falantes passam a ter consciência linguística das variantes e mudam o uso da variante, isso porque o teste de percepção teve como objetivo refletir sobre as variantes de P2s.

que, após a tomada de consciência linguística, o falante passou a monitorar o seu discurso e, por isso, houve a mudança no uso da variante. Tais atitudes linguísticas são partes integrantes e consequência da consciência linguística, fator decisivo no comportamento dos falantes em relação às mudanças das formas linguísticas, de *cê*, forma de menor prestígio, para *você*, forma de maior prestígio. A maioria dos falantes que mudaram da variante informal para a variante formal possui o ensino superior completo.

Os resultados em termos percentuais para a percepção e não monitoramento, ou seja, consciência linguística e não mudança da variante, apresentam a ocorrência maior para as variantes *cê*, com o percentual de 75,6%, 3,3% para a variante *tu*, enquanto a variante *você* apresenta 21,1%. Esse resultado indica que os falantes iniciaram as entrevistas usando a variante *cê* e, após as discussões e reflexões sobre o uso das formas de segunda pessoa do singular *tu*, *você* e *cê*, os participantes mantiveram o uso da mesma variante. A variante *tu* aparece no primeiro e no segundo grupo, em discurso não monitorado. O maior número de ocorrências para a variante *cê* se justifica pelo fato de o contexto situacional ter propiciado o seu uso, pois o objetivo da entrevista consistia em um bate-papo informal e, por isso, a maioria dos falantes ficou bem à vontade no decorrer da entrevista.

Esses resultados demonstraram que ocorreram poucos casos da presença de pronomes iguais e muitas situações de casos mistos, ou seja, uma alternância entre as formas *você* e *cê*. Sobre esse aspecto, as autoras Loregian-Penkall & Menon (2012, p. 236) apresentam que “a tendência é a de os pronomes manterem o princípio geral do paralelismo de que: ‘marcas levam a marcas e zeros levam a zeros’”. As marcas, segundo as autoras, podem ser interpretadas como sendo a presença de pronomes iguais exemplo *você/você* e *cê/cê*. Por outro lado, os “zeros” representam os casos mistos, como *você/cê* e *cê/você*. Essas autoras afirmam que a tendência na língua é a de que as formas iguais possam ocorrer juntas, ou seja, se o falante inicia uma determinada situação discursiva utilizando a variante *você*, a tendência é que ele continue usando esse pronome. O mesmo pode ocorrer com a variante *cê*. No entanto, os resultados da nossa análise constataram mais casos mistos.

5.3.4 Análise da função sintática das variantes

Entre as variáveis linguísticas testadas no condicionamento da variação de *você*, *cê* e *tu*, foram selecionados também o fator função sintática das variantes: *você*, *cê* e *tu* na função de Sujeito; *você*, e *tu*, na função de Objeto; e *tu/você/cê*, e seus correlatos oblíquos *te/ ti*.

5.3.4.1 As funções sintáticas das variantes: *você*, *cê* e *tu* – sujeito, objeto direto e os correlatos oblíquos

Esses fatores foram considerados com a finalidade de verificarmos a posição do pronome de segunda pessoa do singular *você*, *cê* e *tu*, na oração. Nos dados analisados a seguir, essas variantes apresentam-se da seguinte forma:

a) Sujeito:

(01) *Cê pega o buriti seco.*

(02) *Você coloca o arroz e deixa ele fritar.*

(03) *Tu vai descendo reto, né?*

b) Objeto:

(04) *Eu to falando pra você.*

(05) *Vou começar por você, que é mais jovem.*

(06) *Agora ele tá com raiva de tu mesmo.*

c) *Tu/você/cê* e os correlatos oblíquos *te/ti*:

(07) *Olha... te explicar aqui. /mas eu não sei te falar assim direitinho como que é o procedimento.../ dependendo do que você tiver... Pra mim te perguntar?/Primeiramente seu nome.*

(08) *Você é casada? Cê casou quando? Qual idade de teus meninos?*

De acordo com os exemplos acima, podemos verificar as várias possibilidades combinatórias ou de correspondências que a forma *você* passou a assumir. Essas possibilidades combinatórias podem ser vistas em relação aos pronomes possessivos – *você* – *teu* – *seu*, bem como aos pronomes oblíquos - (*de*) *você* – *te* – *lhe* – *o/a* (LOPES; ROMEU, 2007). Considerando a função sintática da variante, observamos também a posição das formas de segunda pessoa exercendo a função de sujeito e de objeto da oração. No exemplo (05), “*mas eu não sei te falar assim direitinho como que é o procedimento*”, temos uma forma oblíqua, *te*, usada na função de objeto.

Desse modo, percebemos as várias possibilidades de alternâncias dos pronomes de segunda pessoa do singular na amostra da comunidade de fala portuense, embora pouca ocorrência dos pronomes *você* e *tu* na função de objeto direto e *você* e *cê* e seus correlatos

oblíquos *te* e *ti*. Notamos a pouca frequência de uso desse tipo de construção, primeiramente durante as transcrições e depois da primeira rodada que fizemos no programa Goldvarb X. Os resultados confirmaram o que já havíamos visualizado no início das análises durante as transcrições: a maior ocorrência dos pronomes *tu*, *você* e *cê* foi na função de sujeito, conforme podemos verificar nos resultados percentuais na Tabela 10:

Tabela 10: Resultado dos pronomes *tu*, *você*, *cê* na função de Sujeito e *tu*, *você*, *cê* na função de Objeto.

Função sintática	TU		VOCÊ		CÊ		Total %
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	
Na função de sujeito	7/253	2,8%	87/253	34,4%	159/253	62,8%	100%
Na função de objeto	1/33	1,9%	32/33	98,1%	0/33	0,0%	100%
Total de oc.	08		118		180		306

Fonte: Elaboração própria.

Pudemos constatar que 253 dos casos analisados na amostra ocorreram na posição de Sujeito, apresentando um percentual de 62,8% para a variante *cê*, 34,4% para a variante *você* e 2,8% para a variante *tu*. Já na posição de Objeto, houve apenas 33 ocorrências, sendo 98,1% para a variante *você* e 1,9% para a variante *tu*. Não houve ocorrência da variante *cê* na posição de objeto na amostra aqui analisada. Esse resultado mostra que o maior número de ocorrências foi para *tu*, *você* e *cê* na posição de sujeito. Na maior parte das entrevistas, os falantes utilizaram mais a tipologia instrucional, ao explicar sobre as receitas culinárias e sobre os endereços dos pontos turísticos. Esse tipo de situação discursiva tende a favorecer o uso pronominal na função de sujeito.

Tabela 11: Resultados percentuais dos pronomes *você* e *cê*, os correlatos oblíquos *te/ti* e os possessivos *teus/tua*.

Presença do pronome <i>tu</i> , dos correlatos oblíquos <i>te</i> e <i>ti</i> e dos possessivos <i>teus</i> , <i>tua</i> .	Presença de <i>você</i> e <i>cê</i>	Total %
35/306 = 11,4%	271/306 = 88,6%	100%
Total de ocorrências	35	271
		306

Fonte: Elaboração própria.

Conforme observamos, das 306 ocorrências, 271 foram para a presença das variantes

você/cê e 35 ocorrências para a presença do pronome *tu*, dos correlatos oblíquos *te/ti* e dos possessivos *teus/ tua*, totalizaram o percentual de 11,4%. Notemos que a presença das variantes *você/cê* é bem maior: 88,6% de frequência de uso dessas variantes. Podemos concluir que o pronome *tu* não é muito frequente no falar da comunidade pesquisada. Entretanto, foi constatada uma alternância dos pronomes oblíquos *te/ti* e dos possessivos *teus/tua* com os pronomes *você* e *cê*. Constatamos também que o pronome *tu*, quando utilizado no falar dessa comunidade, não é acompanhado de marca verbal de segunda pessoa do singular. Como ilustração, apresentamos, a seguir, exemplos retirados da amostra:

1. “**Tu** já *matou* duas aulas já.”
2. “*Quanto tu começou?*”
3. “**Tu** vai *descendo reto, né?*”
4. “*Daqui a pouco tu vai responder.*”

Percebemos que os falantes portuenses, quando utilizam o pronome *tu*, não fazem a flexão de segunda pessoa do singular. Uma possível justificativa para esse fato é que essa comunidade utiliza com maior frequência as variantes *você/cê* como marca de identidade e de pertencimento à comunidade portuense, e isso possivelmente pode estar refletindo na perda morfológica da marca de segunda pessoa nos verbos que acompanham o pronome *tu*, por este ser pouco frequente no falar dessa comunidade. Nesse sentido, a frequência de uso de uma variante torna-se bastante relevante, pois quanto mais vezes e em diferentes contextos o falante usá-la, ele a empregará facilmente em outros diferentes contextos, modificando seu significado, atribuindo-lhe novas funções (PAIXÃO; NOGUEIRA, 2015).

Evidencia-se, assim, o aspecto cognitivo envolvido no processo dos usos linguísticos relativamente aos pronomes de segunda pessoa do singular, pois a aquisição informal do pronome *tu* está, na comunidade linguística de Porto Nacional, intimamente ligada às marcas de terceira pessoa do singular. Outra possível justificativa para a não flexão verbal do pronome *tu* pode ser conferida no Quadro 13 sobre o paradigma pronominal em uso de Coelho et al. (2015). O quadro mostra que, a partir da migração do pronome *você* de P3s para P2s, surgem novas possibilidades de usos alternativos desses pronomes.

No próximo item, mostraremos uma análise morfossintática dos pronomes *você* e *cê* alternando livremente com o pronome *tu*, com os pronomes possessivos *teu/tua*, bem como com os correlatos oblíquos *te* e *ti*. Esse tipo de alternância ainda é pouco registrado cientificamente no estado do Tocantins. Vejamos a análise morfossintática para esse tipo de alternância.

5.4 Análise morfossintática da alternância da segunda pessoa do singular no falar português

A integração da forma *você* no quadro de pronomes pessoais do português brasileiro ocasionou a reestruturação do sistema em termos das variadas possibilidades combinatórias ou de correspondência que o pronome *você* passou a assumir (LOPES, 2007). O pronome *você* alterna, livremente, com os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos. Vejamos exemplos apresentados por Lopes (2007) sobre as possibilidades dessas alternâncias: *você* – *teu* – *seu* e *você* – *te* – *lhe* – *o/a*. Conforme a autora, essas mudanças ocorridas no quadro pronominal não podem continuar sendo consideradas como “mistura pronominal” ou “falta de uniformidade no tratamento. Contudo, a alternância dessas formas deve ser considerada como novas possibilidades de uso, o que já está ocorrendo atualmente na língua falada. O uso alternado dessas formas ocasionou a mudança do quadro dos pronomes de segunda pessoa do singular. No atual paradigma de 2ª pessoa do singular, já existem essas variadas possibilidades de uso dessas formas. Mostramos exemplos em que falantes alternam as formas *tu*, *te*, *teu*, *seu*, *você*, *cê*:

(07) *mas eu não sei te falar assim direitinho como que é o procedimento dependendo do que você tiver...Pra mim te perguntar?/Primeiramente seu nome /Tu já matou duas aulas já/Se você matar mais uma minha filha, cê fica de recuperação.../Eu tô falando pra você.../Por isso que eu tô falando pra você não matar (aula)./() cê que sabe, tô te dando um conselho pro cê não /Ehm, hoje você apresenta, é hoje que você apresenta.*

(08) *Você é casada? Ce casou quando? Qual idade de teus meninos?*

(09) *Outra coisa, você eu ia te perguntar, seu trabalho cê falou, cê é religiosa? O que você me fala sobre imagem? Eu vou te dar essa explicação sobre imagem? A qui mesmo cê tá vendo. Aquele evangelho ... as bodas de... cê sabe, né? Vocês conhece. Cê não vê os alunos estudar.*

(10) *Pra mim te perguntar?/Primeiramente seu nome.*

Observamos nos exemplos acima que a forma reta *você* é usada em concorrência com a variante *cê*; com o pronome *tu*, com a forma oblíqua *te*; com os pronomes possessivos *teus* e *seu*, indiferentemente, para se referir a segunda pessoa do singular. A partir dos usos alternados desses diferentes pronomes, que surge o novo quadro do sistema pronominal. A partir migração do pronome *você* de 3ª pessoa do singular (P3) para a segunda pessoa do singular (P2). Outras possibilidades de uso surgem com essa mudança, modificando não apenas o paradigma dos pronomes retos e a concordância verbal, mas também provocando mudanças em cadeia que atingem, assim, outros subsistemas pronominais, como a forma oblíqua e a forma possessiva. Vejamos no Quadro 12 exemplos da alternância dessas diferentes formas presente no falar português:

Quadro 12: Paradigma dos pronomes de segunda pessoa do singular em uso em Porto Nacional.

P2s	tu – você - cê	Te, ti, de você, com você, de tu	teu(s), de seu, sua(s), de você, de teus
P3s	ele(a)	dele(a), com ele(a)	seu(s), sua(s), dele, dela

Fonte: Elaboração própria, inspirado no quadro de Coelho et al. (2015).

No Quadro 13, apresentamos o paradigma de segunda pessoa do singular em uso, proposto por Coelho et al. (2015).

QUADRO 13: Paradigma dos pronomes de segunda pessoa do singular em uso.

P2	tu - você	te, ti, contigo, o, a, lhe, se, de você, com você	teu(s), tua(s), seu(s), sua(s), de você
P3	ele(a)	o, a, lhe, se, si, consigo, dele(a), com ele(a)	seu(s), sua(s), dele, dela

Fonte: Paradigma pronominal em uso (COELHO et al., 2015).

Notamos no Quadro 13 uma diversidade linguística ocasionada por essa nova configuração do sistema pronominal, possibilitando a inter-relação entre diferentes variantes de segunda e terceira pessoa do singular. As formas pronominais de P2s e P3s podem conviver mescladas, em um mesmo espaço e tempo, geralmente associadas a diferentes valores sociais, linguísticos e cognitivos. A partir desse quadro, podemos ver o registro do uso alternado das variantes de segunda pessoa do singular, que também está bem presente na fala da comunidade portuense (cf. mostrado no Quadro 12), assim como está presente na fala de vários outros falantes de várias regiões brasileiras. As informações desse quadro fundamentam os resultados dos dados empíricos gerados na região urbana de Porto Nacional, e podemos afirmar que há uma alternância das variantes *tu*, *você* e *cê* com os pronomes oblíquos *te* e *ti*; bem como com os pronomes possessivos *teu*, *seu*, por um mesmo falante, na amostra analisada.

CONCLUSÃO

Apresentados os dados e as análises relativamente ao nosso estudo, retomamos aqui nossos objetivos e hipóteses que nos guiaram em nossa pesquisa. Em relação ao objetivo geral: *descrever o uso da segunda pessoa do singular no falar portuense*, ficou confirmado que a forma mais frequente no uso por essa comunidade é a variante *cê*, pois, das 306 ocorrências levantadas das variantes *tu*, *você* e *cê*, 58,8% foi para a variante *cê*, 38,6% para variante *você* e apenas 2,6% para variante *tu*. Uma razão para a grande ocorrência da variante *cê* em Porto Nacional pode se dever ao fato de o pronome *você* ser mais usado que o pronome *tu* nessa comunidade, formas concorrentes; logo, a forma concorrente *cê* pertence à mesma categoria da variante *você*, a segunda forma mais usada por essa comunidade para representar a segunda pessoa do singular, segundo a amostra aqui analisada.

No que se refere à *alternância da segunda pessoa do singular no falar portuense*, notamos que, dos 36 falantes entrevistados, 25 fazem uso alternados das variantes *tu*, *você* e *cê*, e apenas 11 optaram pelo uso pleno das variantes *você* e *cê*. Esse resultado confirma a nossa primeira hipótese: *um mesmo falante alterna os pronomes tu e você e cê*.

Quanto ao primeiro objetivo específico desse estudo: *verificar em que contextos sociais: idade, sexo e formação o falante portuense alterna os pronomes tu / você e cê e em que medida se dá essa alternância pronominal*, ficou evidente que os fatores sociais são determinantes para a alternância da segunda pessoa do singular no falar da comunidade portuense. Controlamos quatro grupos de fatores sociais para a nossa análise: o fator grau de intimidade entre os locutores e interlocutores na interação, a escolaridade, o sexo do falante e a faixa etária.

A variável “escolaridade” mostrou que os falantes do ensino médio e fundamental possuem maior possibilidade de uso da variante *cê*, apresentando o percentual de 66,1% e 67,6% de ocorrências dessa variante. Enquanto os falantes do ensino superior utilizaram mais frequentemente a variante *você*, totalizando um percentual de 53% de uso dessa variante, o ensino médio 28,9% e o fundamental 30,4%. Já a variante *tu* foi utilizada pelos falantes do ensino superior e médio, apresentando o percentual de 1,7% para o superior e 5,0% para o médio, os falantes do ensino fundamental não fizeram uso dessa variante. A partir desse resultado, constatamos que pessoas que possuem um grau de escolaridade maior são mais propícias a perceberem que existem dois tipos de usos linguísticos, um padrão discursivo representante de um tipo considerado “legítimo”, “elegante”, “aceitável”, “culto”; e a outra forma linguística que representa o oposto disso pela classe social letrada. A metalinguagem

normativa expressa sempre uma polarização e um contraste que são objetos de percepção e de apreensão por parte dos falantes (MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

Observamos que, em relação à variável sexo, a maior ocorrência de uso foi para a variante *cê*, com o percentual de 53,5% para o sexo feminino e 64,1% para o sexo masculino. Em relação à variante *você*, a frequência de uso maior foi para o sexo feminino, apresentando o percentual de 43,3%, enquanto o sexo masculino representa 33,9% de uso da mesma variante. Já a variante *tu*, a frequência de uso foi maior para o sexo feminino, apresentando o percentual de 3,2% e 2,0% para o sexo masculino. A partir desse resultado, respondemos ao seguinte questionamento: qual sexo é mais sensível à variante prestigiada? Os dados percentuais e o resultado do teste de percepção e de produção linguística confirmaram que as mulheres se mostraram mais sensíveis ao uso da variante de prestígio. Foram elas que perceberam com maior rapidez o objetivo da nossa pesquisa. Em relação à faixa etária, os resultados mostraram que a variante *cê* é a mais frequente nos três grupos etários.

Controlamos a variável “grau de intimidade” entre os locutores e interlocutores na interação por entendermos que, numa situação sociodiscursiva, o estilo de fala escolhido pelos locutores e interlocutores pode estar ligado ao grau de intimidade entres esses membros, pois, de acordo com o grau de intimidade, os falantes podem monitorar ou não a fala, levando em consideração o contexto conversacional, social e cognitivo. Esse foi um dos grupos de fatores selecionado pelo Goldvarb X como favorecendo o uso do *tu* para essa variável. Embora a variante *tu* tenha apresentado pouco uso no falar da comunidade portuense, ela foi a que mais se destacou em relação a essa variável, apresentando o peso relativo de 0.989 para íntimo e 0.389 para os não íntimos.

Em nossa análise, buscamos verificar como as variantes são percebidas pelos falantes, captamos trechos significativos para nossa análise a partir da aplicação do teste de percepção e produção linguística. Os resultados desse teste mostraram que alguns falantes, após refletirem sobre as formas de segunda pessoa do singular, passaram a ter consciência linguística das formas pronominais, o que os levaram a optarem pelo uso de uma variante, enquanto outros mantiveram o uso de outra variante. Pudemos perceber, nesse caso, o processo cognitivo envolvido, destacando a capacidade de observação, análise e interpretação do cenário comunicativo de que cada indivíduo dispõe. O processo cognitivo envolvido na variação põe em destaque a particularidade com que cada indivíduo percebe o entorno comunicativo, fazendo com que ele tome consciência de sua individualidade e se posicione como um agente do processo discursivo, podendo eleger uma forma ou outra, a depender das condições sociolinguísticas propícias.

Os resultados percentuais mostraram que, em relação a variável Não percepção – não monitoramento/variação, houve alternância entre as três variantes, apresentando o percentual de 2,9% para a forma *tu*, 35,3% para a forma *você* e 61,8% para a forma *cê*. Nesse primeiro grupo, os falantes ainda não tinham refletido sobre as formas de segunda pessoa do singular. Após a reflexão, 16% dos falantes mudaram o uso da variante *cê* → *você*. Esses falantes começaram a situação discursiva utilizando a forma *cê* e, após reflexões sobre os pronomes, mudaram decisivamente para a forma *você*. Notamos que, após a tomada de consciência linguística, o falante passou a monitorar o seu discurso e, por isso, houve a mudança no uso da variante. Essas atitudes linguísticas são partes integrantes e resultantes da consciência linguística, fator decisivo no comportamento dos falantes em relação às mudanças das formas linguísticas de *cê*, forma de menor prestígio, para *você*, forma de maior prestígio.

Relativamente às variáveis linguísticas controladas no estudo da alternância da segunda pessoa do singular, *tu*, *você* e *cê*, as rodadas estatísticas mostraram que, nas frases interrogativas e não interrogativas, favoreceram o uso da variante *cê*. Em relação à tipologia textual, percentuais constataram 71,8% de ocorrências da variante *cê* para a tipologia instrucional. Esse resultado responde ao questionamento: *a alternância entre os pronomes tu, você e cê está ligada à configuração do contexto conversacional?* Já a tipologia não instrucional favoreceu o uso da variante *você* e *tu*, apresentando o percentual de 51,3% de ocorrência dessa variante para variante *você* e 5,2 % para a variante *tu*, em relação a esse fator.

Para a análise sintática dos pronomes *você*, *cê* e *tu* na função de sujeito oracional foi constatado que 82,7% dos casos analisados na amostra ocorreram na posição de sujeito, apresentando um percentual de 62,5% para a variante *cê*, 34,7% para a variante *você* e 2,8 para a variante *tu*. Na posição de Objeto, houve apenas 33 ocorrências, sendo 98,1% para a variante *você* e 1,9% para a variante *tu*. Não houve ocorrência da variante *cê* na posição de objeto na amostra aqui analisada. Esse resultado mostrou que o maior número de ocorrências foi para *tu*, *você* e *cê* na posição de Sujeito.

Na maior parte das entrevistas, os falantes utilizaram mais a tipologia instrucional, explicando o modo de fazer as receitas culinárias e explicando endereços dos pontos turísticos de Porto. Esse tipo de situação discursiva tende a favorecer o uso pronominal na função de sujeito e, por isso, o favorecimento dessa variável. Em relação ao fator alternância dos pronomes *você/cê*, com o pronome *tu*, os correlatos oblíquos *te/ ti* e os possessivos *teu/tua* ficou confirmado que o pronome *tu*, os correlatos oblíquos *te* e *ti* e os possessivos *teu/tua* não são tão frequentes no falar da comunidade portuense. Realizamos uma análise morfossintática dessas formas e podemos afirmar que há uma alternância das variantes *tu*, *você* e *cê* com os

pronomes oblíquos *te* e *ti* e com os pronomes possessivos *teu*, *seu*, por um mesmo falante, na amostra analisada, com baixa frequência de uso.

No que tange à alternância das variantes *tu*, *você* e *cê*, por falante, na amostra, verificamos qual a forma de segunda pessoa os falantes portuenses de fato usam e quais formas eles disseram usar com os amigos. Os resultados mostraram que a maioria dos falantes portuenses afirmou utilizar a variante *você*; dos 36 falantes, 26 disseram utilizar essa variante, 08 falantes disseram utilizar a variante *tu* e apenas 03 afirmaram utilizar a variante *cê*. Mas, o que de fato ficou constatado a partir dos resultados da nossa pesquisa é que a variante *cê* é a mais utilizada no falar portuense, apresentando o percentual de 58,8% de ocorrências. Em relação ao significado da variação da forma de segunda pessoa do singular, ficou confirmado em nosso estudo que a seleção das variantes “*você/cê*” parece estar condicionada a um sentimento de pertencimento à comunidade de fala portuense.

Portanto, os *modelos são dinâmicos porque nada se constrói do zero; experiências de fatos anteriores, lembranças acumuladas, memória etc., garantem aos usuários da língua adaptações e adequações aos falares, porque estão inseridos em contextos socioculturais, históricos e sociocognitivos observados*. Esses contextos explicaram o porquê de um mesmo falante alternar os pronomes *tu*, *você* e *cê*. Essas alternâncias às vezes são percebidas pelos próprios falantes, motivadas por esses fatores.

Para confirmar as hipóteses, bem como responder aos questionamentos propostos, buscamos respaldo teórico na Sociolinguística Cognitiva, na Sociolinguística Variacionista, na teoria de contexto, na abordagem sociocognitivista, na Linguística Cognitiva, dentre tantas outras leituras que fizemos para chegarmos às considerações finais da alternância da segunda pessoa do singular no falar portuense.

A partir dos embasamentos teóricos da sociolinguística cognitiva, buscamos explicações para a alternância dos pronomes *tu*, *você* e *cê* no falar portuense. Essa teoria mostrou que os fatores cognitivos são fundamentais para explicar tais alternâncias. Um mesmo falante alterna os usos da segunda pessoa do singular, motivados por fatores culturais, sociais, linguísticos e cognitivos. A Sociolinguística Cognitiva, que se ocupa com conhecimento e com a percepção que os falantes têm da variação linguística, vem incorporando informações relativas aos entornos comunicativos, aos processos de interação e ao modo em que esses fatores são percebidos (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). A percepção constitui a base de atitudes linguísticas e sociolinguísticas dos falantes de uma comunidade, em relação às suas variedades e em relação às variedades de outros falantes. Ela se interessa pela produção variável das manifestações linguísticas e pela percepção que os próprios

falantes têm da variação.

O estabelecimento de um diálogo com várias teorias para explicar determinado fenômeno representa um dos objetivos da sociolinguística cognitiva, visto que os fatos e processos sociolinguísticos não seriam definidos exclusivamente ou principalmente pelas suas características intrínsecas, objetiváveis, mas pela forma como eles são percebidos subjetivamente pelos falantes. Assim, focar nossa análise somente nos níveis socioculturais, de acordo com a profissão, nível de escolaridade, sexo/gênero e faixa etária dos falantes mostrou-se insuficiente aos propósitos apresentados. Buscamos, sobretudo, considerar a percepção como um processo cognitivo e, portanto, o aparato epistemológico da Linguística Cognitiva, aplicável em qualquer campo perceptivo das línguas.

Evidenciamos aqui uma nova base teórica para analisar o processo de alternância da segunda pessoa do singular no falar da comunidade de Porto Nacional. Enfatizamos que os estudos da variação e da mudança linguísticas ganharam mais um aparato teórico e metodológico com o surgimento da Sociolinguística Cognitiva. Os estudos linguísticos de forma geral, bem como o nosso fenômeno, ganharam maior suporte a partir da integração da parte cognitiva, semântica e social para a explicação das escolhas linguísticas. Essa proposta integradora ficou evidente no nosso estudo ao incluirmos na natureza social do estudo da variação um aparato cognitivo que faz mediação entre o mundo e a categorização.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **“Por onde tá 'o tu'?” no português falado no Maranhão.** *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 15/1, p. 13-31, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/11776/11181>>. Acesso em: 30 mai. 2016.
- ARAÚJO, Kleiton Ribeiro de. **Esboço do atlas linguístico lexical de Porto Nacional:** contribuições para a dialetologia e geolinguística tocantinense. 2014. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Fundação Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional.
- BERNÁRDEZ, E. Social cognition: variation, language, and culture in a cognitive linguistic typology. In: RUIZ DE MENDOZA, F. J.; PEÑA CERVEL, S. (Eds.). **Cognitive Linguistics: Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 191-222.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade:** estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BRANDÃO, A. J. Costa. **Almanach da Província de Goiás para o ano de 1886.** Goiânia: UFG, 1978.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística:** Uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Descrição histórica e aquisição do português brasileiro.** São Paulo. Pontes Editores, 2007.
- CHAIM, Marivone de Matos. **Os aldeamentos indígenas na capitania de Goiás (1749-1811):** Sua importância na política de povoamento de Goiânia: Oriente, 1974.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory:** linguistic variation and its social significance. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 1995.
- CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. **Introdução à Linguística Cognitiva.** Matruga, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, 2009.
- CHOMSKY, N. A. **Reflections on language.** New York: Pantheon, 1975.
- COELHO, L. et al. **Para conhecer a Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.
- COSTA, Raimundo Nonato Oliveira; BALSAN, Rosane. **Movimento migratório e história de vida dos idosos de Porto Nacional, TO.** *Revista Interface*, n. 11, p. 202-215, mai. 2016.
- DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. **Métodos mistos de pesquisa em Educação:** Pressupostos teóricos. *Nuances: estudo sobre Educação*, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013.
- DOLES, Dalísia. **Navegação pelo Araguaia e Tocantins.** Goiânia: Ed. Oriente, 1973.

- ECKERT, P. **Three waves of variation studies**. 2009. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWavesofVariation.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2010.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueira E. **A economia do Tocantins**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/a-economia-tocantins.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2016.
- GEERAERTS, Dirk. Lectal variation and empirical data in Cognitive Linguistics. In: MENDOZA, Francisco J. Ruiz de; PEÑA CERVEL, Sandra (Eds.) **Cognitive Linguistics: Internal dynamics and interdisciplinary interactions**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 163-189.
- GIRALDIN, Odair. **A (trans) formação histórica do Tocantins**. Goiânia: Ed. UFG, 2002.
- _____. **Pontal e Porto Real: dois arraiais do norte de Goiás e os conflitos com os Xerente nos séculos XVIII e XIX**. Revista Amazonense de História, v. 1, n. 1, p. 131-146. Jan./dez. 2002.
- GODINHO, Durval C. **História de Porto Nacional**. [S.l.]: [s.n.]. 1988.
- GUIMARÃES, Thelma de Carvalho. **Comunicação e Linguagem**. São Paulo: Pearson, 2012.
- GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [**Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008].
- LEVINSON, S. **Pesumptive meaning**. Cambridge: MIT Press, 2000.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi; MENON, Odete Pereira da Silva. **Você, Océ e Cê em Curitiba**, Paraná. Signum: Estud. Ling., Londrina, p. 223-243, 2012.
- MARTINS, Marcos Antonio; ABRAÇADO, Jussara. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Sociolinguística cognitiva: Propositiones, escolios y debates**. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2012.
- NASCENTES, Antenor. **O tratamento de “você” no Brasil**. Letras, n. 5/6, p. 114-122, 1956.
- OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um Porto no Sertão: Culturas e cotidiano em Porto Nacional – 1880 a 1910**. Goiânia. Ed. UFG, 2002.

_____. OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um Porto no Sertão Cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910**. 1997. 177f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

PAIXÃO, Ricardo dos Santos; NOGUEIRA, Priscila de Almeida. **Processo de Cognição e de Linguagem: Diálogo Interdisciplinar**. In: **Linguagem e Cognição: Um diálogo interdisciplinar**. São Paulo: Pensa Multimédia, 2015.

PALACIN, Luiz. **Goiás: 1722-1822**. Goiânia, Ed. Oriente, 1976.

PARENTE, Temis Gomes. **Fundamentos históricos do Estado do Tocantins**. Goiânia: Ed. UFG, 2007.

PEDRAZA, Andrea Pizarro **Tabú y eufemismo en la ciudad de Madrid Estudio sociolingüístico-cognitivo de los conceptos sexuales**. 2014. 413f. Tese (Doutorado em Mención Europea) - Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, Madri.

PERES, Edenize Ponzo. **De “Nossa Mercê” a “cê”**: os processos de uma mudança em curso. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 1, n. 1, Vitória, p. 155-168, 2007.

PERINI, Mário A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

POVOA, Liberato. **História didática do Tocantins**. Goiânia: Ed. Kelps, 2004.

PRADO, JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ROCHA, Patrícia Graciela da. **Qual forma pronominal você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe?** Uma reflexão sobre a escolha de tratamento nas relações assimétricas em Florianópolis/SC. *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, Ano 09, n. 17, 2º semestre de 2013. ISSN 1807-5193.

RODRIGUES, Edivaldo de Souza. **Pontal. Porto Nacional**, TO: Martmonter, 2008.

SCHERRE, Marta et al. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, Marcos Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SILVA, Daniel Marra da. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SILVA, Ivanilde da Silva. **“Mistura pronominal” ou naturalidade do sincretismo na fala popular do Brasil?** 2014.

SOARES DA SILVA, Augusto. **Integrando a variação social a métodos quantitativos na investigação sobre a linguagem e cognição**: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 16, n. 1, p. 49-81, 2008.

_____. **A Sociolinguística Cognitiva:** razões e escopo de uma nova área de investigação linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades: Estudos Linguísticos*, 2009, v. 13, n. 1, p. 191-212.

_____. **Palavras, significados e conceitos:** O significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. *Cadernos de Letras da UFF: Dossiê Letras e Cognição*, n. 44, p. 27-53, 2010.

THOMAS, E. R. **Sociolinguistic Variables and Cognition.** *Advanced Review*, v. 2, Nov./Dec. 2011.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto:** Uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ANEXO

ANEXO
PARECER SUBSTANCIADO DO CEP

